

C E E J A



MUNDO DO
TRABALHO

LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO MÉDIO
VOLUME 2

Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do País, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Língua Portuguesa : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2015.
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 2)

Conteúdo: v. 2. 2ª série do Ensino Médio.

ISBN: 978-85-8312-119-0 (Impresso)

978-85-8312-097-1 (Digital)

1. Língua Portuguesa – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Médio.
3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Márcio Luiz França Gomes

Secretário

Cláudio Valverde

Secretário-Adjunto

Maurício Juvenal

Chefe de Gabinete

Marco Antonio da Silva

*Coordenador de Ensino Técnico,
Tecnológico e Profissionalizante*

Secretaria da Educação

Herman Voorwald

Secretário

Cleide Bauab Eid Bochixio

Secretária-Adjunta

Fernando Padula Novaes

Chefe de Gabinete

Ghisleine Trigo Silveira

Coordenadora de Gestão da Educação Básica

Mertila Larcher de Moraes

Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Aparecida de Oliveira, Adriana dos Santos
Cunha, Durcilene Maria de Araujo Rodrigues,
Gisele Fernandes Silveira Farisco, Luiz Carlos Tozetto,
Raul Ravanelli Neto, Sabrina Moreira Rocha,
Virginia Nunes de Oliveira Mendes
Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto
Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa
Diretor Executivo

Márgara Raquel Cunha
Diretora Técnica de Formação Profissional

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica
Impressos: Dilma Fabri Marão Pichoneri
Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica
Ana Paula Alves de Lavos, Carlos Ricardo Bifi, Elen Cristina
S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily Hozokawa Dias, Fabiana
de Cássia Rodrigues, Fernando Manzieri Heder, Herbert

Rodrigues, Jonathan Nascimento, Laís Schalch, Liliane
Bordignon de Souza, Maria Helena de Castro Lima, Paula
Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Borghi
Venco e Walkiria Rigolon

Autores
Arte: Roseli Ventrella e Terezinha Guerra; *Biologia*: José Manoel
Martins, Marcos Egelstein, Maria Graciete Carramate Lopes
e Vinicius Signorelli; *Filosofia*: Juliana Litvin de Almeida e
Tiago Abreu Nogueira; *Física*: Gustavo Isaac Killner; *Geografia*:
Roberto Giansanti e Silas Martins Junqueira; *História*: Denise
Mendes e Márcia Juliana Santos; *Inglês*: Eduardo Portela;
Língua Portuguesa: Kátia Lomba Brakling; *Matemática*: Antonio
José Lopes; *Química*: Olímpio Salgado; *Sociologia*: Dilma Fabri
Marão Pichoneri e Selma Borghi Venco

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola
Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira
Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias em Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal
Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e
Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Gestão Editorial
Denise Blanes

Equipe de Produção
Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes
Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas
de Araújo, Alícia Toffani, Amarilis L. Maciel, Ana Paula S.
Bezerra, Andressa Serena de Oliveira, Bárbara Odria Vieira,
Carolina H. Mestriner, Caroline Domingos de Souza, Cíntia

Leitão, Cláudia Letícia Vendrame Santos, David dos Santos
Silva, Eloiza Mendes Lopes, Érika Domingues do Nascimento,
Fernanda Brito Bincoletto, Flávia Beraldo Ferrare, Jean Kleber
Silva, Leonardo Gonçalves, Lorena Vita Ferreira, Lucas Puntel
Carrasco, Luiza Thebas, Mainã Greeb Vicente, Marcus Ecclissi,
Maria Inez de Souza, Mariana Padoan, Natália Kessuani Bego
Maurício, Olivia Frade Zambone, Paula Felix Palma, Pedro
Carvalho, Polyanna Costa, Priscila Risso, Raquel Benchimol
Rosenthal, Tatiana F. Souza, Tatiana Pavanelli Valsi, Thaís Nori
Cornetta, Thamires Carolline Balog de Mattos e Vanessa Bianco
Felix de Oliveira

Direitos autorais e iconografia: Ana Beatriz Freire, Aparecido
Francisco, Fernanda Catalão, José Carlos Augusto, Larissa Polix
Barbosa, Maria Magalhães de Alencastro, Mayara Ribeiro de
Souza, Priscila Garofalo, Rita De Luca, Roberto Polacov, Sandro
Carrasco e Stella Mesquita

Apoio à produção: Aparecida Ferraz da Silva, Fernanda Queiroz,
Luiz Roberto Vital Pinto, Maria Regina Xavier de Brito, Natália
S. Moreira e Valéria Aranha

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo
Russo e Casa de Ideias

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Médio e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Já na aba **Conteúdo EJA**, poderá acessar os Cadernos e vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.

TENHO DÚVIDAS JÁ ESTUDEI **Unidade 1 – A carta de leitor na mídia impressa.....9**Tema 1 – Uma história de leitores e cartas.....9 Tema 2 – Carta argumentativa de leitor na mídia impressa.....16 **Unidade 2 – Um leitor que pensa e que diz o que pensa sobre o que leu.....28**Tema 1 – O que caracteriza uma carta argumentativa de leitor?.....28 Tema 2 – Editar é preciso.....47 Tema 3 – A elaboração de uma carta argumentativa de leitor.....56 **Unidade 3 – Para bem escrever: a coerência e a coesão dos textos.....69**Tema 1 – As ideias de um texto e as relações que estabelecem entre si.....69 Tema 2 – E a coesão, o que é?.....77 **Unidade 4 – A poesia, a canção popular e o poema 88**Tema 1 – A canção popular: suas asas e raízes.....88 Tema 2 – O parto de uma canção.....100 Tema 3 – As múltiplas vozes das canções.....112 **Unidade 5 – Resumir para estudar.....120**Tema 1 – O que é, para que e como resumir um texto?.....120 Tema 2 – A elaboração independente de um resumo acadêmico.....136

Caro(a) estudante,

Você está começando agora mais uma etapa do Ensino Médio da disciplina Língua Portuguesa do Programa EJA – Mundo do Trabalho. O retorno aos estudos, sem dúvida, é uma decisão importante para você. Este Caderno de Língua Portuguesa – Volume 2 visa aperfeiçoar seus conhecimentos, ajudando-o a ler, escrever, interpretar e produzir textos diversos. Ele está dividido em cinco Unidades.

A Unidade 1 trará para você informações a respeito das cartas que os leitores costumam escrever quando leem jornais e revistas, mostrando as diferentes razões pelas quais as elaboram; explicará o que é preciso considerar se quiser que sua carta seja publicada, e também o modo de organizar uma carta de leitor.

A Unidade 2 proporá a você a produção de uma carta de leitor, que deverá ser escrita a partir da leitura de uma matéria de sua escolha. Você será orientado sobre como redigir e como revisar sua carta, de modo a torná-la a mais adequada possível ao contexto definido para que seja publicada efetivamente.

Na Unidade 3, serão realizados estudos sobre quais procedimentos e recursos podem ser empregados para manter a coesão e a coerência dos textos, garantindo-lhes unidade de sentido, o que é fundamental para que as ideias do autor sejam compreendidas pelo leitor.

Na Unidade 4, você vai ler – e estudar – letras de canções que são poemas e poemas que foram transformados em letras de canções. Serão apresentadas letras muito especiais, e você estudará os recursos linguísticos utilizados pelos autores, de modo que também possa empregá-los nas suas produções posteriormente.

Na Unidade 5, você se dedicará ao estudo dos resumos acadêmicos, analisando sua finalidade, bem como os processos envolvidos na sua produção e os procedimentos que devem ser adotados para garantir a produção de um bom resumo, tais como critérios para sintetizar as informações do texto; recursos necessários para articular os dados que restaram do processo de sumarização, ou seja, do processo de redução de informações.

Você terá muito trabalho pela frente, mas o bom é que será ótimo! Então, mãos à obra.

Bons estudos!

TEMAS

1. Uma história de leitores e cartas
2. Carta argumentativa de leitor na mídia impressa

Introdução

Nesta Unidade, você estudará as cartas de leitor que são publicadas em jornais e revistas, considerando como e por que elas são escritas. Também será abordado o modo de organizar uma carta de leitor e, ainda, o que alguém precisa considerar se quiser que sua carta seja publicada. Afinal, a carta é um recurso por meio do qual é possível se posicionar diante de um assunto abordado em matérias publicadas em um jornal ou uma revista, ou diante do modo como esse assunto foi tratado por esses veículos. Quando se manifesta, o indivíduo constitui suas opiniões e contribui para que outros leitores também o façam.

Uma história de leitores e cartas **TEMA 1**

O estudo sobre cartas de leitor será iniciado com uma breve história do gênero, focalizando tanto algumas finalidades que têm levado as pessoas a utilizarem as cartas no seu cotidiano como as diversas situações nas quais hoje em dia esse tipo de comunicação a distância é utilizado.

**O QUE VOCÊ JÁ SABE?**

Refleta sobre as questões a seguir e registre suas observações.

- Você já escreveu cartas a alguém?

- Para quem escreveu?

- Por quais razões?

- Alguma vez aconteceu de você querer escrever para jornais ou revistas a respeito de alguma matéria que tenha visto? Por que você teve vontade de escrever? Conte como foi.

- Faça uma lista das razões que você acha que levam as pessoas a escrever para jornais e revistas.



Da Grécia à comunicação eletrônica: um olhar geral sobre o gênero carta

A carta é um texto presente na vida de muitas pessoas, utilizado com diferentes fins: agradecer serviços ou favores prestados, solicitar informações a respeito de diferentes assuntos, realizar cobranças, mandar notícias a familiares distantes, declarar amor, pedir providências com relação a problemas de diversas naturezas, reclamar de serviços prestados.

Muitas vezes, a carta diminui distâncias, pois permite a comunicação entre duas ou mais pessoas que estejam distantes uma da outra geograficamente. A carta pode também favorecer o diálogo entre pessoas ligadas por algum tipo de relação social, seja ela familiar, profissional, administrativa, religiosa, de consumo ou de outra natureza qualquer.

Esse gênero textual surgiu na Grécia Antiga e, ao longo da história da humanidade, já foi utilizado para tratar de questões muito diversas, incluindo

militares e até políticas. O Brasil, por exemplo, antes mesmo de receber esse nome, foi tema da famosa carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, a *primeira carta do País*.

O universo das artes também é povoado por relatos marcados pela presença de cartas. Vários romances já foram escritos a partir delas. O livro *Éramos jovens na guerra*, de Sarah Wallis e Svetlana Palmer, é uma coletânea de cartas escritas por jovens durante a 2ª Guerra Mundial, que revelam suas impressões sobre o momento que viviam. Já *Cartas a um jovem poeta* apresenta a correspondência entre o autor, Rainer Maria Rilke, e um jovem poeta que lhe pedia conselhos sobre como escrever. *Cartas para Julieta* – livro que foi transformado em filme – conta a história das cartas que são enviadas por pessoas do mundo todo a Julieta, personagem do clássico romance *Romeu e Julieta*. O romance *O carteiro e o poeta* é outra obra transformada em filme: fala da amizade que havia entre o poeta Pablo Neruda e um carteiro.

Como se vê, são muitas as possibilidades.

As cartas podem variar muito, dependendo da intencionalidade de quem as escreve, do seu estilo e conteúdo, que pode ser mais formal ou informal, de acordo com cada situação. A carta pessoal é, de fato, uma forma de correspondência muito especial. E isso é particularmente verdade quando se fala da relação entre duas pessoas que se conhecem. Mas e quanto à correspondência entre aqueles que não se conhecem, que nunca se viram? Você já ouviu falar de algo assim?

Hoje em dia, a correspondência eletrônica entre pessoas que nunca se viram e que se conhecem por meio de sites de relacionamento é bastante comum. No entanto, a interação entre pessoas desconhecidas já existia mesmo antes da era da informática.

A carta do leitor é um desses modos. Para você ter uma ideia, vários jornais brasileiros do século XIX já publicavam a opinião de seus leitores a respeito das notícias que divulgavam.



FICA A DICA!

O livro *Cartas para Julieta*, de Lise e Ceil Friedman (2010), conta a história das cartas que são enviadas para Julieta, personagem do romance *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, com pedidos de conselhos amorosos. Elas são endereçadas a Verona, na Itália, e todas são respondidas por um grupo de voluntários há mais de 70 anos.

O carteiro e o poeta (1985), escrito por Antonio Skármeta, é mais uma obra transformada em filme. Trata-se de uma novela que narra a amizade que existia entre o poeta Pablo Neruda e o carteiro Mário Jimenez, nascida durante o exílio de Neruda na Itália.

Diversas leituras, variados textos e diferentes cartas

Atualmente, os jornais e revistas impressos ou eletrônicos costumam ter um espaço para a comunicação direta com o seu leitor, tanto para saber a opinião dele a respeito de temas e assuntos que foram abordados como para fazer um levantamento do impacto que essa abordagem está provocando na totalidade dos leitores do veículo.

Isso se dá por, pelo menos, duas razões: por um lado, porque essas mídias têm um compromisso com a divulgação de informação e com a formação de opinião pública; por outro, porque são instituições comerciais, que sobrevivem dos lucros obtidos com a venda do que produzem e, sendo assim, precisam tanto oferecer ao leitor o que lhe agrada quanto ampliar o seu alcance atingindo novas camadas do mercado, novos públicos.

Esse espaço de comunicação com o leitor tem se ampliado cada vez mais. Há jornais impressos e eletrônicos que têm dedicado páginas inteiras a essa comunicação. No jornal *Folha de S.Paulo*, por exemplo, há uma seção intitulada *Painel do leitor*, na qual há espaço para que o público envie notícias para o jornal, dê sugestões de temas de seu interesse, participe de enquetes – ou pesquisas – sobre assuntos do momento, mostre sua posição sobre necessidades de mudança nos bairros em que vive, por exemplo. Existem, ainda, quadros que informam quais notícias foram as mais lidas, as mais comentadas, e, além disso, são apresentadas matérias que tiveram grande repercussão nas redes sociais.

Esse espaço de comunicação com o leitor, evidentemente, pode prever a publicação de cartas ao editor, à redação ou, quando se trata da mídia eletrônica, de comentários diretamente abaixo da matéria lida. Já no caso da mídia impressa, as cartas podem ser enviadas pelo correio tradicional (físico) ou eletrônico, o *e-mail*.

As cartas do leitor podem ser escritas por diferentes razões e finalidades. Veja as razões apresentadas na atividade a seguir.

ATIVIDADE

1

As diferentes razões pelas quais as cartas de leitor são escritas

Leia algumas cartas de leitor que poderiam ter sido enviadas a uma revista em circulação na mídia. Procure identificar o que dizem e as razões pelas quais foram escritas.

Carta 1

Iluminação e privacidade nas nossas refeições

A janela da sala de jantar de minha casa fica próxima à do apartamento da frente. Que tipo de cortina devo utilizar para garantir a nossa privacidade sem deixar o espaço muito escuro?

Célia Regina (Bauru/SP)

Carta 2

Não é fácil, não

Gostaria apenas de engrossar o coro da leitora Cristiane Ramos na seção de cartas do número anterior desta revista: a distribuição anda de mal a pior. No ano passado, mudei-me para Porto Alegre e fiquei três meses sem receber meus exemplares! Reclamei com a editora e me deram mais três meses de assinatura, achando que isso resolveria o problema. Eu não quero saber de revistas no futuro, quero minhas revistas no presente!

Sacha Oliveira (Porto Alegre/RS)

Carta 3

Comportamento

A espera pela adoção ainda é grande. Muitos jovens ficam aguardando na fila por longos meses, para não dizer anos. No caso das crianças e dos adolescentes especiais, a situação é ainda mais grave. O problema fundamental está na lentidão do judiciário. Reportagem *Adoção sem Entraves*.

Joana Albuquerque (Rio de Janeiro/RJ)

Carta 4

Fiquei muito feliz com a última edição da revista. Sou assinante há anos e, pela primeira vez, a capa me fez sorrir. Parabéns por todas as ideias maravilhosas da edição.

Maria Rita Soares (Campo Grande/MS)

1 Preencha o quadro a seguir, considerando a finalidade de cada uma das cartas. Marque apenas as finalidades que corresponderem às cartas lidas.

Para que foi escrita?	Carta			
	1	2	3	4
Para cumprimentar a revista por determinada matéria.				
Para cumprimentar a revista pela edição toda.				
Para discordar de uma matéria.				
Para concordar com uma matéria, comentando-a, podendo acrescentar informações e dados para completá-la.				
Para reclamar sobre o tratamento dado a um assunto por determinado veículo.				
Para reclamar do procedimento de um veículo como instituição responsável por um serviço.				
Para solicitar informações sobre um assunto de interesse pessoal do leitor.				

2 Em sua opinião, por que algumas das cartas apresentadas foram publicadas com título e uma delas não? Você acha que os próprios autores definiram esses títulos? Por quê?

HORA DA CHECAGEM

Confira agora as respostas que você escreveu para a atividade proposta. Leia os comentários a seguir e reflita sobre suas escolhas: se elas se aproximaram dos comentários ou não; em que se aproximaram e em que se distanciaram; o que os comentários acrescentaram; quais aspectos os comentários não contemplaram.

Pontos de vista diferentes são inevitáveis quando se trata de linguagem verbal. No entanto, é muito importante que princípios sejam comuns, que haja um fio de sentido central orientando o estudo que está sendo realizado.

Atividade 1 - As diferentes razões pelas quais as cartas de leitor são escritas

1 A intenção era que você analisasse cada uma das cartas em relação à sua finalidade específica. Verificando as cartas, há a seguinte correspondência:

Para que foi escrita?	Carta			
	1	2	3	4
Para cumprimentar a revista por determinada matéria.				
Para cumprimentar a revista pela edição toda.				X
Para discordar de uma matéria.				
Para concordar com uma matéria, comentando-a, podendo acrescentar informações e dados a completá-la.			X	
Para reclamar sobre o tratamento dado a um assunto por determinado veículo.				
Para reclamar do procedimento de um veículo como instituição responsável por um serviço.		X		
Para solicitar informações sobre um assunto de interesse pessoal do leitor.	X			

2 A resposta a essa questão é de caráter pessoal. Você pode ter pensado em vários aspectos que a sua experiência com esse tipo de texto lhe permitiu. Sendo assim, apenas tenha o cuidado de analisar se as razões que você enumerou para a presença ou não dos títulos fazem sentido quando se considera as características do texto, o lugar onde foi publicado, as possíveis intenções de cada autor.



Registro de dúvidas e comentários

Ao longo da história, vários tipos de carta foram surgindo: a familiar, a carta íntima, a de amor, a carta propaganda, a carta aberta, a de solicitação, a de reclamação, a carta ao leitor, a carta do leitor, entre outros. As necessidades sociais é que vão determinando essas mudanças nos textos e nos gêneros que circulam socialmente.

Neste tema, você estudará a diversidade de modos pelos quais os leitores podem se comunicar com revistas e jornais, priorizando a mídia impressa. Serão focalizados três aspectos essenciais: a compreensão de que existem vários tipos de cartas de leitor, que são determinados pelas finalidades que este tem ao escrever; a identificação da carta argumentativa de leitor como um desses tipos e como aquele que será o foco do seu trabalho; a identificação das variadas razões pelas quais as cartas argumentativas de leitor são escritas.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Refleta sobre as questões a seguir e registre suas observações.

- Você já reparou nas cartas de leitor que são publicadas nos jornais e nas revistas que lê? Em que parte, caderno ou seção você as encontrou?

- Você acha que as cartas foram publicadas do mesmo jeito que foram escritas pelos leitores? Por quê?

- Você já escreveu para algum jornal ou revista alguma vez? O que o levou a fazer isso?

- Sua carta foi aceita e publicada? Em caso afirmativo, você gostou do modo como ela apareceu no jornal ou na revista? Conte por quê.

- Selecione uma carta que você encontrou e lhe chamou a atenção. Recorte-a, cole-a em seu caderno – ou copie-a – e explique por que a escolheu.



Os leitores e suas cartas

Como você começou a ver no Tema 1, as cartas de leitor podem ser escritas por várias razões. Dependendo do tipo da revista, do jornal e da seção específica, as cartas podem abranger vários assuntos.

Revistas direcionadas para adolescentes, por exemplo, podem conter solicitações à abordagem de questões íntimas que sejam difíceis para os meninos e as meninas falarem com os pais, como: *estou pensando em ter relações sexuais com meu namorado e gostaria de saber o que fazer para me proteger*. Revistas que tratam de assuntos científicos podem receber pedidos para lidarem com temas que despertam a curiosidade do leitor, como: *Por que a gente toma choque quando abre uma torneira elétrica descalço e está com a mão machucada?* Revistas direcionadas à família e aos cuidados com os filhos talvez sejam solicitadas a tocar em assuntos como amamentação do recém-nascido etc.

Você deve ter percebido que, quando a carta se refere a uma matéria específica, é necessário indicar qual é essa matéria para que o leitor possa compreender o comentário realizado, identificando a que se refere (é o caso da carta 3 da Atividade 1 do Tema 1). Além disso, as cartas de leitor podem se referir a outras cartas de leitor lidas em edições anteriores do jornal (ou da revista), como no caso da carta 2 da mesma atividade.

O foco do estudo deste tema são as cartas de leitor que **comentam criticamente** o assunto de matérias lidas, o modo como o assunto foi tratado na matéria por determinado jornalista ou, até mesmo, o tratamento que o veículo está dando ao tema de modo geral em suas edições. Essas cartas são chamadas de **cartas argumentativas de leitor**. É ao estudo delas que você se dedicará a seguir.

ATIVIDADE

1

Diferentes textos podem gerar cartas de leitor

1 Leia os textos a seguir, que poderiam estar publicados na mídia.

Cartas 1 e 2

Corte de árvores

Depois de ler a reportagem *Prefeitura de SP corta 12 árvores de parque tombado* (Cotidiano, ontem), sinceramente, fico com uma dúvida: Será que a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente não recebe alguma bonificação por cada árvore retirada das ruas? Falo por experiência própria, pois, recentemente, uma árvore da calçada da minha casa foi cortada, e só alguns dias depois fui descobrir que, na verdade, não era necessário derrubá-la. Pedi esclarecimentos no SAC e na ouvidoria da Secretaria, mas, até agora, não houve nenhuma manifestação a respeito.

Francielle Alencar (Pinheiros/São Paulo, SP)

Há um mês venho reclamando do estrago feito nas árvores do meu bairro, aqui bem perto de minha casa: um verdadeiro desmatamento ilegal. Já fui à Unidade de Áreas Verdes da Subprefeitura, e nenhuma providência foi tomada. Descobri que nem sequer havia uma ordem de serviço ou qualquer publicação no Diário Oficial. Pra completar o desserviço, foi cortado um fio de energia que abastece minha casa. Os funcionários responsáveis, quando se deram conta do que fizeram, desapareceram. Deveríamos todos depositar o IPTU em juízo até que o prefeito aprenda seu ofício.

Estela Maris Ferreira (Mooca/São Paulo, SP)

a) Qual é o assunto desses textos?

b) Você diria que foram escritos a partir da leitura da mesma matéria? De que modo chegou a essa conclusão?

c) Você diria que Francielle e Estela Maris escreveram pelas mesmas razões? Explique por que você pensa assim.

2 O texto a seguir é aquele ao qual os comentários de Francielle e Estela Maris se referem. Trata-se de uma notícia publicada no caderno Cotidiano, do jornal *Folha de S.Paulo*, em 18 de fevereiro de 2014.

FOLHA DE S.PAULO | COTIDIANO

São Paulo, 18 de fevereiro de 2014

Prefeitura de SP corta 12 árvores de parque tombado

CONSELHO DE PATRIMÔNIO, RESPONSÁVEL PELA PRESERVAÇÃO DO PARQUE DA INDEPENDÊNCIA, AFIRMA QUE NÃO FOI CONSULTADO

SECRETARIA AFIRMA QUE ELAS CORRIAM RISCO DE CAIR E FORAM DERRUBADAS POR PRECAUÇÃO; PALMEIRA TINHA 60 ANOS

**LEANDRO MACHADO
DE SÃO PAULO**

Doze árvores – entre elas uma palmeira-leque com cerca de 30 metros e mais de 60 anos – foram derrubadas pela Prefeitura de São Paulo no parque da Independência, no Ipiranga, sem autorização.

A área verde, anexa ao famoso museu do Ipiranga, é tombada como patrimônio histórico. Por isso, qualquer intervenção, mesmo a poda ou o corte de árvores, precisa de permissão do órgão estadual responsável pela preservação do local, o Condephaat, que diz não ter sido consultado.

As árvores foram cortadas nas últimas semanas pela Secretaria do

Verde e do Meio Ambiente. Onze ainda devem ser derrubadas, segundo o despacho da pasta publicado no “Diário Oficial”. Há ainda outras árvores a serem podadas ou transferidas de local.

A administração do complexo é dividida entre a prefeitura, que cuida do parque, e a USP, responsável pelo museu. Há ainda um conselho gestor, formado por seis moradores do bairro na zona sul.

A secretaria argumenta que as 23 árvores corriam risco de cair, e que 21 delas eram jovens e de pequeno porte. O corte, diz a pasta, é para

São Paulo, 18 de fevereiro de 2014

FOLHA DE S. PAULO | COTIDIANO

garantir a segurança de funcionários e frequentadores.

Algumas das 12 derrubadas estavam no entorno de um transformador elétrico com fios à mostra. A secretaria prevê que uma clareira de 12 metros seja aberta ao redor do equipamento.

A palmeira-leque cortada ficava bem em frente à sede do museu, fechado para reformas desde o ano passado.

Outro exemplar dessa espécie, com 89 anos, só não foi derrubado na terça passada porque um membro do conselho gestor se pôs à frente dela.

“Falei que não iam cortar e pronto”, afirma Celso Henriques de Paula, 58.

Após discussões, um funcionário do parque ligou para o Condephaat e descobriu que o órgão não havia sido consultado pela prefeitura. O conselho de patrimônio diz que vai enviar um técnico para avaliar as medidas da gestão Fernando Haddad (PT).

A secretaria afirma que as ações estão previstas “no escopo do contrato de manejo e são executadas considerando vegetação e o local onde [a árvore] está plantada”.

A pasta diz que, como corriam risco de cair e ferir frequentadores, as árvores podem ser removidas em caráter emergencial sem a aprovação do Condephaat. Além disso, afirma que solicitou 125 mudas para plantio no parque.

Folha de S. Paulo, 18 fev. 2014. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/152791-prefeitura-de-sp-corta-12-arvores-de-parque-tombado.shtml>>. Acesso em: 29 ago. 2014.

a) Ao ler o texto anterior, você considera que os comentários das duas leitoras confirmam ou não o que foi apresentado na matéria? Explique sua posição.

b) No final do texto, afirma-se que “como corriam risco de cair e ferir frequentadores, as árvores podem ser removidas em caráter emergencial sem a aprovação do Condephaat”.

De acordo com o *iDicionário Aulete*, *remover* não significa apenas *dar sumiço* ou *eliminar*, mas também:

1. Mover de novo, mudar (algo ou alguém) de um lugar para outro. [...] 2. Conduzir ou transportar de um ponto para outro. [...] 7. P. us. Conduzir, levar [...].

© iDicionário Aulete. <www.aulete.com.br>

Além disso, de acordo com o site da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP), um dos serviços que a prefeitura realiza é o de transplante de árvores. Veja algumas informações que constam na Ficha de Serviço que segue:

BLOCO/ÁREA	OBRAS E SERVIÇOS
SERVIÇO	Transplante de Árvores (Remoção de Árvore + Plantio de Árvore)
ÓRGÃO(S) SUPERIOR(ES) RESPONSÁVEL(IS) PELO SERVIÇO	(CMIU) Coordenação de Manutenção e Infraestrutura Urbana (SSP) Supervisão de Serviços Públicos (UPJ) Unidade de Parques e Jardins
DESCRIÇÃO DETALHADA DO SERVIÇO	Podem ser solicitados em casos de árvores que se encontram em vias públicas e só podem ser realizadas após a autorização dos órgãos competentes, conforme legislação em vigor.

PREFEITURA da Cidade de São Paulo. Obras e serviços. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/pracas_de_atendimento/index.php?p=13301>. Acesso em: 29 ago. 2014.

Considerando essas informações, que outra solução seria possível para as árvores citadas na notícia? Você considera a solução que a prefeitura deu a mais adequada? Por quê?



O que caracteriza uma carta argumentativa de leitor?

Conforme afirmado anteriormente, o estudo que você está realizando refere-se às cartas de leitor que apresentam comentários críticos: ao assunto da matéria lida; ao tratamento temático dado ao assunto pelo autor da matéria; ao tratamento dado a determinado tema por um veículo, de modo geral.

As cartas lidas na Atividade 1 atendem a essa caracterização, pois comentam o assunto da matéria *Prefeitura de SP corta 12 árvores de parque tombado*, posicionando-se a respeito do que é abordado.

No que se refere à produção dessas cartas argumentativas de leitor, são encontradas duas situações ligeiramente diferentes: ou são enviadas pelo correio convencional (físico), ou por correio eletrônico (*e-mail*).

E de que modo essas cartas se organizam internamente, quais elementos as constituem em cada um desses casos?

Para responder a essa pergunta, analise a **carta pessoal** a seguir. Será que as **cartas argumentativas de leitor** mantêm alguma relação de semelhança com ela?

Uma **carta pessoal clássica** é comumente organizada da maneira como nos mostra este exemplo:

“Rio de Janeiro 24 de Setembro de 1936	→ (Local e data)
Minha amada Maricotinha	→ (Saudação)
Que esta te vá encontrar boa de saude assim como aos teus, espero que já estejas boa de domingo	[Contato inicial] → (Captação da benevolência)
Eu minha querida cada vez ando mais inconsolavel do que nunca, tua ausencia é terrivel, preferia ser condenado aos serviços mais rudes que existe a estar longe de ti, longe de ti minha bela, tudo e diferente para mim; mundo parece-me que vae acabar a saudade atormenta-me a todo momento pareço ouvir-te falar, ou então ouvir-te jamar pelo meu nome, pareço vel-a, mas tudo isso não passa de uma ilusão, porque estas tão longe, e só tenho comigo dentro do peito o teu pobre coração (...)	→ [Núcleo da carta]
Lembranças aos teus, beijos para Hilda, e para voce minha querida quantos beijos, quantos tu desejar.	→ [Seção de despedida]
Benedicto A. Pontes”	→ [Assinatura]

Os nomes da destinatária e do autor da carta foram alterados para preservar a identidade dessas pessoas. Foi mantida a transcrição original do manuscrito, de modo a reproduzir a escrita da época [nota do editor].

LOPES, Célia Regina dos Santos. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. *Alfa: Revista de Linguística*. São José do Rio Preto, v. 55, n. 2, São Paulo, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-57942011000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 ago. 2014.
Fonte da carta: CORPUS Compartilhado Diacrônico: cartas pessoais brasileiras. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/laborhistorico/corpora/JM/01-JM-24-09-1936.xml>>. Acesso em: 20 out. 2014.

A carta pessoal contém:

- **parâmetros de localização do remetente:** indicação de data e local relativa ao momento de produção da carta;
- **seção de cumprimentos:** fórmula de saudação e cumprimentos ao interlocutor;

- **seção de contato inicial:** quando se procura captar a simpatia do interlocutor, apresentando bons sentimentos a ele;
- **núcleo da carta:** quando se entra no assunto que motivou a escrita da carta;
- **seção de despedida:** quando o escritor se despede do destinatário;
- **assinatura:** quando o escritor se identifica.

Uma carta pessoal será escrita utilizando-se uma linguagem mais ou menos formal, mais ou menos literária, mais ou menos técnica, dependendo do tipo de relação que o escritor tiver com o interlocutor.

E, quando se trata de uma **carta argumentativa de leitor**, como é que fica a sua organização interna? Que linguagem é empregada? Qual extensão é mais adequada a ela?

Já foi dito que esse tipo de carta pode ser enviado por **correio eletrônico**, utilizando-se de *e-mail*, ou pelo **correio físico tradicional**.

No caso de a carta ser enviada por *e-mail*, utilizando como referência a organização de uma carta pessoal clássica, constata-se que:

- a indicação de quem está remetendo já consta dos dados eletrônicos: se o *e-mail* é enviado diretamente do site do jornal ou revista, um cadastro prévio é realizado, de modo que a identificação acontece nesse momento;
- a data de postagem não precisa ser indicada pelo leitor, pois os recursos eletrônicos já realizam essa tarefa;
- os cumprimentos e a despedida são apresentados com certa formalidade, pois não há relação de intimidade entre editor e leitor;
- na seção de contato inicial é fundamental captar a simpatia do editor, procurando estabelecer com ele uma relação de cordialidade, passando a impressão de seriedade e polidez, de modo a tentar garantir a publicação da carta;
- na seção de contato inicial, para orientar o leitor, há necessidade de indicar a qual matéria se refere a carta, pois ela não será publicada no mesmo espaço visual que o texto lido;
- a apresentação de comentários sobre o assunto da matéria e sobre o posicionamento do leitor a respeito dele deve acontecer no núcleo da carta.

Do ponto de vista do procedimento geral de envio, o leitor pode acessar sua conta de *e-mail* e, de posse do endereço eletrônico do jornal (ou revista), escrever

e enviar sua carta. Ou, então, o leitor pode acessar o espaço do jornal (ou revista) indicado para envio de comentários em geral e, de lá, escrever e enviar sua carta.

No caso da carta que será enviada por **correio convencional**, valem as seguintes considerações:

- Diferentemente da carta enviada por correio eletrônico, essa carta terá que ser escrita, impressa e encaminhada fisicamente ao destinatário.
- Cabe ao leitor indicar data, autoria, local em que mora e destinatário, assim como seu endereço físico e CEP (código de endereçamento postal).
- A orientação da carta é para o editor ou autor do texto. A possibilidade de leitura por outros leitores parece que se coloca de modo mais distante, dado que a escrita não é feita de modo *on-line* e a publicação não acontece de imediato.

Ainda que os comentários eletrônicos publicados *on-line* pareçam ter uma exposição quase instantânea, é preciso saber que isso não acontece exatamente dessa forma. Tal como as cartas encaminhadas por correio convencional ou eletrônico, os comentários opinativos, em geral, só são publicados quando aprovados pelo editor – ou moderador – do veículo.

A esse respeito, é importante saber que todo jornal e toda revista define as condições para que uma carta ou comentário sejam aceitos e aprovados para publicação.

A versão eletrônica da revista *Carta Capital*, por exemplo, indica no site que:

Todos os comentários são moderados, e as opiniões aqui expressas são de responsabilidade exclusiva dos leitores. Não serão aceitas mensagens com *links* externos ao site, em letras maiúsculas, que ultrapassem 1 mil caracteres, com ofensas pessoais, preconceituosas, ou que incitem o ódio e a violência. Não há, contudo, moderação ideológica. A ideia é promover o debate mais livre possível, dentro de um patamar mínimo de bom senso e civilidade. Obrigado.

A versão impressa do jornal *Folha de S.Paulo*, por sua vez, afirma na seção *Painel do leitor* que:

A seção recebe mensagens por *e-mail* (leitor@uol.com.br), fax (0/xx/11/3223-1644) e correio (Al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900). **A *Folha* se reserva o direito de publicar trechos.**

A versão impressa da revista *Veja*, na coluna *Escreva para nós* da seção *A opinião do leitor* avisa que:

As mensagens devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do remetente. Envie para Diretor de Redação, *Veja São Paulo*. **Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.**

Como se vê, os veículos informam que as cartas remetidas e encaminhadas só serão publicadas se respeitarem as condições por eles impostas. Isso significa que, eventualmente, poderão não ser publicadas do modo como foram escritas (ou até nem serem aceitas para publicação). Na verdade, esse é um procedimento corriqueiro, e a adequação das cartas, por meio de cortes e elaboração de resumos das informações nelas contidas, é mesmo frequente.

Caso você não tenha notado, as cartas da Atividade 1 foram agrupadas sob o título *Corte de árvores*. É muito comum que jornais e revistas impressos organizem as cartas de leitor por temas, remetendo à matéria lida. Ao fazer isso, também é normal atribuírem aos grupos um título. Você deve ter reparado que o mesmo aconteceu com as cartas analisadas na Atividade 1 do Tema 1, as quais foram publicadas sob os títulos *Iluminação e privacidade nas nossas refeições*, *Não é fácil, não* e *Comportamento*. Não se trata, portanto, de que o produtor das cartas o tenha feito, mas de que aquele que vai publicá-las – o editor do veículo (jornal/revista) – siga esse procedimento.

Sendo assim, é possível dizer que existem condições muito importantes que devem ser consideradas quando você for elaborar uma carta argumentativa de leitor. Isso, porém, é assunto para a próxima Unidade. O fundamental, neste momento, é salientar a importância do estudo que você está fazendo.

Escrever uma carta de leitor manifestando sua opinião sobre uma matéria publicada em jornais ou revistas, impressos ou eletrônicos, é criar um espaço de interlocução, de conversa, com quem pode ter opiniões diversas das suas sobre os mais diferentes aspectos da vida cotidiana. Ao mesmo tempo, é possibilitar aos demais leitores que conheçam a sua opinião, que pode ser diversa da deles. Isso aumenta, para todos os envolvidos, as alternativas de compreensão do mundo, consolida posições que possam ter sobre os aspectos discutidos, amplia-as, e até pode transformá-las.

E esse processo todo não deve ser realizado de vez em quando na vida; ao contrário, precisa ser bastante frequente, pois ele traz em si a possibilidade de cada um construir uma visão mais aprofundada do mundo.

Toda prática – em especial a de leitura e de escrita –, para ser bem realizada, precisa ser bem conhecida. Você está nesse caminho. Até o momento, estudou: quais são as finalidades e características gerais das cartas argumentativas de leitor; em que espaço podem ser publicadas; de que modo esses espaços podem acarretar diferenças nelas. Na próxima Unidade, você aprofundará esse estudo realizando um projeto de escrita de carta argumentativa de leitor.



As cartas argumentativas de leitor que você estudou nesta Unidade podem ser entendidas como uma forma de comunicação e expressão de opiniões e posicionamentos. Reflita sobre outras alternativas que todo e qualquer cidadão teria para expressar suas ideias de forma democrática.



Língua Portuguesa – Volume 2

Crônica, um gênero brasileiro

Antes de seguir para a nova Unidade, faça uma parada para ver esse vídeo. Você vai conhecer a história do gênero crônica, por meio de escritores renomados como Ivan Ângelo e José Roberto Torero, e vai escutar a leitura de crônicas já clássicas da nossa literatura, como *Choro*, de Ivan Ângelo; *Vista cansada*, de Otto Lara Resende; *Meu ideal seria escrever...*, de Rubem Braga; *Etimologias e catimbas*, de José Roberto Torero.

Além disso, vai saber onde são publicadas, quem costuma escrevê-las e conhecer o que move os escritores entrevistados a escrever sobre determinado assunto. Confira!

HORA DA CHECAGEM

Mais uma vez é o momento de se dedicar às respostas que você deu à atividade proposta neste tema. Leia com cuidado os comentários a seguir, reflita sobre as suas respostas e verifique se elas precisam de complementação, ampliação, correção.

Atividade 1 - Diferentes textos podem gerar cartas de leitor

1

a) O assunto é a insatisfação com o trabalho da Prefeitura de São Paulo (SP) no que se refere ao tratamento dado às questões ambientais, como o corte de árvores em completo desacordo com a legislação vigente.

- b) Você deve ter afirmado que sim, os textos devem ter sido escritos a partir da leitura da mesma matéria. É possível chegar a essa conclusão por conta do assunto abordado em cada um dos textos.
- c) De modo geral, as razões são as mesmas: ambas reclamam da qualidade do serviço da Prefeitura Municipal, referindo-se a prejuízos pessoais provocados por ela, e ambas citam as práticas realizadas, que desprezam os procedimentos legais adequados para resolver o tipo de problema em questão.

2

- a) Você deve ter dito que os procedimentos denunciados na matéria foram, sim, confirmados pelas leitoras, que deram exemplos particulares a respeito do problema geral denunciado na matéria.
- b) É fácil analisar que *remover* não significa *cortar*. A própria prefeitura reconhece isso – a Ficha de Serviço comprova – e, além disso, também realiza o trabalho de remoção. Considerando o tipo de árvore de que se fala, a solução teria sido transplantá-las. Plantar novas árvores significa esperar que cresçam, o que pode levar muitos anos, e, nesse meio-tempo, os benefícios que as árvores cortadas trariam não seriam oferecidos ao sistema ambiental.



Registro de dúvidas e comentários

TEMAS

1. O que caracteriza uma carta argumentativa de leitor?
2. Editar é preciso
3. A elaboração de uma carta argumentativa de leitor

Introdução

Nesta Unidade, você terá a oportunidade de elaborar uma carta argumentativa de leitor, tal como a que estudou na Unidade anterior. Para tanto, vai retomar as características já estudadas desse gênero; verá o que orienta a produção de uma carta como essa, desde a elaboração até a publicação; e receberá instruções sobre como planejá-la, redigi-la e revisá-la, de modo a torná-la a mais adequada possível.

TEMA 1

O que caracteriza uma
carta argumentativa de leitor?

Na Unidade 1, você leu algumas cartas argumentativas de leitor, analisou todas elas e, no final, identificou as características fundamentais do gênero: sua finalidade, onde costuma circular, para quem é escrita, sua organização interna.

Neste momento, vai retomar essas características e ampliar um pouco mais os estudos relativos a esses aspectos, além de ser orientado sobre como redigir e revisar uma carta argumentativa de leitor.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Considerando tudo o que você já conhece e o que já estudou, assinale as alternativas que apresentam características fundamentais da carta argumentativa de leitor.

• Uma carta argumentativa de leitor é sempre produzida a partir de:

- um interesse particular do leitor não tratado na mídia impressa.
- uma matéria jornalística lida em um jornal ou uma revista.
- uma observação do modo como um jornal ou uma revista trata um determinado tema.

• Uma carta argumentativa de leitor é escrita para:

- apresentar a opinião do leitor sobre o assunto de uma determinada matéria.
- cumprimentar o jornal ou a revista pela edição.
- fazer uma reclamação sobre um problema que o leitor vivencia no seu cotidiano.
- fazer uma crítica sobre o modo como o assunto foi tratado em uma determinada matéria.
- opinar sobre o modo geral de um jornal ou de uma revista abordar determinado assunto.
- solicitar esclarecimentos sobre um assunto do interesse pessoal do leitor.

• Assinale as afirmações que você considera corretas:

- Essas cartas podem ser publicadas tanto nas versões eletrônicas quanto impressas de jornais e revistas.
- Essas cartas costumam ser enviadas a jornais e revistas pelo correio convencional ou por correio eletrônico (*e-mail*).

• A carta argumentativa de leitor é sempre publicada integralmente, tal como foi escrita pelo autor? Procure explicar essa reflexão.

• Agora, considerando tudo o que foi estudado, escreva do seu jeito uma definição para carta argumentativa de leitor.

Uma carta argumentativa de leitor é um texto que _____



O caminho de uma carta de leitor

Carta argumentativa de leitor e outras cartas de leitor: Qual é a diferença?

Há muitas cartas enviadas pelos leitores que são publicadas nos jornais.

Como você viu na Unidade 1, algumas delas podem apenas *solicitar* publicações de matérias de certos temas; ou *cumprimentar* o veículo por determinada reportagem, pelo aniversário, pela beleza de uma capa etc.; ou, mesmo, *apresentar-se* ao veículo como seu leitor assíduo, por exemplo.

Outras cartas são destinadas a queixas e reclamações do leitor sobre serviços prestados por empresas, sobre atendimentos realizados por instituições diversas como escolas, hospitais, órgãos públicos. Ou tratam de reclamação sobre produtos comprados e não entregues ao consumidor pela empresa; do tempo de espera para ser atendido por um médico; do atraso do recebimento de uma aposentadoria; da demora na entrega de um certificado de um curso realizado. Por causa dessas finalidades, podem ser identificadas como *cartas de reclamação* ou *cartas de solicitação*.

Quando se trata de **carta argumentativa de leitor**, fala-se das cartas nas quais o leitor comenta criticamente – utilizando argumentos – aspectos como:

- o **assunto** de matérias publicadas em jornais e revistas (impressos ou eletrônicos): o leitor apresenta uma crítica à posição assumida na matéria lida, concordando ou discordando dessa posição, total ou parcialmente;
- o **tratamento** que um determinado veículo dá a um assunto em dado momento: o leitor pode pensar que o assunto foi tratado de modo superficial, quando mereceria mais aprofundamento; pode avaliar que foi abordado de modo muito irônico, quando deveria ser tratado com seriedade; pode considerar que o assunto foi discutido de modo exageradamente aprofundado, quando não era para tanto. O olho do leitor, aqui, pode estar também no trabalho do jornal ou da revista como um todo, pois um mesmo assunto pode ser abordado em várias seções ou cadernos. Por exemplo, o caso do preconceito racial nos campos de futebol saiu do caderno dos esportes e foi para os espaços destinados à discussão de problemas sociais, políticos, de comportamento, abrangendo o jornal como um todo;
- diversos **procedimentos** adotados por esses veículos no processo de publicação das matérias: um jornal pode destinar mais espaço a determinado assunto,

penalizando outro com pouco espaço; pode ignorar certo acontecimento e não fazer referência alguma a ele; pode colocar, ao lado de uma matéria, imagens que não têm nada a ver com ela, mas que podem induzir o leitor a fazer interpretações indesejadas a respeito, por exemplo.

A **carta argumentativa de leitor**, portanto, diferencia-se de outras publicadas em jornais e revistas por causa da sua **finalidade** e do **objeto** da sua crítica.

Da escrita à publicação: O que acontece nesse caminho?

Um dos aspectos abordados na Unidade 1 é o relativo às condições que os jornais e as revistas apresentam aos leitores para a publicação de uma carta.

Para esclarecer um pouco mais esse processo, veja o que um editor respondeu para um leitor quando perguntado sobre o que acontece com as cartas quando são enviadas para o jornal em que ele trabalha:

Quando recebemos uma carta no nosso jornal, antes de qualquer coisa, selecionamos aquelas que vamos publicar. Temos um espaço disponível para cartas de leitor, e é este espaço que, para começar, define o que será utilizado. Mas não é só isso: temos também uma quantidade de opiniões que publicamos diariamente e, além disso, analisamos a variedade dessas opiniões. Só para você ter uma ideia, costumamos publicar mais ou menos 10 opiniões por dia. Essas opiniões precisam representar o que os nossos leitores estão pensando.

Recomendamos que escrevam cartas com, no máximo, 380 caracteres, mas nem sempre esse limite é respeitado. Quando o material ultrapassa essa quantidade, mas o conteúdo é interessante, lemos e vamos reduzindo o seu tamanho. Antes de tudo, é claro, temos o cuidado de manter a ideia central do leitor. A partir disso é que vamos excluindo as ideias que não são as mais relevantes, informações redundantes, advérbios e adjetivos desnecessários e comentários que não apresentam nenhuma contribuição adicional para a opinião que o leitor apresenta.

É esse o nosso procedimento aqui no jornal.

Qualquer coisa, estamos à disposição. É só nos escrever!

Abs.

Editoria de Opinião

Esse procedimento do editor, de reduzir a carta com o cuidado de manter a ideia central do leitor excluindo informações redundantes, advérbios e adjetivos

desnecessários, é comum na mídia impressa. As cartas de leitor não costumam mesmo ser publicadas tal como foram escritas: sofrem reduções, cortes, simplificações, de acordo com os critérios de cada veículo. Entre a versão do produtor e a que foi publicada há uma distância considerável...

Os **advérbios** são palavras que, fundamentalmente, modificam o sentido do verbo, mas também podem reforçar o sentido de um adjetivo, de outro advérbio e até de uma frase inteira. Por exemplo:

- *Você me compreendeu mal.* (O advérbio **mal** modifica o sentido do verbo *compreendeu*.)
- *Ansiosa, teve uma conversa bastante rápida com o noivo e saiu para a entrevista.* (**Rápida** é o adjetivo de *conversa*, e o advérbio **bastante** reforça a ideia desse adjetivo.)
- *Infelizmente, não havia quarto vago naquele hotel.* (O advérbio **infelizmente** modifica todo o sentido da frase.)

Do ponto de vista semântico, os advérbios podem indicar **lugar** (abaixo, acima, ali, lá, adiante etc.), **tempo** (agora, ainda, amanhã etc.), **modo** (assim, bem, depressa, devagar, lentamente etc.), **intensidade** (bastante, demais, menos, mais, muito etc.), **afirmação** (sim, certamente, realmente etc.), **dúvida** (acaso, porventura, possivelmente, provavelmente etc.), **negação** (não, tampouco, jamais), **ordem** (primeiro, depois, ultimamente etc.).

Os **adjetivos** são, essencialmente, palavras que modificam os substantivos (seres, ideias, objetos) de dois modos fundamentais:

- Caracterizando os seres, objetos ou ideias por meio de uma **qualidade** (inteligência **sensível**; paciência **invejável**; cabelo **sedoso**), **modo de ser** (homem **simples**; pessoas **arrogantes**; profissionais **capazes**), **aspecto ou aparência** (tecido **amassado**; rosto **cansado**; mãos **inchadas**), **estado** (terreno **abandonado**; quintal **empoeirado**).
- Estabelecendo com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, finalidade, propriedade, procedência etc. (nota **mensal**; movimento **estudantil**; carinho **materno**).

ATIVIDADE 1 Estudando a matéria publicada

Sua tarefa, agora, é analisar o caminho percorrido por uma carta de leitor, passo a passo, desde a leitura da matéria pelo autor da carta até sua publicação no jornal ou na revista. Compreendendo esse percurso, é possível saber o que acontece no meio do caminho e utilizar esse conhecimento para orientar melhor a elaboração de um texto como esse.

Para tanto, considere a matéria *Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão*, publicada no dia 13 de maio de 2014 pelo jornal *Brasil 247*, e uma carta de leitor incluída no jornal a respeito dessa matéria, que será lida no próximo tema. Comece pela leitura da matéria.



Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão

Da Agência Brasil

Oito em cada dez brasileiros temem ser vítimas de tortura em caso de detenção por autoridades policiais, apontou hoje (12) estudo da Anistia Internacional (AI). A pesquisa entrevistou 21 mil pessoas de 21 países de todos os continentes e concluiu que o medo de tortura existe em todos eles, mas o Brasil é o que é mais atingido por esse temor.

Em nível global, 44% das pessoas entrevistadas revelam discordar da frase: “Se eu fosse detido pelas autoridades no meu país, estou confiante de que estaria a salvo da tortura”. No Brasil, o percentual é de 80%.

O México (64%), a Turquia, o Paquistão e o Quênia (todos com 58%) são os lugares que aparecem logo após o Brasil na escala do “medo” da tortura. No extremo oposto estão o Reino Unido (15%), a Austrália (16%) e o Canadá (21%).

A AI concluiu também que mais de 80% das pessoas defendem leis mais fortes contra a tortura. Nesta questão, 83% das pessoas questionadas no Brasil defendem leis claras contra a tortura, atrás da Coreia do Sul e Grécia (89%).

Ainda segundo o estudo, 36% das pessoas questionadas concordam que a tortura é “às vezes necessária e aceitável para obter informação que pode proteger o público”.

Os chineses e os indianos (74%) são os que mais concordam que a tortura pode justificar-se, enquanto os gregos (12%) e os argentinos (15%) são os que menos concordam.

No Brasil, o único país lusófono abrangido pela pesquisa, 19% das pessoas afirmaram concordar que a tortura pode ser necessária e aceitável para proteger o público.

O estudo surgiu como propósito da campanha “Stop torture”, que será lançada amanhã (13) pela AI, em Londres. O objetivo é chamar a atenção dos governos e mobilizar a população para pôr fim à prática.

Trinta anos depois da aprovação da Convenção contra a Tortura pela ONU, em 1984, e mais de 65 anos depois da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, “a tortura não só está viva e bem de saúde, como está a florescer”, escreveu o secretário-geral da Anistia, Salil Shetty, na introdução ao relatório “Tortura em 2014, 30 Anos de Promessas Não Cumpridas”.

No documento, a AI diz ter reunido, nos últimos cinco anos, relatos de tortura ou de outras formas de violência, em mais de 141 países. “Enquanto em alguns países a AI documentou casos isolados e excepcionais, em outros averiguou que a tortura é **sistêmica**”, afirma Shetty.

Para o responsável, “governos em todo o mundo têm duas caras no que diz respeito à tortura – proibem-na na lei, mas facilitam-na na prática”.

Por isso, o relatório recomenda que os governos apliquem medidas como a criminalização da tortura na legislação nacional, a abertura dos centros de detenção a fiscalizadores independentes e a gravação em vídeo dos interrogatórios.

A Anistia Internacional pede ainda a criação de mecanismos que facilitem a prevenção e a punição da tortura.

* Com informações da Agência Lusa

Brasil 247, 13 maio 2014, 11h20. Disponível em:

<<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/139632/Brasileiros-s%C3%A3o-os-que-mais-temem-tortura-na-pris%C3%A3o.htm>>. Acesso em: 14 out. 2014.



Sistêmico

Que abrange todo o sistema, que é generalizado.

Imagine que um leitor, depois de ler essa notícia, decida manifestar-se a respeito do assunto. Para isso, precisa reler a matéria e compreendê-la bem; do contrário, sua manifestação pode ficar inconsistente e nem sequer ser lida pelo editor.

Como a sua tarefa será estudar a carta de leitor e todo o seu processo de produção, é fundamental que você, agora, também estude a matéria.

Para começar, é importante saber que o **título** de um texto jornalístico sempre sugere o posicionamento do jornal (ou revista) sobre o assunto, ainda que de maneira não explícita, ainda que de forma indireta e pouco clara. Esse posicionamento costuma ser confirmado no **subtítulo**, e também no primeiro parágrafo da matéria, chamado *lead*.

Veja o que aconteceu na notícia lida.

Se você reparou bem, pôde ver que o jornal *Brasil 247* utilizou uma notícia publicada pela *Agência Brasil*, tal como indicado logo no início do texto: “Da Agência Brasil”. Esta pertence ao portal da Empresa Brasileira de Comunicação, e publicou a matéria no dia 12 de maio de 2014.

No pequeno quadro a seguir, será analisado o título e o *lead* da notícia, indicando: o tipo de informação que contêm; a relação estabelecida entre as informações de ambos – título e *lead* – e a intenção geral do texto.

Tipo de informação	Trecho	Relação estabelecida
Título	“Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão.”	Sintetiza o assunto de que tratará o texto e define a posição da matéria, que é focar na questão tão contundente de que a grande maioria dos brasileiros não confia nas autoridades policiais.
Subtítulo	Não apresenta.	X
Lead	“Oito em cada dez brasileiros temem ser vítimas de tortura em caso de detenção por autoridades policiais, apontou hoje (12) estudo da Anistia Internacional (AI). A pesquisa entrevistou 21 mil pessoas de 21 países de todos os continentes e concluiu que o medo de tortura existe em todos eles, mas o Brasil é o que é mais atingido por esse temor.”	Amplia as informações do título, orientando o leitor sobre o fato a ser noticiado e, ao mesmo tempo, reitera o posicionamento da matéria com relação ao assunto, focalizando a situação do Brasil quanto a outros países.

1 Usando como referência o quadro anterior, faça o mesmo com o corpo da notícia. Utilize, para tanto, o quadro a seguir. Você verá que, nele, o texto foi dividido em cinco partes, levando-se em conta: a) as informações específicas apresentadas em cada uma delas; b) a finalidade de cada trecho, que é articular a parte que vem antes dele à que vem depois.

Sua tarefa é preencher os espaços vazios do quadro, completando-o de acordo com as indicações apresentadas nos itens *a* e *b*. Considere que todas as partes articulam-se em função daquilo que o texto, como um todo, pretende sugerir ao leitor.

Corpo da reportagem			
Partes	Parágrafos	Tipo de informação	Finalidade
Lead	1º		Apresentar o foco da notícia, que é a pesquisa realizada pela Anistia Internacional em 21 países, centrando o aspecto considerado, na matéria, o mais contundente: o temor da tortura na prisão pela grande maioria dos brasileiros.
2	2º e 3º		Apresentar o primeiro recorte dos dados da pesquisa – o medo da tortura nas prisões –, salientado no lead, comparando o Brasil com outros países em relação a esse aspecto.

Aspecto A		Aspecto B		Aspecto C	
País	Posição (com %)	País	Posição (com %)	País	Posição (com %)

3 Ao apresentar as suas conclusões a respeito da situação da tortura nos países pesquisados, o relatório afirma ter constatado a existência de algumas situações que contrariam os acordos firmados internacionalmente contra a tortura. Além disso, o relatório mostra algumas recomendações para o mundo, no sentido do combate à tortura.

Quais foram as situações reais de existência da tortura que o relatório encontrou? E quais foram as recomendações divulgadas para o mundo?

Escreva-as no quadro a seguir, nas linhas correspondentes.

Situações	“A tortura não só está viva e bem de saúde, como está a florescer.”
Recomendações	Aplicação de medidas como a criminalização da tortura na legislação nacional.

4 O texto afirma que o Brasil foi o único país **lusófono** que participou da pesquisa realizada pela Anistia Internacional. Isso quer dizer que:

- o Brasil foi o único país colonizado pelos portugueses que participou da pesquisa.
- o Brasil foi o único país que participou da pesquisa que mantém relações diplomáticas com Portugal.

o Brasil foi o único país em que se fala o português, tendo-o como sua língua, que participou da pesquisa.

o Brasil foi o único país que participou da pesquisa que não tem preconceito contra os portugueses.

5 Observe as palavras a seguir e suas respectivas definições:

- *Luso-africano*: pertencente ou relativo a Portugal e à África.
- *Luso-brasileiro*: pertencente ou relativo a Portugal e ao Brasil.
- *Lusocêntrico*: aquele (ou aquilo) que tem por centro o mundo português, seu povo e seus costumes.
- *Lusitano*: que nasceu ou vive em Portugal.
- *Lusofilia*: grande admiração por Portugal.

a) Tomando como referência as palavras em itálico, seus sentidos e o que possuem em comum em termos de grafia, qual parte da palavra *lusófono* você diria que se refere a Portugal?

b) E a outra parte da palavra *lusófono*, remeteria o leitor a que sentido? (Pense nas palavras *fonoaudiólogo*, *telefone*; elas podem lhe dar indicações.)

6 Leia o trecho apresentado a seguir:

← → 🏠 <http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/139632/Brasileiros-s%C3%A3o-os-que-mais-temem-> ☆ ↻

BRASIL 247 | BRASIL 🔍

13 de maio de 2014 11:20

[...] Em nível global, 44% das pessoas entrevistadas revelam discordar da frase: “Se eu fosse detido pelas autoridades no meu país, estou confiante de que estaria a salvo da tortura”. No Brasil, o **percentual** é de 80%.

a) A que se refere a palavra “percentual”?

b) Volte ao texto, releia-o e grife todas as expressões que sirvam para indicar o que significa “percentual”. Depois, anote-as no espaço a seguir.

7 Agora leia este outro trecho da notícia:

BRASIL 247 | BRASIL

13 de maio de 2014 11:20

[...] O México (64%), a Turquia, o Paquistão e o Quênia (todos com 58%) são os lugares que aparecem logo após o Brasil na escala do “medo” da tortura. No extremo oposto estão o Reino Unido (15%), a Austrália (16%) e o Canadá (21%). [...]

BRASILEIROS são os que mais temem tortura na prisão. *Brasil 247*, 13 maio 2014, 11h20. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/139632/Brasileiros-s%C3%A3o-os-que-mais-temem-tortura-na-pris%C3%A3o.htm>>. Acesso em: 14 out. 2014.

Observe tudo o que foi escrito entre parênteses e depois responda:

a) A que se refere cada um desses números?

b) Nos parênteses que vêm depois de Quênia, encontra-se o registro que acrescenta a palavra “com” ao numeral, resultando na expressão “com 58%”. Considerando o significado desse numeral – sobre o que você pensou na questão anterior –, qual forma seria mais adequada: “com 58%” ou, apenas, “58%”?

c) No espaço a seguir, reescreva o trecho do texto apresentado no enunciado desta questão 7, considerando a conclusão a que você chegou sobre a necessidade ou não de colocar a palavra “com” para apresentar o numeral, e também procurando deixar mais claro a que esse numeral se refere. Para tanto, consulte as respostas que você deu nos itens anteriores e avalie se é necessário acrescentar palavras ou modificar mais alguma coisa no texto.

8 Leia a passagem a seguir:

BRASIL 247 | BRASIL

13 de maio de 2014 11:20

[...] A AI concluiu também que mais de 80% das pessoas defendem leis mais fortes contra a tortura. **Nesta questão, 83% das pessoas questionadas no Brasil defendem leis claras contra a tortura, atrás da Coreia do Sul e Grécia (89%).** [...]

BRASILEIROS são os que mais temem tortura na prisão. *Brasil 247*, 13 maio 2014, 11h20. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/139632/Brasileiros-s%C3%A3o-os-que-mais-temem-tortura-na-pris%C3%A3o.htm>>. Acesso em: 14 out. 2014. (ênfases adicionadas)

No trecho em negrito, há dois equívocos que precisam ser corrigidos. O primeiro deles é o emprego da palavra “atrás”, que não foi adequado, podendo provocar um problema de compreensão.

a) Qual seria esse problema?

b) Além desse, há um segundo problema em todo o trecho que está em negrito. Identifique-o e explique qual é.

c) Reescreva o trecho corrigindo os dois problemas identificados, de modo que o texto não provoque mais nenhuma incompreensão.

9 Considerando o estudo do texto que você realizou, e relendo a matéria, que comentários teceria a respeito da pesquisa e de seus resultados? Explique, justifique e exemplifique-os.

10 Além disso, que observações você faria ao editor no que se refere à escrita do texto e ao modo de indicar os percentuais? Explique sua resposta.



Só para você saber: a formação de palavras

Muitas palavras da língua portuguesa são formadas a partir de outras. Diz-se que essas que foram formadas derivam-se daquelas. As palavras que dão origem a outras são gramaticalmente denominadas *primitivas*, e as que vieram de outras são conhecidas como *derivadas*. Por exemplo:

Palavra primitiva	Palavra derivada
mar	maremoto, marítimo, mareado, marujo, marinheiro
terra	terrestre, aterrar, terráqueo, terreno, terreiro
pedra	pedreiro, pedraria, apedrejar

O processo de **derivação** é uma das maneiras pelas quais acontece a formação das palavras: é quando pequenas partes denominadas **afixos** são acrescentadas a uma palavra primitiva, seja no começo ou no fim dela.

Prefixos são as partes adicionadas no início das palavras, e **sufixos** são os afixos que se agregam à palavra no final. Os afixos apresentam possibilidades de sentido que, quando acrescentados às palavras primitivas, transformam seu significado original.

Os quadros a seguir mostram exemplos desse processo.

Quadro de prefixos		
Prefixo	Sentido	Exemplo
des	separação, ação contrária	desfazer, desviar, desnudar
pre	anterioridade	prefácio, prefixo, pré-natal, preconceito
hiper	excesso	hipertensão, hiperventilação, hiperativo
re	movimento para trás, repetição	refazer, rever, recriar, revirar, remexer, recalcular, reviver, relembrar
sobre	por cima, excesso	sobrepeso, sobrepôr, sobrecarga, sobrenatural

Quadro de sufixos		
Sufixo	Sentido	Exemplo
-ão; -aça; -alhão; -arra	aumentativo	paredão; barcaça; loiraça; grandalhão; bocarra
-inho; -zinho; -ejo; -ino	diminutivo	toquinho; cãozinho; lugarejo; pequenino; animalejo
-ista	ocupação, ofício	dentista; pianista; skatista; maquinista; manobrista
-ista; -ino; -eiro; -ense	nomes pátrios	paulista; nortista; nordestino; campineiro; jauense; pelotense
-ura	resultado da ação	pintura; formatura; arranhadura; assinatura; arquitetura; assadura
-eiro	profissão	perueiro; marceneiro; ferreiro; sapateiro; cozinheiro; cabeleireiro

As palavras também podem ser formadas pelo acréscimo de sufixo e prefixo, por exemplo: *deslealmente*; *infelizmente*.

Mas para que conhecer tudo isso?

Uma das razões é para você saber como proceder quando se deparar com um termo que não conhece: analisar a sua composição, tomando como referência palavras conhecidas e sabendo das possibilidades de sentido colocadas pelos sufixos e prefixos que as compõem. Esse é um bom procedimento para descobrir o seu significado, como você fez com a palavra *lusófono*.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Estudando a matéria publicada

1 O quadro precisaria conter, pelo menos, os aspectos apontados a seguir.

Corpo da reportagem			
Partes	Parágrafos	Tipo de informação	Finalidade
Lead	1º	Informações sobre a pesquisa realizada pela Anistia Internacional e sobre um resultado bastante significativo para o Brasil, que é a porcentagem dos brasileiros que temem tortura nas prisões.	Apresentar o foco da notícia, que é a pesquisa realizada pela Anistia Internacional em 21 países, centrando o aspecto considerado, na matéria, o mais contundente: o temor da tortura na prisão pela grande maioria dos brasileiros.
2	2º e 3º	Dados mais detalhados a respeito do recorte feito no parágrafo anterior, incluindo resultado de diferentes países.	Apresentar o primeiro recorte dos dados da pesquisa – o medo da tortura nas prisões –, salientado no <i>lead</i> , comparando o Brasil com outros países em relação a esse aspecto.
3	4º, 5º, 6º e 7º	Dados a respeito do posicionamento dos países pesquisados quanto a um segundo recorte da investigação: a necessidade ou não de leis mais fortes contra a tortura.	Apresentar mais um recorte da pesquisa, articulando-o com o anterior, incluindo resultado de diferentes países em articulação com os dados relativos ao Brasil. Se o foco anterior foi o temor da tortura na prisão, agora é o que pensam as pessoas sobre a necessidade de tortura.
4	8º e 9º	Razão do relatório, da Campanha “Stop Torture” e a relação entre ambos. Pronunciamento do secretário-geral da Anistia Internacional a respeito do resultado da pesquisa, sustentando a necessidade da campanha.	Apresentar a razão da pesquisa realizada, apontando que, apesar de todas as ações contra a tortura, ela continua presente no cotidiano das pessoas, o que coloca a necessidade de que os governos façam algo a respeito. Além disso, o trecho anuncia a elaboração do relatório sobre o estudo, pela Anistia Internacional.

Corpo da reportagem			
Partes	Parágrafos	Tipo de informação	Finalidade
5	10 ^o , 11 ^o , 12 ^o e 13 ^o	Detalhes sobre os dados coletados na pesquisa. Conclusões gerais e recomendações do relatório da pesquisa.	Detalhar um dos instrumentos de coleta da pesquisa, além de apresentar as conclusões gerais e as recomendações do relatório intitulado <i>Tortura em 2014, 30 Anos de Promessas Não Cumpridas</i> .

2 O quadro deveria ser completado da seguinte maneira:

Aspecto A		Aspecto B		Aspecto C	
País	Posição (com %)	País	Posição (com %)	País	Posição (com %)
Brasil	80	Grécia	89	China	74
México	64	Coreia do Sul	89	Índia	74
Turquia	58	Brasil	83	Brasil	19
Paquistão	58			Argentina	15
Quênia	58			Grécia	12
Canadá	21				
Austrália	16				
Reino Unido	15				

3 O quadro deveria ficar da seguinte maneira:

Situações	“A tortura não só está viva e bem de saúde, como está a florescer.”
	Em alguns países, a tortura está presente em casos isolados, mas, em outros, é sistêmica.
	No geral, os governos tratam a tortura de maneira ambígua, proibindo-a na lei, mas facilitando-a na prática.
Recomendações	Aplicação de medidas como a criminalização da tortura na legislação nacional.
	Abertura dos centros de detenção a fiscalizadores independentes.
	Gravação em vídeo dos interrogatórios.
	Criação de mecanismos que facilitem a prevenção e punição da tortura.

4 A alternativa correta é a terceira: o Brasil foi o único país em que se fala o português, tendo-o como sua língua, que participou da pesquisa.

5

a) e b) A parte que se refere a Portugal é *luso*. A outra parte, *fono*, refere-se à fala – daí o sentido da palavra: aquele que fala português.

6

- a) A palavra “percentual” refere-se à parcela das pessoas entrevistadas que se posicionaram de determinada maneira em relação às questões propostas na pesquisa.
- b) No texto, as seguintes expressões remetem o leitor ao sentido de percentual: a indicação da porcentagem – numeral mais o símbolo % – relacionada com as expressões “das pessoas entrevistadas”; “das pessoas” e “das pessoas questionadas”.

7

- a) Os números indicam o quanto de cada 100 pessoas respondeu de determinada maneira a uma questão apresentada na pesquisa.
- b) O correto seria utilizar “com”, pois o sentido seria, por exemplo: O México, com 64% das respostas das pessoas entrevistadas, está classificado logo após o Brasil (para se manter a escrita sem a conjunção com, seria preciso redigir assim: No México, 64% das pessoas entrevistadas pensam X).
- c) A reescrita do trecho poderia corresponder a possibilidades como:
- No México, o percentual corresponde a 64%, o que o coloca logo após o Brasil na escala do “medo”, assim como a Turquia, o Paquistão e o Quênia (todos com 58%). No extremo oposto estão o Reino Unido (com 15%), a Austrália (com 16%) e o Canadá (com 21%).
 - No México, 64% das respostas apresentadas revelam que as pessoas discordam da afirmação; na Turquia, no Paquistão e no Quênia, o índice correspondente é de 58%. Isso coloca esses países logo após o Brasil na escala do “medo”. O Reino Unido, a Austrália e o Canadá estão no extremo oposto dessa escala, com um percentual de 15%, 16% e 21%, respectivamente.
 - O México apresenta um percentual de 64% de respostas que discordam dessa afirmação, ao lado da Turquia, do Paquistão e do Quênia, cujo índice é de 58%. Isso coloca esses países logo após o Brasil na escala do “medo”. No extremo oposto estão o Reino Unido – com um índice de 15% –, a Austrália – com 16% – e o Canadá – com 21%.
 - O México (com um percentual de 64% entre seus habitantes entrevistados), a Turquia, o Paquistão e o Quênia (todos com 58%) são lugares que aparecem logo após o Brasil na escala do “medo” da tortura. No extremo oposto estão o Reino Unido (com 15% das respostas), a Austrália (com 16%) e o Canadá (com um percentual de 21%).

8

- a) O problema provocado pelo uso do advérbio **atrás** é o seguinte: a impressão provocada é que os brasileiros defendem as leis **atrás** – fisicamente – da Coreia do Sul e da Grécia, o que não é possível, pois ambos são países, e não objetos. O Brasil fica atrás da Coreia do Sul e da Grécia na escala das respostas que preveem a defesa de leis mais fortes contra a tortura.
- b) O segundo problema é a repetição desnecessária provocada pelas palavras *questão* e *questionadas*. Seria preciso substituir uma delas por outro vocábulo que não fosse uma palavra cognata (da mesma família de sentido e que são derivadas da mesma palavra primitiva: **questão** – **questionada**), como no trecho destacado. Uma sugestão de correção é a seguinte: “Nesta questão, 83% das pessoas **entrevistadas** no Brasil defendem leis claras contra a tortura, atrás da Coreia do Sul e Grécia (89%)”.
- c) O texto corrigido poderia corresponder a alternativas como:

Você já viu que uma carta, para ser publicada, precisa obedecer a determinados critérios que a revista ou o jornal apresentam. Esses critérios têm a ver, principalmente, com a relevância do conteúdo da carta e com a extensão dela.

Quando chega ao editor, uma carta sofre, quase inevitavelmente, uma edição, até que fique em condições de ser publicada no veículo. Dessa forma, é fundamental que você considere os critérios que o veículo possui para publicação quando for elaborar sua carta: quanto mais ela for ajustada a esses critérios, menos cortes terá; dessa forma, mais será mantida a integridade daquilo que você escreveu. É ao estudo desse aspecto – a edição da carta argumentativa de leitor – que este tema será dedicado.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Por que será que você estudou tanto as notícias lidas? Que relação esse estudo tem com a escrita de uma carta argumentativa de leitor?

ATIVIDADE 1 A carta enviada e as restrições para publicação

Leia a carta enviada por K. ao jornal *Brasil 247* para apresentar sua posição a respeito do assunto da matéria lida.

← →
🏠 <http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/139632/Brasileiros-s%C3%A3o-os-que-mais-temem-tortura-na>
☆ ↻

BRASIL 247 | BRASIL
🔍

Quinta-feira, 15 de maio de 2014 - 18h44

COMENTÁRIOS

Os comentários aqui postados são de responsabilidade de seus autores e não representam a opinião deste jornal.

K. 15.05.2014 às 10:05
 Sobre a reportagem do dia 13/05/2014, *Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão*

Caro editor,

Ao ler a notícia *Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão*, publicada no último dia 13, por um lado, fico muito entristecida; e, por outro, orgulhosa. E quero muito manifestar-me a esse respeito.

O que me entristece é o fato de que a pesquisa da Anistia Internacional mostra que a situação de nosso país continua grave quando se trata da relação que existe entre autoridade policial e população, que continua sendo de falta de confiança, de medo, quando deveria ser exatamente o oposto. Acho que os anos que vivemos sob uma ditadura militar nos deixaram sequelas quase irreversíveis, pelo menos a curto e médio prazo (aliás, o que é médio prazo quando se fala de uma situação de desrespeito tão profundo, não é mesmo?). A gente lê os jornais e continua encontrando notícias sobre torturas físicas, psicológicas, linchamentos todos os dias nos jornais, na TV, no rádio. Quando tais atos não são realizados por policiais, vemos um descaso da parte deles no que se refere

a descobrir os responsáveis. Além disso, vemos a justiça brasileira literalmente cega a essa questão, sem responsabilizar e punir os responsáveis. Essa situação funciona como se fosse um **moto continuum**, corpo policial alimentando a **inoperância** da justiça, e vice-versa.

O caso do pedreiro Amarildo, por exemplo, em que a investigação concluiu que foi morto por causa da tortura que sofreu em uma unidade da UPP na Rocinha, é um caso exemplar.

O próprio relatório da Anistia, segundo a notícia que li, comenta que os governos de países do mundo todo têm duas caras com relação à tortura, aparentando indignação em público, mas a utilizando clandestinamente.

Apesar de todo esse quadro, ainda há aqueles que consideram que em alguns casos a tortura pode ser justificada. São poucos os brasileiros que pensam assim, apenas 19%, mas eles existem, infelizmente.

O motivo que me deixa orgulhosa tem a ver com o outro aspecto da pesquisa: o da posição assumida pelos brasileiros em relação a essa barbaridade, a tortura. Estamos nós ao lado da Grécia – berço histórico da democracia – e da Coreia do Sul, compreendendo e defendendo a necessidade de legislação clara e efetiva contra a tortura. Isso mostra duas coisas importantes: o reconhecimento da tortura como procedimento **execrável** e de extremo desrespeito aos direitos humanos e, por outro, a insistência em acreditar na possibilidade de um sistema de justiça que funcione de verdade.

Não sei para onde vamos. Mas parece que os brasileiros estão sensibilizados com tudo isso. No entanto, sensibilização só não basta. É necessário, mas não suficiente. Fóruns de discussão sobre esse assunto poderiam ser criados, novos modos de participação efetiva da população poderiam ter lugar, grupos de acompanhamento e fiscalização de ações públicas – como das autoridades policiais, como da administração do sistema de saúde e de educação (porque tortura também é submeter a pessoa a um atendimento precário na doença e negar-lhe acesso a conhecimento e bens culturais) –, grupos de discussão do que fosse observado nesse acompanhamento com poder para encaminhar ações visando melhorar as coisas (romantismo? Talvez... Mas, antes de qualquer coisa, crença na possibilidade.)...

Está bem, espaços como esse já existem, dirão alguns. Mas, se não têm força de ação e resolução do problema, não são, efetivamente, espaços úteis. É preciso revê-los, reformá-los, excluí-los, se for o caso. Para, depois, criar outros, que poderão não ser os melhores, que poderão ser abandonados, também, mas que representarão um esforço de avanço na direção da solução do problema.

E veículos de credibilidade como esse jornal poderiam colaborar intensamente com isso.

No fundo – e também na superfície – é tudo uma questão de escolha.

Atenciosamente,

K.

Carta do leitor. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/139632/Brasileiros-s%C3%A3o-os-que-mais-temem-tortura-na-pris%C3%A3o.htm>>. Acesso em: 14 out. 2014. Autorizado com adaptações.



Glossário

Execrável

Inadmissível, péssimo, detestável, insuportável, abominável.

Inoperância

Falta de competência para resolver as questões da sua responsabilidade. Pouca – ou nenhuma – capacidade de resolução dos problemas.

Moto continuum

Expressão do latim que se refere a uma máquina que estaria em funcionamento perpétuo, como se o trabalho dela fosse transformado em energia de maneira automática. No texto, a ideia é que o modo de agir do corpo policial alimentaria a inoperância da justiça e vice-versa.

1 Ao ler a carta, você deve ter identificado qual posição K. assume diante da matéria. Assinale todas as alternativas corretas.

Ela elogia a matéria e o jornal por publicá-la, já que se trata de tema de grande interesse para a população brasileira.

Ela não concorda nem discorda, criticando o jornal porque não acredita que o assunto seja tão importante que mereça uma reportagem.

Ela analisa o conteúdo da matéria, explicando o que representa para a compreensão de como o brasileiro pensa sobre o assunto discutido.

Ela comenta o assunto da matéria, enfatizando a necessidade de a sociedade encontrar maneiras de tentar agir na direção da resolução do problema.

2 Depois de ler a carta, você diria que K. assume uma posição de concordância com o trabalho da Anistia Internacional, de indiferença ou de oposição? Explique sua resposta.

3 Em sua carta, K. refere-se aos três aspectos da pesquisa da Anistia Internacional destacados na matéria? Se sim, explique quais trechos mostram isso.

4 No exercício 9 da Atividade 1 do Tema 1, você fez comentários a respeito da matéria lida. Na carta de K., ela chegou a abordar alguns dos aspectos que você apontou? Explique.

5 Você concorda com os comentários de K. a respeito da matéria lida? Explique sua resposta.

ATIVIDADE **2** A edição da carta de K.

Você já leu a carta que K. enviou para ser publicada no *Brasil 247*, um jornal exclusivamente digital. Imagine que ela fosse enviada para um jornal impresso, que, para publicar uma carta, utilizasse os mesmos critérios de análise que aqueles apresentados na seção *Da escrita à publicação: O que acontece nesse caminho?* Certamente, a carta de K. teria que ser editada.

Nesta atividade, você ajustará a carta de K. aos critérios definidos. Para tanto, retome a carta do editor de opinião na seção *Da escrita à publicação: O que acontece nesse caminho?*, na parte em que ele apresenta alguns critérios para excluir trechos de cartas muito extensas, deixando-as aptas para a publicação.

[...] Quando o material ultrapassa essa quantidade [de caracteres], mas o conteúdo é interessante, lemos e vamos reduzindo o seu tamanho [da carta]. Antes de tudo, é claro, temos o cuidado de manter a ideia central do leitor. A partir disso é que vamos excluindo as ideias que não são as mais relevantes, informações redundantes, advérbios e adjetivos desnecessários e comentários que não apresentam nenhuma contribuição adicional para a opinião que o leitor apresenta.

Considerando os critérios citados, que cortes você faria na carta de K. para, inclusive, tentar aproximá-la do limite de 380 caracteres?

Para ajudá-lo nessa tarefa, siga as seguintes orientações:

- Volte à carta de K. e risque o que você considera que pode ser cortado.
- Depois, copie os trechos que restaram – aqueles que você achou importantes – em uma folha à parte.
- Finalmente, registre esses trechos no espaço a seguir, articulando-os de modo que fiquem organizados como uma carta menor. Retome as cartas que você leu na Unidade 1 e veja como ficaram quando publicadas.



A carta publicada: um processo de edição orientada

Você deve ter percebido que editar uma carta seguindo uma lista de restrições e, ainda, um limite de linhas não é tarefa fácil. Esse trabalho supõe que você, antes de qualquer coisa, tenha entendido muito bem a matéria lida e a carta enviada pelo leitor. Depois disso, requer que você descarte as partes excedentes, deixando apenas o que for relevante para o jornal e o que couber no espaço disponível. Finalmente, solicita de você a articulação entre os trechos que restaram, dando unidade ao novo texto que se forma.

Essas tarefas que você realizou na atividade anterior são as mesmas que um editor de jornal realiza cotidianamente quando decide qual carta de leitor vai ser publicada. Mas será que quando duas pessoas diferentes editam uma carta o resultado é o mesmo?

ATIVIDADE

3

Comparação de edições diferentes de uma mesma carta

Suponha que, para publicar a carta de K., o editor daquele jornal impresso para o qual a carta foi enviada a tenha modificado de acordo com o que está apresentado a seguir. Leia a versão do editor, compare com a versão que você elaborou e analise em que a sua e a do editor do jornal coincidiram e se diferenciaram. Depois, responda: Qual edição você considera que ficou melhor? Por quê?

A tortura na visão do brasileiro

Em relação à notícia *Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão*, o que me entristece é a pesquisa mostrar que a situação de nosso país continua grave quando se trata da relação que existe entre autoridade policial e população. O que me deixa orgulhosa é a posição assumida pelos brasileiros quanto à tortura. Isso mostra duas coisas importantes: o reconhecimento da tortura como desrespeito aos direitos humanos e a crença na justiça.

K., Catanduva (SP), por e-mail

HORA DA CHECAGEM

Mais uma vez você vai checar as respostas dadas às atividades propostas. Leia com atenção as orientações apresentadas e compare-as com o que escreveu. Este estudo vai ser fundamental para a etapa seguinte do seu trabalho, que será a elaboração de uma carta argumentativa de leitor.

Preste atenção no que será dito, e não nas palavras utilizadas, pois é possível dizer uma mesma coisa de diferentes maneiras. Por isso, leia, compare e revise com cuidado.

Atividade 1 - A carta enviada e as restrições para publicação

- 1** As duas últimas alternativas estão corretas.
- 2** Pode-se dizer que K. concorda com o trabalho da Anistia Internacional por conta da relevância do tema para a sociedade atual. As expressões que utiliza para referir-se à tortura, por exemplo (*problema, situação grave, desrespeito profundo, barbaridade, procedimento execrável, extremo desrespeito aos direitos humanos*), revelam isso. As propostas que apresenta ao final da carta também, além das razões que enumera para estar triste e orgulhosa.
- 3** A resposta deveria apontar que sim, os três aspectos são referidos por K. em sua carta. Os trechos a seguir comprovam:
 - O que me entristece é o fato de que a pesquisa da Anistia Internacional mostra que a situação de nosso país continua grave quando se trata da relação que existe entre autoridade policial e população, que continua sendo de falta de confiança, de medo, quando deveria ser exatamente o oposto.
 - Apesar de todo esse quadro, ainda há aqueles que consideram que em alguns casos a tortura pode ser justificada. São poucos os brasileiros que pensam assim, apenas 19%, mas eles existem, infelizmente.
 - Estamos nós ao lado da Grécia – berço histórico da democracia – e da Coreia do Sul, compreendendo e defendendo a necessidade de legislação clara e efetiva contra a tortura.
- 4** A resposta a essa questão requer comentários de caráter pessoal. Compare os aspectos que você apontou no exercício 9 da Atividade 1 do Tema 1 com os argumentos apresentados na carta de K. e cite se ela comentou algum dos quais você havia citado.
- 5** Para responder a essa questão é importante que você considere a relevância do tema em relação aos direitos humanos. Em sua resposta, você deve dizer se concorda ou não com os comentários que entristecem ou orgulham K. Não deixe de justificar sua resposta, ou seja, dizer por que concorda ou discorda da opinião dela.

Atividade 2 - A edição da carta de K.

No processo de edição da carta de K., uma possibilidade de cortes – respeitando-se os critérios estabelecidos – é a seguinte:

Caro editor,

Ao ler a notícia *Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão*, publicada no último dia 13, por um lado, fico muito entristecida; e, por outro, orgulhosa. (informação dispensável) E quero muito manifestar-me a esse respeito.

Θ que me entristece é o fato de que a pesquisa da Anistia Internacional mostra que a situação de nosso país continua grave quando se trata da relação que existe entre autoridade policial e população, que ainda é de falta de confiança, de medo, quando deveria ser exatamente o oposto. (foco da posição de K.) Acho que os anos que vivemos sob uma ditadura militar nos deixaram sequelas quase irrecuperáveis, pelo menos a curto e médio prazo (aliás, o que é médio prazo quando se fala de uma situação de desrespeito tão profundo, não é mesmo?). A gente lê os jornais e continua encontrando notícias sobre torturas físicas, psicológicas, linchamentos todos os dias nos jornais, na TV, no rádio. Quando tais atos não são realizados por policiais, vemos um descaso da parte deles no que se refere a descobrir os responsáveis. Além disso, vemos a justiça brasileira literalmente cega a essa questão, sem responsabilizar e punir os envolvidos. Essa situação funciona como se fosse um *moto continuum*, corpo policial alimentando a inoperância da justiça, e vice-versa.

Θ caso do pedreiro Amarildo, por exemplo, em que a investigação concluiu que foi morto por causa da tortura que sofreu em uma unidade da UPP na Rocinha, é exemplar.

Θ próprio relatório da Anistia, segundo a notícia que li, comenta que os governos de países do mundo todo têm duas caras com relação à tortura, aparentando indignação em público, mas a utilizando clandestinamente. (informações desnecessárias, que funcionam apenas no texto integral, como argumentos, exemplos.)

Apesar de todo esse quadro, ainda há aqueles que consideram que em alguns casos a tortura pode ser justificada. São poucos os brasileiros que pensam assim, apenas 19%, mas eles existem, infelizmente. (foco da posição de K.)

Θ motivo que me deixa orgulhosa tem a ver com o outro aspecto da pesquisa: o da posição assumida pelos brasileiros em relação a essa barbaridade, a tortura. (foco da posição de K.) Estamos nós ao lado da Grécia — berço histórico da democracia — e da Coreia do Sul, compreendendo e defendendo a necessidade de legislação clara e efetiva contra a tortura. (informações desnecessárias) Isso mostra duas coisas importantes: o reconhecimento da tortura como procedimento execrável e (qualificação dispensável) de extremo desrespeito aos direitos humanos e, por outro, a insistência em acreditar na possibilidade de um sistema de justiça que funcione de verdade. (foco da posição de K.)

Não sei para onde vamos. Mas parece que os brasileiros estão sensibilizados com tudo isso. No entanto, sensibilização só não basta. É necessário, mas não suficiente. Fóruns de discussão sobre esse assunto poderiam ser criados, novos modos de participação efetiva da população poderiam ter lugar, grupos de acompanhamento e fiscalização de ações públicas — como das autoridades policiais, como da administração do sistema de saúde e de educação (porque tortura também é submeter a pessoa a um atendimento precário na doença e negar-lhe acesso a conhecimento e bens culturais) —, grupos de discussão do que fosse observado nesse acompanhamento com poder para encaminhar ações visando melhorar as coisas (romantismo? Talvez... Mas, antes de qualquer coisa, crença na possibilidade.) etc.

~~Está bem, espaços como esse já existem, dirão alguns. Mas, se não têm força de ação e resolução do problema, não são, efetivamente, espaços úteis. É preciso revê-los, reformá-los, excluí-los, se for o caso. Para, depois, criar outros que poderão não ser os melhores, que poderão ser abandonados também, mas que representarão um esforço de avanço na direção da solução do problema.~~

~~E veículos de credibilidade como esse jornal poderiam colaborar intensamente com isso.~~

No fundo – e também na superfície –, é tudo uma questão de escolha. (informações dispensáveis, apenas interessariam como sugestões)

Atenciosamente,

K.

Atividade 3 - Comparação de edições diferentes de uma mesma carta

A resposta depende da edição que você realizou. Compare-a com a carta que teria sido publicada no jornal impresso e verifique qual corresponde mais à ideia geral de K. e ao que poderia interessar aos leitores. Além disso, leve em conta a organização que você deu à carta e aquela que consta da versão modificada pelo editor do jornal impresso, para analisar qual você considera que deixa mais clara para o leitor do jornal a posição de K.



Registro de dúvidas e comentários

Neste tema, mais uma vez, você retomará as características de uma carta de leitor. Desta vez, com a intenção de lembrá-lo sobre os seguintes aspectos: o que o seu texto – a carta que vai produzir – precisa conter; as condições nas quais uma carta de leitor é produzida, pois são elas que vão orientá-lo na produção do texto; o papel do editor ao receber uma carta de leitor, pois isso deve dirigir a sua produção.

Além disso, você analisará alguns procedimentos que deve adotar no processo de elaboração do seu texto.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Considerando tudo o que você aprendeu e já sabe até o momento, complete o quadro a seguir, definindo todos os aspectos que devem orientar o leitor ao elaborar uma carta argumentativa.

Aspectos que devem orientar o leitor na elaboração de uma carta argumentativa	
Quem são os leitores de uma carta como essa?	
Quem costuma escrever uma carta como essa?	
Qual costuma ser a finalidade dessa carta?	
Onde essa carta é publicada?	
O que deve conter uma carta como essa?	
Como deve ser uma carta como essa?	

- Agora, levando em conta o que escreveu anteriormente e todo o trabalho realizado, faça uma lista de aspectos que você deve considerar, de cuidados que deve tomar quando for elaborar sua carta.

**ASSISTA!****Língua Portuguesa – Volume 2***Escrever é preciso*

Antes de iniciar este tema, veja o vídeo. Nele, diferentes pessoas, como escritores, estudantes e professores, falam sobre o que significa escrever para cada um deles. O vídeo, além de trazer relatos de escritores como Drauzio Varella e Lourenço Mutarelli – que contam como se sentem ao escrever, aborda a maneira como algumas pessoas agem ao redigir algo e o que consideram importante para que o texto fique bom.

É comentada com bastante clareza também a importância da revisão e da reescrita do texto no processo de produção: os envolvidos relatam com simplicidade como procedem nesse momento e de que modo o outro – um parceiro com quem podem contar nessa hora – pode colaborar para que o texto fique sempre melhor.

**Procedimentos recomendados a quem vai elaborar uma carta de leitor**

O estudo aqui realizado vem mostrando que escrever uma carta argumentativa de leitor, ainda que isso não deva intimidar, não é tarefa muito fácil.

Recuperação do contexto que orienta a produção da carta

Suponha que, antes de qualquer coisa, você tenha **compreendido muito bem o texto lido** sobre o qual vai se manifestar. É essa compreensão que vai possibilitar que **uma posição clara com relação a seu conteúdo seja tomada**, concordando com ele ou discordando dele. Uma vez que sua posição tenha sido assumida, é preciso **selecionar argumentos** que a sustentem. Se você já tiver um bom conhecimento sobre o assunto, certamente terá informações para tanto. Mas, se não tiver, uma boa pesquisa é sempre recomendada e costuma funcionar, invariavelmente.

Ao selecionar seus argumentos, tome cuidado com o seguinte: **você vai escrever para diferentes leitores**. Em primeiro lugar, terá que pensar que o editor lerá sua carta e tomará a decisão a respeito da sua publicação; sendo assim, você deve selecionar argumentos que possam parecer interessantes para ele. Em segundo, deve lembrar que, caso a matéria jornalística tenha autor identificado, você se dirigirá a ele; caso não tenha, é ao jornal como um todo a quem escreverá. De qualquer modo, esses argumentos devem ser bons também para esse interlocutor, ou seja, devem sensibilizar esse leitor. E, finalmente, você escreverá para todos os demais leitores do jornal que se interessarem pelo assunto;

assim, seus argumentos devem, também, ter força para convencer esses leitores da sua posição.

Você deve usar o mesmo raciocínio quando pensar no tipo de linguagem que adotará na escrita da carta: precisa ser adequada a todos esses leitores, cativando-os, mantendo uma atitude respeitosa em relação a eles. Caso contrário, lerão uma ou duas linhas e desistirão do texto.

Mas lembre-se: o editor precisa publicar a carta para que os demais leitores possam lê-la. Portanto, é a ele que sua carta deve interessar antes de qualquer outro leitor.

Uma vez tendo assumido uma posição e encontrado modos adequados de sustentá-la aos interlocutores, é hora de pensar que você terá que **escrever para o jornal ou a revista no qual a matéria foi publicada**. Isso significa que terá que verificar quais são as **recomendações** que o jornal ou a revista colocam para as cartas de leitor: dados pessoais fundamentais e limites relativos à extensão costumam ser as mais presentes.

Aí já pode ser hora de você começar a planejar o que vai escrever. Como fazer isso?

Definição do conteúdo temático do texto

A primeira ação de quem vai elaborar um texto é definir sobre o que falará. Não é diferente com a carta argumentativa de leitor.

Posicionar-se diante da matéria lida e selecionar argumentos para sustentar essa posição, considerando todos os interlocutores da carta, já é a definição do conteúdo de uma carta de leitor.

Se levar em conta a carta de K., que acabou de estudar, você verá que ela definiu como conteúdo de sua carta o seguinte:

- Posicionamento favorável à pesquisa realizada pela Anistia Internacional, por essa ser uma questão relevante se forem considerados os direitos humanos.
- Comentários a respeito do impacto que a pesquisa teve nela, focalizando os seguintes aspectos:
 - Impactos desfavoráveis: 80% dos brasileiros temerem tortura feita por autoridades policiais caso sejam presos; 19% deles ainda admitirem a tortura em alguns casos.
 - Impactos favoráveis: a maioria dos brasileiros defende a necessidade de leis mais severas contra a tortura, porque isso demonstra tanto um posicionamento contrário à existência dessa prática quanto uma crença na possibilidade de justiça efetiva.

- Apresentação de sugestões de ações para que seja possível avançar na direção da extinção da tortura na sociedade.

É preciso ter clareza de que esse não é o esquema do texto. É apenas a indicação de qual foi o conteúdo básico da carta elaborada por K. Ela, certamente, pensou nisso antes de escrever o texto, e pode até ter anotado que esse seria o conteúdo. E é isso o que qualquer escritor faz e precisa fazer para que seu texto tenha boa qualidade e seja consistente.

Depois de definir o conteúdo da carta, a tarefa é decidir de que maneira o texto será organizado, ou seja, de que modo os tópicos serão distribuídos e organizados no texto.

Planejamento do texto, parte a parte

Planejar o texto que será escrito é tarefa fundamental no processo, pois oferece ao escritor um esquema a ser “preenchido” com as informações do conteúdo definidas na etapa anterior.

Quando o texto de K. é analisado, dá para ver que o planejamento do texto que ela escreveu possivelmente se configura da maneira apresentada a seguir.

- Usar uma expressão de cumprimento cordial.
- Elogiar o veículo, mencionando sua credibilidade e sua importância no tratamento das questões relativas à tortura.
- Organizar a carta falando das indicações positivas que a pesquisa noticiada apresenta, e também das negativas.
- Deixar os aspectos positivos para o final, a fim de ser mais impactante para o leitor.
- Relacionar o medo atual dos brasileiros com os anos de ditadura e o abuso de poder sofridos.
- Apresentar informações que confirmam a pesquisa da Anistia Internacional, como o caso do pedreiro Amarildo.
- Mostrar que o momento é de ação contra a prática da tortura e sugerir atuações e providências.
- Terminar com um cumprimento cordial.
- Dar um tom esperançoso, mas não romântico, à carta, procurando comover o editor e o leitor, pois a questão é muito séria.
- Não misturar essa discussão, que é de direitos humanos, com questões partidárias.

Não se esqueça de que a organização inicial da carta que você vai escrever pode não corresponder àquela que ela vai assumir ao ser publicada. O editor poderá ajustá-la considerando as restrições do veículo, inclusive acrescentando-a em um grupo de cartas relativas ao mesmo assunto. Nesse caso, ele talvez dê um título para o grupo de cartas, o qual costuma indicar o assunto a que se refere. Na carta de K., você poderá verificar isso, assim como em cartas estudadas na Unidade 1.

Elaboração do texto

Depois de feito o planejamento do texto, é só redigi-lo, considerando os três trabalhos feitos anteriormente:

- Recuperação do contexto que orienta a produção da carta.
- Definição do conteúdo temático do texto.
- Planejamento do texto, parte a parte.

O importante nesse processo é não perder de vista todas as informações de cada etapa. Deixar cada um dos esquemas ao lado (elaborados nos três momentos indicados anteriormente) na hora de escrever é de grande ajuda.

ATIVIDADE

1

Adotar os procedimentos descritos pode dar qualidade ao texto

Acabaram de ser abordados os procedimentos que K. pode ter utilizado na elaboração da sua carta argumentativa de leitor. No entanto, você viu o trabalho que seria editar a carta para publicá-la em um veículo impresso. Sendo assim, de todos os aspectos que precisam ser considerados ao se criar uma carta, qual (ou quais) você acredita que K. não respeitou o suficiente? Explique sua resposta.

Apresentação da proposta de elaboração de uma carta argumentativa de leitor

Agora você vai produzir uma carta argumentativa de leitor. Siga as orientações a seguir.

Orientações para a elaboração da sua carta de leitor

- Selecione uma matéria de seu interesse entre as múltiplas publicadas em jornais e revistas que costuma ler. Você deve escolher uma matéria a respeito da qual deseje manifestar sua posição.
- Lembre-se de que você escreverá uma carta argumentativa de leitor; portanto, carta de solicitação, reclamação e de cumprimentos não valem.
- Posicione-se em relação à matéria: a favor ou contra, não importa, pois essa é uma decisão sua, que deve ter a ver com suas convicções e com sua maneira de pensar.
- Defina argumentos que possam sustentar a posição que você assumiu.
- Verifique quais são as recomendações para publicação das cartas que o jornal ou a revista que você escolheu apresentam aos leitores.
- Anote qual será o conteúdo de sua carta. Tome como exemplo o que foi feito com a carta de K. anteriormente.
- Faça um esquema de como será escrita essa carta. Mais uma vez, dê uma olhada no que foi feito com a carta de K.
- Redija sua carta a partir dos aspectos que orientam a elaboração do texto; dos conteúdos definidos; do esquema do texto que você estruturou.

LEMBRE-SE!

- Escolha os argumentos e a linguagem do seu texto considerando quem lerá a sua carta.
- Oriente seu texto de acordo com as restrições colocadas pelo jornal ou pela revista.
- Escreva seu texto com legibilidade, procurando cuidar da correção gramatical e ortográfica.

A revisão da carta de leitor: Como fazer?

Se você pensou que era só escrever uma vez e o texto estaria pronto, enganou-se. Escrever é uma tarefa que requer muitas vezes a leitura do texto, procurando, a cada vez, torná-lo mais adequado, principalmente, ao leitor.

Assim, seu primeiro texto é sempre um rascunho. Antes da versão definitiva, há muito trabalho a fazer.

Depois de redigir sua carta, você precisa, então, revisá-la. Para tanto, leia-a mais uma vez e, de acordo com as perguntas apresentadas no quadro a seguir, faça um levantamento de quais aspectos estão adequados no texto e quais precisarão ser ajustados e corrigidos. Depois disso, reescreva-a considerando as anotações que fez no quadro.

Quando for revisar seu texto, veja se consegue trabalhar com um colega ou alguém que tenha disponibilidade. É sempre mais produtivo quando se trabalha com a colaboração de outro. Afinal, um par de olhos diferentes pode auxiliar a enxergar coisas antes imperceptíveis.

Orientações para a revisão da carta argumentativa de leitor			
Elementos organizadores da carta	Sim	Não	Às vezes
Você indicou a data e colocou o nome da sua cidade?			
Você se identificou no final da carta?			
Você colocou uma expressão de saudação cordial ao começar a carta?			
Ao se despedir, você o fez de maneira cordial também?			
Núcleo da carta			
O texto apresenta uma seção, indicando a que matéria a carta se refere?			
Você apresentou sua posição, claramente, em relação ao conteúdo da matéria?			
Você apresentou explicações e argumentos para sustentar sua opinião?			
Ao longo do texto há referências elogiosas ao veículo, de modo que possam funcionar como negociação com o editor para que sua carta não seja recusada?			
O texto apresenta uma seção de despedida?			
Você considerou o limite de extensão que o jornal ou a revista indica?			
Recursos textuais e gramaticais			
O texto utiliza uma linguagem que os leitores podem entender?			
A linguagem está clara e polida?			

Orientações para a revisão da carta argumentativa de leitor			
Recursos textuais e gramaticais	Sim	Não	Às vezes
Ao reler seu texto, teve dificuldade para compreender algum trecho? (Se teve, anote qual, para revisá-lo com mais cuidado.)			
Considera que os recursos de pontuação que utilizou garantem que o leitor compreenda o que você quis dizer? (Se houver trechos que precisam de ajustes em uma segunda leitura, marque-os para corrigi-los em seguida.)			
E quanto à paragrafação? Há outros parágrafos que poderia marcar? (Se houver, anote o trecho e corrija depois.)			
O texto foi escrito em primeira pessoa?			
As palavras foram escritas com a grafia correta (incluindo-se a acentuação e a translineação – separação correta das palavras quando não couberem na linha)?			
Observações para a revisão			

Para auxiliá-lo no processo de revisão do seu texto, há a seguir a análise de outra carta de leitor escrita a partir da mesma matéria estudada, intitulada *Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão*.

Espera-se que, lendo as considerações que forem feitas a essa carta, você possa analisar melhor aquela que produziu.

Carta elaborada

Ontem li a reportagem da Anistia Internacional falando de tortura, violência e o que os brasileiros pensam disso tudo.

Não é à toa que os brasileiros ainda têm medo da polícia, pois os policiais estão tão corruptos que nesse cenário é difícil distinguir quem é bandido e quem é mocinho. Pelo menos os bandidos fazem tudo na vista, pra todo mundo ver, enquanto os policiais escondem. Como a gente vai se sentir protegido por um bando de pessoas que a gente não sabemos se estão ali para nos defender ou para se unir a eles? Isso com certeza é a pior dúvida de todas e a que mais preocupa a gente, também.

Por isso, infelizmente, não fiquei surpreso com essa pesquisa. Basta ver as notícias nos jornais, todos os dias, com os casos de perseguição de pessoas só porque se parecem com bandidos procurados, com a prisão de caras só porque são negros ou porque estão de moto antiga, com a perseguição de gente só porque está malvestido e é pobre.

E não adianta mais leis o qual a Anistia recomenda porque aqui já há leis demais que não são cumpridas, que só servem para quem tem riqueza para contratar um bom advogado.

Essa pesquisa vem bem de encontro a essa nossa triste realidade.

Abs.,

J. L. A.; São Paulo.

Análise da carta, parte por parte

Estudo da carta de leitor escrita em relação à matéria <i>Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão</i>	
Trecho do texto	Comentário/questões a ser esclarecidas
Ontem li a reportagem da Anistia Internacional falando de tortura, violência e o que os brasileiros pensam disso tudo.	<p>Não há indicação dos parâmetros de localização do leitor (cidade, data).</p> <p>Não há cumprimentos apresentados ao editor.</p> <p>Não há referência adequada à reportagem: seria preciso indicar título e data da reportagem.</p> <p>Não há, ainda, uma captação de simpatia do destinatário, que é o editor. Esse aspecto é muito importante, pois é o editor que decide se a carta será ou não publicada.</p>

Estudo da carta de leitor escrita em relação à matéria
Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão

Trecho do texto	Comentário/questões a ser esclarecidas
<p>Não é à toa que os brasileiros ainda têm medo da polícia, pois os policiais estão tão corruptos que nesse cenário é difícil distinguir quem é bandido e quem é mocinho. Pelo menos os bandidos fazem tudo na vista, pra todo mundo ver, enquanto os policiais escondem. Como a gente vai se sentir protegido por um bando de pessoas que a gente não sabemos se estão ali para nos defender ou para se unir a eles? Isso com certeza é a pior dúvida de todas e a que mais preocupa a gente, também.</p>	<p>Aqui começa a se apresentar a posição do leitor em relação ao assunto. Parece que tenta justificar o resultado da pesquisa.</p> <p>No entanto, refere-se apenas à corrupção dos policiais, mostrando-a como justificativa para o fato de os brasileiros não confiarem no corpo policial.</p> <p>Não há referência à tortura, foco da pesquisa da Anistia Internacional.</p> <p>A linguagem é repleta de sentidos comuns, sem nenhum exemplo concreto, sem dados específicos que possam sustentar as afirmações.</p> <p>Além disso, o registro linguístico – linguagem utilizada – é extremamente coloquial e, por vezes, resulta em erros como “a gente não sabemos”, quando deveria ser “a gente não sabe”; “pra todo mundo ver”, quando deveria ser “para todo mundo ver”; “os bandidos fazem tudo na vista”, quando deveria ser “fazem tudo à vista”.</p> <p>Além disso, há o caso da expressão “ou para se unir a eles”, que é difícil compreender a que se refere.</p>
<p>Por isso, infelizmente, não fiquei surpreso com essa pesquisa. Basta ver as notícias nos jornais, todos os dias, com os casos de perseguição de pessoas só porque se parecem com bandidos procurados, com a prisão de caras só porque são negros ou porque estão de moto antiga, com a perseguição de gente só porque está malvestido e é pobre.</p>	<p>Neste trecho confirma-se o fato de que o leitor tenta justificar o resultado da pesquisa. Ainda, o foco que o leitor dá é que, em função da situação descrita no parágrafo anterior e dos dados mostrados aqui, o resultado da pesquisa não o surpreende.</p> <p>Mais uma vez, a argumentação está repleta de senso comum, sem nenhuma sustentação efetiva, sem informações que possam ser confirmadas em órgãos ou veículos de credibilidade.</p> <p>O registro extremamente coloquial continua inadequado. A presença de “caras”, para se referir a homens ou jovens, é um exemplo. Continua havendo erros de concordância nominal, como no caso de “perseguição de gente só porque está malvestido”, quando deveria ser “perseguição de gente só porque está malvestida”.</p>
<p>E não adianta mais leis o qual a Anistia recomenda porque aqui já há leis demais que não são cumpridas, que só servem para quem tem riqueza para contratar um bom advogado.</p>	<p>Neste parágrafo, parece que o leitor tenta discordar de uma das recomendações do relatório a respeito da necessidade de uma legislação mais severa contra a tortura. Mas o leitor não relaciona as leis com a presença dela.</p>

Estudo da carta de leitor escrita em relação à matéria
Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão

Trecho do texto	Comentário/questões a ser esclarecidas
	<p>Do ponto de vista da linguagem, há um erro grave cometido: o uso do pronome <i>o qual</i>. Esse termo é masculino; assim, seria adequado se retomasse palavras masculinas, como em: “O homem levou consigo o cachecol, <i>o qual</i> lhe fora dado pela esposa como presente de aniversário”. Nesse caso, o pronome refere-se a <i>cachecol</i>; quando <i>o qual</i> é utilizado, retoma a palavra <i>cachecol</i>. O uso desse pronome significa, mais ou menos, que se retoma palavra ou expressão anterior. É como se a primeira frase ficasse assim: “O homem levou consigo o cachecol, cachecol que lhe fora dado pela esposa como presente de aniversário”. Por isso, foi empregado no masculino e no singular. Na frase “O homem levou consigo as muletas, as quais lhe auxiliavam na caminhada, por causa do seu problema nos joelhos”, repare que o pronome está no feminino e no plural. Isso porque se refere a <i>muletas</i>.</p> <p>Concluindo, o uso de <i>o qual</i> na carta está completamente inadequado. O correto seria: “E não adianta mais leis, o que a Anistia recomenda”. A expressão <i>o que</i> é que deve ser empregada, porque é a atitude de criar mais leis que está sendo retomada no texto. Não seria adequado <i>as quais</i> para retomar leis, porque a Anistia não recomenda, necessariamente, mais leis, e sim leis mais severas.</p> <p>Neste trecho, há, ainda, problemas de pontuação que deveriam ser corrigidos, como a colocação de uma vírgula antes do “porque”.</p>
<p>Essa pesquisa vem bem de encontro a essa nossa triste realidade.</p>	<p>Neste trecho, há outro problema grave de linguagem: o uso da expressão <i>de encontro</i>.</p> <p>Considerando toda a linha argumentativa da carta, é preciso concluir que o leitor queria mostrar que concorda com os resultados da pesquisa, que os compreende, em função da realidade em que vive o brasileiro. No entanto, ao utilizar a expressão <i>de encontro</i>, afirma exatamente o contrário: é como se os resultados da pesquisa e a sua opinião se chocassem. Para confirmar a sua ideia, deveria empregar <i>ao encontro</i>: assim, o resultado da pesquisa e sua opinião são coincidentes, encontram-se.</p>
<p>Abs., J. L. A.; São Paulo.</p>	<p>Há uso inadequado da linguagem: em primeiro lugar, o emprego da abreviação <i>abs</i> não é indicado nessa situação comunicativa, quando se escreve a um editor e se pretende que a carta seja publicada no veículo. Pode ser aceitável em <i>e-mails</i> informais, entre amigos ou para mensagens de textos e celulares, também entre amigos. Mas não neste caso.</p> <p>Mesmo que tivesse sido escrita por extenso, não é coerente com o grau de formalidade respeitosa necessário nesse contexto. “Cordialmente”, “Agradecendo a sua atenção”, “Certo de que minha carta será publicada” ou “Esperando que minha carta seja publicada” seriam despedidas mais adequadas.</p> <p>É mais indicada a identificação do leitor com o nome por extenso, o que confere maior credibilidade à carta.</p>

Estudo da carta de leitor escrita em relação à matéria
Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão

Problema fundamental da carta no que se refere ao conteúdo

A carta não faz referência explícita ao assunto efetivo da pesquisa, que são as questões sobre como pensam e como se sentem os brasileiros e os demais cidadãos entrevistados a respeito da tortura. A linha de argumentação foi apenas a compreensão de que não há confiança da população nos policiais.

Sugestão para reformulação da carta

São Paulo, [não é possível indicar a data por falta de informação]

Caro editor,

Sou um leitor assíduo do seu jornal e hoje, ao ler a matéria *Brasileiros são os que mais temem tortura na prisão*, publicada no dia 13 de maio de 2014, infelizmente, fiquei muito triste. Mas, confesso, os resultados da pesquisa da Anistia Internacional não me surpreenderam.

O fato de os brasileiros sentirem tanto medo de ser torturados caso sejam presos, certamente, é fruto da falta de confiança estabelecida entre população e corpo policial. Isso porque o brasileiro vive cotidianamente situações nas quais acaba sendo vítima de perseguição e da violência policial, com preconceitos de todo tipo e discriminação por causa da roupa que veste e da cor da sua pele.

O relatório da Anistia recomenda uma legislação mais severa contra a tortura, mas não sei se essa medida seria adequada no nosso país. O problema que vivemos não se refere à ausência de leis, mas à falta de cumprimento delas e à existência de uma justiça que beneficia as classes sociais mais bem favorecidas economicamente, em detrimento das demais, as mais pobres.

Penso que essa questão, no nosso país, é de justiça social, mais do que de qualquer coisa. E que deveríamos discuti-la amplamente, com toda a população.

Cordialmente,

[nome por extenso].

Palavras finais

Estude essas referências e utilize-as ao revisar o seu texto. Além disso, não se esqueça de levar sua carta ao CEEJA e conversar com o professor sobre ela. Certamente ele poderá orientá-lo no processo de revisão.



Você já parou para pensar a respeito de o quanto pode fazer diferença para a qualidade da sua carta de leitor o aprofundamento sobre o tema discutido?

TEMAS

1. As ideias de um texto e as relações que estabelecem entre si
2. E a coesão, o que é?

Introdução

Nesta Unidade, você estudará o cuidado que se deve ter ao estabelecer as relações entre as ideias de um texto, e também retomará a análise sobre a coesão, já vista na Unidade 2. Além disso, conhecerá outro conceito: o de coerência do texto. Nesta Unidade, serão articuladas as duas ideias – de coesão e de coerência –, verificando de que maneira se relacionam com a qualidade do texto escrito.

As ideias de um texto e as relações que estabelecem entre si

TEMA 1

Escrever é uma tarefa que requer cuidado e atenção do autor e ele deve procurar garantir que o texto seja compreendido pelo leitor. Ao escrever, é preciso fazer escolhas de várias naturezas: das palavras que representem melhor o que se pretende dizer, das informações mais importantes para a compreensão do texto apresentado, entre outras.

Alguns autores, por exemplo, explicam que o texto é como um tecido cujos fios se entrelaçam na constituição da informação que se quer transmitir ao outro. Neste tema, você refletirá sobre os aspectos que compõem um texto bem escrito.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Assinale, entre as afirmações apresentadas, aquelas que você considera que representam os cuidados necessários para produzir um bom texto.
- Procurar harmonizar o sentido dos trechos do texto, de modo que nada fique desconexo ou sem sentido.
- Estabelecer relações entre as partes do texto, de modo que ele, como um todo, tenha sentido.

- Ao longo do texto, ir apresentando novas informações, de forma a expandir as ideias.
 - Cuidar para que não haja contradições entre os trechos do texto.
 - Quando se tratar de defender uma ideia, cuidar para que o ponto de vista defendido esteja claro para o leitor.
 - Escolher as palavras que correspondam mais precisamente ao que se quer dizer.
 - Selecionar as palavras que sejam do conhecimento do leitor para quem o texto se destina.
 - Quando a intenção for defender uma ideia, procurar utilizar argumentos que possam convencer o leitor pretendido.
 - Durante a escrita do texto, analisar se as palavras escolhidas para articular um trecho a outro estabelecem as relações corretas.
 - Colocar as informações necessárias ao leitor, para que ele possa entender o que se pretende.
 - Tratar o leitor com polidez, ou seja, com cortesia e delicadeza, ainda que seja possível discordar de suas ideias a respeito de um assunto.
- Leia o texto a seguir e indique, considerando as alternativas apresentadas anteriormente, quais as principais afirmações que o trecho desrespeita, explicando por quê.

Texto 1

Era meia-noite e o sol raiava. As andorinhas pastavam, enquanto as vacas pulavam de galho em galho. Um velho ancião, de apenas 14 anos, estava sentado em pé numa pedra arredondada com quatro quinas. Calado, assim dizia: “Os quatro maiores profetas eram três: Abraão e Jeremias!”

Autoria desconhecida. Disponível em: <<http://www.anedotas.rir.com.pt/anedota814.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2014.

- Você acha que o texto foi escrito dessa maneira intencionalmente? Explique por quê.



Escrever um texto: O que essa tarefa exige?

É comum ouvir expressões como: *Sua atitude foi muito coerente* ou *O rapaz foi incoerente, pois disse uma coisa e fez outra*. A ideia de coerência está ligada a uma atitude lógica, que não se contradiz, ou seja, coerente.

De modo geral, pode-se dizer que escrever um texto requer dois procedimentos fundamentais, profundamente ligados entre si: estabelecer a coerência entre as ideias que se apresentam e também a coesão entre trechos que compõem o texto. Ambas – coesão e coerência – são características essenciais de um texto; sem elas, a escrita de uma sequência de enunciados será apenas um aglomerado de frases.

Mas o que é mesmo coerência?

Quando alguém fala em **coerência**, está se referindo à unidade de sentido que deve ser construída no texto, à relação que precisa ser estabelecida entre as informações apresentadas, dando-lhe significado, de modo que se consolide o tema tratado. A coerência trata, assim, da lógica interna do texto, isto é, o assunto abordado necessita se manter intacto, sem que haja distorções ou contradições, de tal forma que as ideias do texto possam ser compreendidas adequadamente pelo leitor.

O texto 1 que você leu, por exemplo, contém muitas incoerências, muitos absurdos. Mas, ao conhecer sua fonte, ao saber do que se trata, você deve ter percebido que é uma anedota, não é mesmo? Sendo assim, a desconexão foi intencionalmente planejada para provocar o riso do leitor.

Pode-se dizer, então, que o texto só ganha coerência quando o contexto no qual foi produzido é compreendido. Caso contrário, é uma sequência de frases sem sentido.

O que determina a coerência de um texto?

Considerando-se o texto 1, é possível dizer que conhecer as características do contexto de produção do texto (quem escreveu o texto, para quem foi escrito, onde foi

publicado, qual sua finalidade, entre outros aspectos) e articular essas informações com o texto, em si, possibilita a constituição da sua coerência.

Mas não é só isso. Leia o texto a seguir.

“As rosas não nadaram nas sobrancelhas do chocolate incolor”

Frase elaborada por Valmir de Almeida para o Programa de Prevenção ao Preconceito Étnico (Racial) da Prefeitura de Barra Mansa (RJ).

Faz algum sentido? Você deve, certamente, ter pensado que não, afinal, rosas não nadam, ainda mais nas sobrancelhas do chocolate incolor, que não existe, tampouco tem sobrancelhas, certo?

Pois bem. Agora, complete o texto que acabou de ler com o trecho apresentado a seguir.

A frase acima faz tanto sentido quanto o preconceito racial.

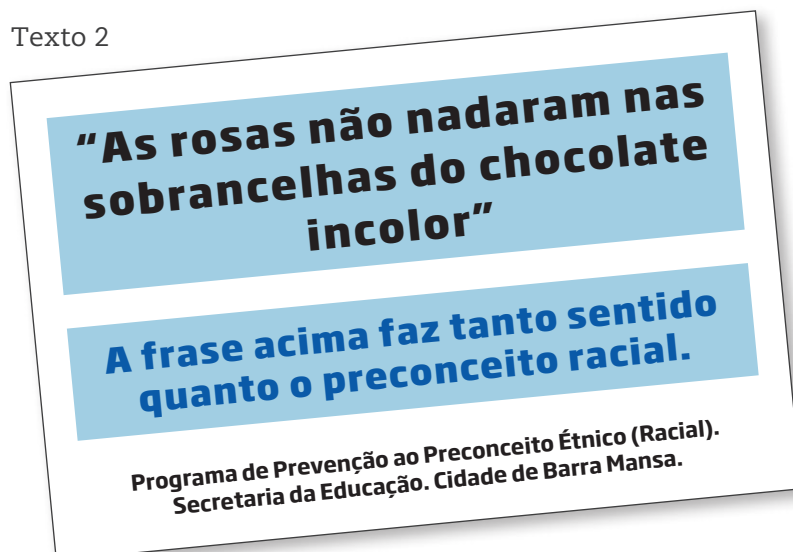
Programa de Prevenção ao Preconceito Étnico (Racial) da Prefeitura de Barra Mansa (RJ).

O que lhe parece, agora? O texto anterior ganhou significado?

Dessa vez você deve ter pensado que sim. Afinal, o preconceito racial não faz o menor sentido, não é mesmo? Tal como o primeiro trecho, quando lido isoladamente.

Esse texto, composto pelos dois trechos, era a chamada para o Programa de Prevenção ao Preconceito Étnico (Racial), presente no site da Prefeitura da Cidade de Barra Mansa (RJ), que o desenvolveu a partir de 1º de dezembro de 2006.

Texto 2



Nesse caso, diferentemente do que aconteceu quando o texto 1 foi lido, a coerência foi estabelecida quando houve a articulação entre os dois trechos, ou seja, as informações internas ao texto é que foram fundamentais para tanto. Quando o texto é relacionado ao lugar de publicação e à sua fonte (o programa desenvolvido pela prefeitura da cidade), a coerência se consolida.

Primeiras conclusões

Do estudo feito até o momento, é possível tirar, pelo menos, as seguintes conclusões:

- A relação entre o texto e o contexto é estabelecida por quem faz a leitura. Isso quer dizer que o conhecimento do leitor é fundamental para que ele possa atribuir coerência ao que lê. Se o leitor do texto 1 não o reconhecer como anedota, quer dizer, como uma piada, vai considerá-lo apenas um texto absurdo e sem coerência.
- As informações contidas nos diferentes trechos de um texto precisam articular-se, estar conectadas logicamente, pois, sem isso, perde-se o sentido.
- Um texto, para ser coerente, precisa ter continuidade nas ideias, ou seja, que se articulem sem quebra de sentido. Precisa ter progressão nas ideias que apresenta, quer dizer, precisa ir acrescentando conceitos novos a cada trecho, unindo-os aos anteriores sem prejudicar o sentido.

ATIVIDADE

1 O contexto de um texto e a sua coerência

Leia o texto a seguir e, depois, responda às questões.

O silêncio era profundo. A noite estava escura como breu. Da janela do quarto, ouviam-se vozes exaltadas para onde se dirigiam muitos fotógrafos e telegrafistas a fim de registrar o fato.

O detetive, ao longe, a tudo assistia, a todos identificava e, orientando-se pelo clarão da lua, ia anotando tudo na sua caderneta misteriosa.

O incidente havia acabado de acontecer, mas nunca se tinha visto tamanho rebuliço na pequena cidade.

A rede de televisão local já informava: cerca de 30% dos seus quase 1 milhão de habitantes estavam indignados com a situação.

1 Você considera o texto coerente? Explique sua resposta, exemplificando com trechos.

2 Se o título desse texto fosse *A noite em que os deuses enlouqueceram*, você acha que a sua opinião sobre a coerência dele se modificaria? Por quê?



DESAFIO

Entrou em vigor a lei que converte em *presunção de paternidade* a recusa dos homens em fazer teste de DNA.

Assinale a alternativa cujo texto pode ser concluído coerentemente com essa afirmação.

- a) Sara Mendes deu início a um processo na justiça, para que Tiago Costa assuma a paternidade de seu filho Cássio. Tiago não fez o exame de DNA, mas assume como muito provável ser ele o pai do menino. Cássio alega que o exame não é conclusivo, pois **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**
- b) Adriano é um rapaz muito presunçoso e não admite que lhe cobrem nada. A namorada lhe pediu um exame de DNA, para esclarecer a paternidade de Amanda, sua filha. Adriano disse que não faria o exame. A namorada disse que toda essa presunção serviria para o juiz atestar a paternidade, pois **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**
- c) Carlos de Almeida responde processo na justiça por não querer reconhecer como seu o filho de Diana Santos, sua ex-namorada. Carlos se recusou a fazer o exame de DNA, o que permite ao juiz lavrar a sentença que o indica como pai da criança, porque **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**
- d) Alessandro presume que Caio seja seu filho. Sugeriu a Telma um exame de DNA. Telma disse não ser necessário, pois **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**
- e) Mário e Felipe são primos. Mário é extremamente vaidoso, pretensioso. Felipe é um rapaz calmo e muito simples. Os dois namoraram Teresa na mesma época. Teresa teve uma filha e entrou na justiça para exigir dos dois primos um exame de DNA. O juiz disse que não era necessário, pois **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**



A coerência de ideias é fundamental em textos escritos. Com base no que você estudou até aqui, pense sobre em que consiste essa coerência e como ela pode ser alcançada.



VOCÊ SABIA?

O que diz a Lei nº 12.004, de 29 de julho de 2009? De modo simples, seria possível dizer que a lei afirma que, se um homem se recusa a fazer o exame de DNA para que se possa verificar se ele é pai de determinada criança, ele é “automaticamente” considerado o pai.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - O contexto de um texto e a sua coerência

1 Essa questão requeria uma análise do texto do ponto de vista da coerência de suas ideias, da pertinência delas, uma em relação às outras. A intenção é que fossem identificadas as contradições presentes, tais como:

- De que modo o silêncio poderia ser profundo se da janela ouviam-se vozes exaltadas?
- Como poderiam os fotógrafos se dirigir para vozes exaltadas? Apenas poderiam dirigir-se para o local de onde pareciam vir as vozes, mas não para as vozes.
- Que sentido faria ter telegrafistas no local para registrar o fato? O telégrafo não é o meio mais adequado para essa função, já que é utilizado para a transmissão de informações bastante curtas. Além disso, em uma cidade que possui uma rede local de televisão, um telégrafo representa recurso obsoleto, ultrapassado, para coleta e transmissão de informações nessa situação.
- Como poderia o detetive, ainda que orientado pelo clarão da Lua, assistir a tudo e identificar a todas as pessoas se a noite estava escura como um breu?
- Se a noite estava escura como breu, como seria possível a presença da claridade da Lua?
- Como poderia a cidade ser considerada pequena se tinha cerca de 1 milhão de habitantes?
- Se o incidente havia acabado de acontecer, de que maneira já se havia feito pesquisa com a população a respeito de sua posição sobre o fato?

Como se pode ver, as incoerências de sentido do texto são significativas. Além disso, o uso inadequado do articulador, ou seja, da expressão “para onde” no primeiro parágrafo, também provoca uma incoerência. Lido assim, o texto não faz sentido.

2 Nessa questão, o esperado é a compreensão de que o encaixe do texto ao título sugerido poderia criar uma coerência às contradições identificadas, partindo-se da ideia de que, em uma noite em que os deuses enlouquecessem, tudo seria possível.

Um texto, como se sabe, é composto de diferentes trechos que se articulam por meio de recursos diversos, como os vários tipos de palavras e a pontuação. Esses recursos buscam estabelecer entre um trecho e outro as relações que permitem que o leitor compreenda o que está sendo dito. A coesão é exatamente o resultado desse processo: a ligação harmoniosa entre os trechos do texto, procurando dar-lhe sentido. É isso que você estudará agora.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Você já deve ter ouvido algumas destas frases: *O técnico do time adversário afirmou que os jogadores estão **coesos***, *A decisão tomada foi **coesa***, *A eleição foi adiada porque não houve a **coesão** necessária*.

Para você, o que significa o termo *coesão*?



De que modo a coesão é estabelecida nos textos?

Para melhor compreender essa ideia, leia o texto a seguir.

Texto 1

[...] Há três *tipos* de *células-tronco*. As mais comuns são encontradas na medula do ser humano em qualquer idade, mas seu poder de reprodução e especialização é baixo. Outro *tipo* são as *células-tronco* existentes no cordão umbilical, mais potentes que as da medula. Mas o *tipo* mais promissor são as *células-tronco* dos embriões humanos. [...]

BATALHA da luz, Uma. *Veja*, Saúde, 2 mar. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/020305/p_074.html>. Acesso em: 14 out. 2014. (ênfases adicionadas)

Durante a leitura, é possível notar a repetição da palavra *tipo/tipos* e da expressão *células-tronco*. Essa **repetição** é um dos recursos que podem ser utilizados para estabelecer a conexão entre as ideias do texto.

Leia o texto mais uma vez:

[...] Há três tipos de *células-tronco*. As mais comuns são encontradas na medula do ser humano em qualquer idade, mas seu poder de reprodução e especialização é baixo. Outro tipo são as *células-tronco* existentes no cordão umbilical, mais potentes que as da medula. Mas o tipo mais promissor são as células-tronco dos embriões humanos. [...]

Desta vez, estão marcadas as palavras empregadas que retomam a ideia de *célula-tronco*: quando o texto diz “as mais comuns”, está se referindo às células-tronco indicadas anteriormente. Da mesma forma, quando afirma que “seu poder de reprodução e especialização é baixo”, está mencionando o poder das células-tronco já citadas antes. Já quando o texto afirma: “mais potentes que as da medula”, quer dizer “mais potentes que as células-tronco da medula”.

Nesse caso, não é a repetição de palavras que promove a coesão, mas a **substituição** de algumas palavras por outras: os pronomes *as* e *seu*.

Mais uma vez, analise o texto com atenção:

[...] Há três tipos de *células-tronco*. As mais comuns são encontradas na *medula do ser humano* em qualquer idade, mas seu poder de reprodução e especialização é baixo. Outro tipo são as *células-tronco* existentes no *cordão umbilical*, mais potentes que as da medula. Mas o tipo mais promissor são as células-tronco dos *embriões humanos*. [...]

Dessa vez, é importante observar que as palavras ressaltadas pertencem a um mesmo campo semântico. Quer dizer, elas possuem sentidos que se aproximam, que se relacionam ao tópico em discussão, fazendo parte de um mesmo campo do conhecimento. A reiteração ou retomada de sentido de palavras como essas também contribui para a coesão de um texto. Analise o texto pela última vez.

[...] Há três tipos de células-tronco. As mais comuns são encontradas na medula do ser humano em qualquer idade, **mas** seu poder de reprodução e especialização é baixo. Outro tipo são as células-tronco existentes no cordão umbilical, mais potentes que as da medula. **Mas** o tipo mais promissor são as células-tronco dos embriões humanos. [...]

Se você observou bem, pôde notar que as expressões grifadas foram empregadas no texto para *ordenar* a apresentação dos três tipos de células-tronco anunciados

logo no início. Já as duas palavras em negrito – **mas** –, serviram para indicar a relação estabelecida entre o trecho que vem antes delas e o que vem depois; nesse caso, a relação é de *oposição*.

Conclusões sobre o estabelecimento da coesão

A análise dos recursos coesivos empregados no texto 1 permite concluir que a coesão de um texto pode acontecer por meio de:

- *referência ao que já foi dito anteriormente*: acontece quando um termo retoma outro dentro do texto, quando reitera algo que já foi dito antes ou quando uma palavra é substituída por outra que possui com ela alguma relação semântica;
- *articuladores textuais* (elementos que fazem a coesão dentro das frases e entre trechos do texto, como o *mas* do texto 1): são palavras – ou expressões – que determinam quais são as relações existentes entre os trechos do texto, conectando-os. Alguns exemplos: *mas, também, todavia, porém, de, para, ultimamente, agora*, entre outras.

Consulte o quadro *Articuladores textuais e as relações que estabelecem entre os trechos dos textos*, apresentado a seguir, para ter uma ideia sobre quais podem ser essas relações e para conhecer a diversidade de articuladores que se pode utilizar.

Além desses recursos, não se pode esquecer que a **ordenação temporal dos acontecimentos** apresentados em um texto também contribui para melhor compreensão da sequência das ideias e da relação existente entre elas. Assim, além das *expressões que indicam o tempo*, a utilização dos *tempos verbais* de maneira correta e articulada é recurso fundamental para a manutenção da coesão do texto.

Veja o que acontece no miniconto a seguir.

Texto 2

Numa noite fria de inverno, em um site de relacionamentos, Mariana **encontrou** Adalberto.

Ambos **estavam** sós. Ambos sem esperança.

Meses depois, se **encontraram**. Assim, ao vivo, frente a frente. **Conversaram**. **Falaram** de suas desesperanças, de suas saudades, de suas vontades. Na solidão, nem **tocaram**. Não *era* preciso. **Estava** nos olhos, na face, na indecisão das mãos que não sabiam onde ficar.

Quando se foram, os olhos de ambos já não **estavam** sem brilho.

Os acontecimentos, nesse conto, foram encadeados tanto pela utilização de várias expressões que indicam o tempo (*Numa noite fria de inverno, meses depois e quando*) quanto pela correlação dos tempos, ou seja, pela relação entre os tempos dos verbos empregados, todos eles conjugados no passado (**encontrou, estavam, encontraram, conversaram, falaram, tocaram, era, estava, foram, estavam**).

Ambos os recursos – articuladores e verbos – foram trabalhados de modo coerente com a ideia que se pretendia passar, que era contar uma história acontecida no passado.

Articuladores textuais e as relações que estabelecem entre os trechos dos textos		
Relações	Articuladores	Exemplos
Adição/ inclusão	<i>e; pois; além disso; e ainda; não só... mas também; por um lado... por outro; mais; e mais</i>	Depois da reforma, o museu ficou mais amplo e arejado. <i>Por outro lado</i> , menos acolhedor.
Causa	<i>pois; pois que; porque; por causa de; dado que; já que; uma vez que; porquanto</i>	Amanhã provavelmente faltará ônibus na zona oeste, <i>pois</i> os motoristas de ônibus dessa região entrarão em greve. As filas nos postos de saúde aumentaram muitíssimo na última semana, <i>por causa do</i> aumento de dengue na região.
Certeza	<i>é evidente que; certamente; decerto; com toda a certeza; naturalmente; evidentemente</i>	Como aqueles serviços contratados na companhia telefônica não funcionavam desde que ela se mudara, <i>com toda a certeza</i> pretendia fazer uma queixa no Procon.
Consequência	<i>por tudo isso; de modo que; tanto... que; de tal forma que; por conseguinte</i>	Estava chovendo, ventava forte, a temperatura havia caído sensivelmente; <i>por tudo isso</i> , ela havia resolvido ficar em casa.
Conclusão/ finalização	<i>portanto; logo; enfim; em conclusão; concluindo; em suma; para terminar; para concluir; finalizando</i>	Há muito tempo que quem governa este país conhece a necessidade de preservação dos recursos que geram a eletricidade; <i>portanto</i> , não há desculpas para a existência de apagões e racionamentos nos dias de hoje.
Chamar a atenção/ ressaltar	<i>note-se que; atente-se para; repare que; veja que; constate-se; sobretudo</i>	Há um grande volume de pessoas no metrô em horário de pico, <i>sobretudo</i> no final do dia, quando os trabalhadores deixam o centro da cidade.
Dúvida	<i>talvez; é provável; é possível; provavelmente; possivelmente; porventura</i>	O telefone de casa toca, toca e ninguém responde: é <i>provável</i> que ele ainda não tenha chegado do trabalho.
Enfatizar	<i>efetivamente; com efeito; na verdade; como visto; felizmente; o mais decisivo</i>	“Três pontos polarizaram o debate. [...] O <i>mais decisivo</i> dizia respeito a um dos jargões que permeavam a que-rela: a neutralidade.”

Articuladores textuais e as relações que estabelecem entre os trechos dos textos		
Relações	Articuladores	Exemplos
Esclarecer	<i>isto não significa que; isto quer dizer que; não se pense que; com isto não se pretende</i>	A escola deve ser um espaço para todos; <i>isto quer dizer que</i> deve ser democrática.
Exemplificar	<i>por exemplo; isto é; ou seja; quer dizer; como se pode ver; é o caso de; é o que se passa com</i>	A noite estava escura como breu, <i>quer dizer</i> , não se envergava um palmo diante do nariz.
Finalidade	<i>para; para que; com o intuito de; a fim de; com o objetivo de; com a finalidade de</i>	<i>Para que</i> seja possível observar as estrelas com toda a poesia que elas merecem, há que apelar para a ciência: telescópios potentes são imprescindíveis.
Hipótese, condição	<i>se; a menos que; supondo que; (mesmo) admitindo que; salvo se; exceto se; como...</i>	Se, por acaso, você chegasse e o encontrasse com ela em casa, teria a mesma atitude ou rodaria a baiana, como fez sua irmã?
Ligação espacial	<i>ao lado; sobre; à esquerda; no meio; naquele lugar; o lugar onde; acima; abaixo; de um lado... de outro; ao norte; ao sul; a leste; a oeste; ao centro</i>	<i>De um lado</i> , você vê o mar. <i>De outro</i> , um dos parques mais famosos da região.
Ligação temporal	<i>após; antes; depois; em seguida; seguidamente; até que; quando</i>	Após anos de reforma, o teatro reabriu suas portas para a comunidade.
Opinião	<i>a meu ver; creio que; em nosso entender; parece-me que; penso que; acredito que</i>	“Ao ler seu texto, publicado no site Terramérica, a respeito da preservação do meio ambiente, discordo em alguns aspectos, pois <i>parece-me que</i> o bem-estar da natureza é essencial para o bem-estar do homem.” <small>PAVÃO, Angélica Martins. <i>Coesão textual: uma análise de textos de alunos do Ensino Médio Privado</i>. Curitiba: PUCPR, s/d.</small>
Oposição, restrição	<i>mas; apesar de; no entanto; porém; contudo; todavia; por outro lado; ao contrário; pelo contrário</i>	Ela não se deu por vencida; <i>ao contrário</i> , partiu em busca de seus direitos.
Reafirmação, resumo	<i>em outras palavras; ou melhor; ou seja; em resumo; em suma</i>	Ela gasta bastante com alimentação e consultas médicas pois tem a doença celíaca, <i>ou seja</i> , é intolerante ao glúten.

Articuladores textuais e as relações que estabelecem entre os trechos dos textos		
Relações	Articuladores	Exemplos
Seme- lhança	<i>do mesmo modo; tal como; assim como; pela mesma razão; como se</i>	“E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um ‘boa noite’ e um ‘muito obrigado ao senhor’ tão sinceros, tão veementes, <i>como se</i> eu lhe tivesse feito um presente de rei.” BRAGA, Rubem. A outra noite. In: _____. <i>Crônicas 2</i> . São Paulo: Editora Ática, 2002, p. 68.
Ordem	<i>em primeiro lugar; em segundo; primeiro; antes de tudo; depois; por último</i>	Voltar a estudar depois de muito tempo exige, <i>em primeiro lugar</i> , força de vontade e dedicação; <i>depois</i> , tempo para poder dedicar-se ao estudo e, <i>por último</i> , jogo de cintura para conciliar o estudo com as demais atividades de casa e do trabalho.
Confor- mação	<i>de acordo com; conforme; segundo...; consoante com</i>	“ <i>De acordo com</i> o Censo Escolar da Educação Básica, o número de alunos matriculados em escolas públicas de tempo integral cresceu 139% no Ensino Fundamental nos últimos três anos.” MUITO a fazer no ensino integral. <i>Época</i> , 21 abr. 2014, p. 11.
Proporção/ compa- ração	<i>à medida que; ao passo que; quanto mais... mais; quanto mais... menos; à proporção que</i>	Quanto <i>mais</i> as pessoas se tratam com respeito, <i>mais</i> se tornam confiantes, admiradoras de si próprias, tolerantes, compreensivas. <i>À medida que</i> o efeito da anestesia começava, e que a dor ia diminuindo, a expressão do seu rosto relaxava.
Concessão	<i>ainda que; mesmo que; posto que; se bem que; por mais que; apesar de; apesar de que</i>	<i>Ainda que</i> estivesse esgotada pelo trabalho, toda noite, quando chegava em casa, ia até a cama, beijava, afa- gava os cabelos e cobria cada um dos três filhos.

ATIVIDADE 1 Recursos coesivos no texto

1 Leia o texto a seguir.

Glauber Rocha, baiano de Vitória da Conquista, foi um dos grandes cineastas brasileiros, integrante mais importante do cinema novo, movimento começado no início dos anos 1960. Com o princípio de “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, **Glauber Rocha** deu uma nova identidade ao cinema brasileiro.

A carreira de **Glauber** se inicia em 1957, quando realizou o seu primeiro filme, intitulado *Pátio*, utilizando sobras do material de *Redenção*, de Roberto Pires. A partir daí, **Glauber** produziu diversos filmes, muitos deles premiados nacional e internacionalmente, como *Barravento*, *Deus e o diabo na Terra do Sol*, *A grande cidade*, *Terra em*

transe, que ganhou o prêmio Luis Buñuel, e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, premiado no Festival de Cannes.

Controvertido, sempre escreveu e pensou cinema, pretendendo uma arte engajada ao pensamento. **Glauber Rocha**, por pregar uma nova estética e defender uma revisão crítica da realidade, teve sérios problemas com a ditadura militar em 1964, o que o levou ao exílio em 1971, de onde nunca retornou totalmente.

São obras de **Glauber**, ainda, os filmes *Leão de sete cabeças*, que foi produzido no Quênia, e *Cabeças cortadas*, produzido na Espanha. Seu último filme foi *Idade da Terra*.

Glauber Rocha faleceu no Rio de Janeiro, em 1981: jovem, aos 42 anos.

Fontes: UOL Educação. *Glauber Rocha*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/glauber-rocha.jhtm>>. E-BIOGRAFIAS. *Glauber Rocha*. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/glauber_rocha/>. Acessos em: 29 ago. 2014.

Se você observou bem, há uma repetição inadequada do nome do cineasta por todo o texto, provocando um problema de coesão. Considerando o que já foi estudado até o momento, resolva esse problema, reescrevendo o texto no caderno, omitindo ou substituindo o nome do autor por palavras e expressões que considerar adequadas.

Como sugestão, pense em possibilidades de referir-se ao cineasta sem ser pelo seu nome. Por exemplo: *cineasta, ele, diretor, gênio do cinema, intelectual do cinema nacional, defensor do cinema novo*.

2 Leia os textos a seguir e os complete com os articuladores que você considerar adequados para torná-los coesos e coerentes. Escolha os articuladores entre os que foram apresentados nos quadros.

Trecho 1

A propaganda, _____ ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos econômicos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, _____, é ocultada por uma inversão: a propaganda sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, _____, sim, o consumidor. _____, a propaganda é mais um veículo da ideologia dominante.

ARANHA, Maria Lúcia A.; MARTINS, Maria Helena P. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.

NO ENTANTO – ASSIM – MAS – SEJA – TALVEZ

Trecho 2

Houve um acidente grave na estrada. _____ ambulâncias, médicos e enfermeiros se fizeram presentes, foi alto o número de mortos. _____ informações não oficiais, vários hospitais da região receberam os feridos.

APESAR DE – SEGUNDO – CERTAMENTE



DESAFIO

1 Identifique a ordem em que os períodos devem aparecer, para que constituam um texto coeso e coerente. (Texto de Marcelo Marthe: *Tatuagem com bobagem*. Veja, 05 mar. 2008, p. 86.)

I – Elas não são mais feitas em locais precários, e sim em grandes estúdios onde há cuidado com a higiene.

II – As técnicas se refinaram: há mais cores disponíveis, os pigmentos são de melhor qualidade e ferramentas como o laser tornaram bem mais simples apagar uma tatuagem que já não se quer mais.

III – Vão longe, enfim, os tempos em que o conceito de tatuagem se resumia à velha âncora de marinheiro.

IV – Nos últimos dez ou quinze anos, fazer uma tatuagem deixou de ser símbolo de rebeldia – de um estilo de vida “marginal”.

Assinale a alternativa que contém a sequência **correta**, em que os períodos devem aparecer.

a) II – I – III – IV

d) III – I – IV – II

b) IV – II – III – I

e) I – III – II – IV

c) IV – I – II – III

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2008. Disponível em: <http://antigo.vestibular.udesc.br/antiores/2008_2/provas_2008_2/gabarito_OFICIAL_e_provas_1f_t_2008_2.zip>. Acesso em: 10 nov. 2014.

2 O emprego do elemento sublinhado **compromete** a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao **pragmatismo** moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) A menos que se mudem alguns **paradigmas** culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Fundação Carlos Chagas. Concurso Público para Provedimento dos Cargos de Analista Judiciário – Área Judiciária. Tribunal Regional Federal da 3ª Região, 2007. Disponível em: <http://qcon-assets-production.s3.amazonaws.com/prova/arquivo_prova/41/fcc-2007-trf-3-regiao-analista-judiciario-area-judiciaria-execucao-de-mandados-prova.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.



Glossário

Paradigma

Conjunto de ideias que vai orientar o modo de pensar e de agir das pessoas em determinada situação. Esse conjunto de ideias passa a ser um modelo, um padrão a ser seguido, normas que estabelecem limites de ação para um indivíduo ou um grupo.

Pragmatismo

No contexto aqui presente, refere-se a ser prático, ter objetivos claramente definidos, ser realista, ter os pés no chão, não se guiar pelo improvisado, agir sem rodeios, procurando atingir as questões diretamente.



ASSISTA!

Língua Portuguesa – Volume 2

Pontuação, coerência e coesão

Antes de passar para a Unidade seguinte, programe-se para ver esse vídeo. Nele são retomadas as ideias de coerência e coesão discutidas nos dois temas que você acabou de estudar. Alguns novos exemplos de texto são analisados por especialistas, o que pode resolver eventuais dúvidas suas.

Esse vídeo trata também de pontuação, um recurso discursivo e textual que pode garantir tanto a coesão quanto a coerência a um texto; isso fica bastante claro na discussão inicial apresentada.

HORA DA CHECAGEM

As questões propostas a você nesta Unidade serão, agora, discutidas de modo a apresentar as expectativas de respostas consideradas adequadas. Leia-as com atenção, anote suas dúvidas e, caso seja necessário, procure o professor para resolvê-las.

Atividade 1 - Recursos coesivos no texto

1 Uma possibilidade de reescrita do texto é a seguinte:

Glauber Rocha, baiano de Vitória da Conquista, foi um dos grandes cineastas brasileiros, integrante mais importante do cinema novo, movimento começado no início dos anos 1960. Com o princípio de “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, o **diretor** deu uma nova identidade ao cinema brasileiro.

Em 1957, realizou o seu primeiro filme, intitulado *Pátio*, utilizando sobras de material de *Redenção*, de Roberto Pires. O **intelectual do cinema brasileiro** produziu diversos filmes, muitos deles premiados nacional e internacionalmente, como *Barravento*, *Deus e o diabo na Terra do Sol*, *A grande cidade*, *Terra em transe*, que ganhou o prêmio Luis Buñuel, e *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, premiado no Festival de Cannes.

Controvertido, sempre escreveu e pensou cinema, pretendendo uma arte engajada ao pensamento. O cineasta, por pregar uma nova estética e defender uma revisão crítica da realidade, teve sérios problemas com a ditadura militar em 1964, o que o levou ao exílio em 1971, de onde nunca retornou totalmente.

São obras dele, ainda, os filmes *Leão de sete cabeças*, que foi produzido no Quênia, e *Cabeças cortadas*, produzido na Espanha. Seu último filme foi *Idade da Terra*.

O defensor do cinema novo faleceu no Rio de Janeiro, em 1981: jovem, aos 42 anos.

Considere-se, no entanto, que essa redação é apenas uma das várias possibilidades.

2

Trecho 1

A propaganda, seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos econômicos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: a propaganda sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, a propaganda é mais um veículo da ideologia dominante.

ARANHA, Maria Lúcia A.; MARTINS, Maria Helena P. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.

Trecho 2

Houve um acidente grave na estrada. Apesar de ambulâncias, médicos e enfermeiros se fazerem presentes, foi alto o número de mortos. Segundo informações não oficiais, vários hospitais da região receberam os feridos.

Desafio

1 Alternativa correta: c. Portanto, a sequência é:

IV – Nos últimos dez ou quinze anos, fazer uma tatuagem deixou de ser símbolo de rebeldia – de um estilo de vida “marginal”.

I – Elas não são mais feitas em locais precários, e sim em grandes estúdios onde há cuidado com a higiene.

II – As técnicas se refinaram: há mais cores disponíveis, os pigmentos são de melhor qualidade e ferramentas como o laser tornaram bem mais simples apagar uma tatuagem que já não se quer mais.

III – Vão longe, enfim, os tempos em que o conceito de tatuagem se resumia à velha âncora de marinheiro.


A primeira parte (IV) é assinalada pela expressão “Nos últimos dez ou quinze anos”, que é típica de um início de parágrafo, situando em determinado tempo o que se pretende dizer a seguir. A

TEMAS

1. A canção popular: suas asas e raízes
2. O parto de uma canção
3. As múltiplas vozes das canções

Introdução

Nesta Unidade, você vai estudar a canção popular brasileira. Para tanto, vai identificar as características que esse gênero possui, analisando aspectos como: os diferentes temas e finalidades das canções; a presença da poesia nas composições; o modo de produção das letras quanto às melodias; o tipo de relação existente entre letras de canção e poemas. Vai analisar também as diversas maneiras de se organizar uma letra de canção, os recursos que podem ser utilizados pelo produtor, assim como a relação existente entre esta e a melodia.



TEMA 1 A canção popular: suas asas e raízes

A vida de todos é permeada por canções. As pessoas as ouvem em toda parte: no carro, na trilha sonora da novela e do filme, nos comerciais de rádio e TV, nos diferentes programas da mídia radiofônica, televisiva e eletrônica, no teatro, no circo, em situações de comemoração, em situações íntimas e familiares. Elas ocupam uma parte significativa da vida, mostrando interpretações dos autores sobre sentimentos pessoais, sobre situações vividas, sobre a situação política do País, sobre injustiças sociais, sobre religiosidade. Além disso, podem propor coreografias divertidas, acalantar bebês, reger brincadeiras infantis.

Ao entrar em contato com as canções, as pessoas podem identificar-se com elas e com os sentimentos que revelam. Cantando-as, extravasam emoções, desabafam, choram, acalentam, concentram-se (ou não), divertem-se, dançam, brincam. Ou seja, as canções podem afetar as pessoas de modo bastante sensível.

Pode-se dizer que as canções revelam diferentes maneiras de perceber e interpretar o mundo. Cada pessoa, ao entrar em contato com elas, vai elaborando sua própria visão desse mundo e constituindo sua própria maneira de compreendê-lo e interpretá-lo.

Ao longo do trabalho com este assunto, você estudará os diferentes propósitos das canções, os variados modos de dizer em torno dos quais as letras das canções são organizadas e, ainda, a maneira como elas são produzidas.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Pensando no lugar que as canções ocupam em sua vida, responda:

- Se sua vida fosse um filme e você decidisse organizar a trilha sonora, que canções não poderiam faltar? Cite pelo menos três, explicando por que escolheu cada uma.

- Que tipo de canções você costuma ouvir?

- Você tem algum cantor e algum compositor preferidos? Quais?



A palavra cantada: uma guardiã da memória

Desde tempos ancestrais, a palavra cantada vem sendo utilizada para manter viva a memória da civilização. Guerreiros descreviam as batalhas em verso e música para memorizá-las mais facilmente, e as cantavam quando retornavam à sua terra, documentando o acontecido. Poetas percorriam as aldeias cantando – e contando – suas inúmeras histórias, como maneira de renovar as lembranças e emoções de muitas gerações. No Brasil, por exemplo, essa tradição ainda se mantém na figura dos violeiros e repentistas nordestinos.

As canções populares continuam sendo um meio de manifestação das pessoas a respeito das múltiplas questões que vivenciam no cotidiano, sejam elas mais ou menos líricas, mais ou menos íntimas, mais ou menos ácidas: a perda da liberdade nas décadas de 1960 e 1970 em razão da ditadura; a violência no Rio de Janeiro por conta do combate ao tráfico; o preconceito racial, o abandono e a exploração do menor; o mau uso do dinheiro público; o descaso dos políticos com a população; a dor de um amor rompido, as nuances do relacionamento de um casal; as questões enfrentadas cotidianamente pela mulher; a celebração de um acontecimento.

É possível dizer, então, que o canto sempre ajudou as gentes dos mais diferentes tempos e lugares a registrar e a se lembrar mais facilmente de sua própria história. Assim, a palavra cantada pode ser considerada uma guardiã coletiva da memória dos povos.

E não é difícil entender por quê.

Você já tentou declamar em voz alta, sem cantar, a letra daquela sua canção preferida? Não? Se tentar, você verá como é difícil dissociar a letra da melodia. Seria preciso, repetidas vezes, retomar o canto para poder, depois, declamar a letra. De uma canção infantil ao hino nacional, passando pelas mais diversas músicas que povoam a vida das pessoas, letra e melodia estão amalgamadas, ajustadas uma à outra de tal maneira que romper com isso é mesmo muito difícil.

Os estudiosos da canção afirmam que isso acontece porque o canto potencializa o grau de expressividade e significância das palavras quando articula a sonoridade da fala ao ritmo e à melodia da canção.

Uma natureza encantada

O compositor e pesquisador André Rocha L. Haudenschild, em seu artigo *Palavras encantadas: as transformações da palavra poética na canção popular brasileira* (Revista Brasileira de Estudos da Canção, n. 4, jul.-dez. 2013), chama a canção de *palavra encantada*. Recuperando o sentido de *encantar*, André afirma que a canção é tanto uma poesia *maravilhada* quanto *enfeitiçada* pela melodia. Ou seja, a letra, quando se deixa encantar pela melodia, ou vice-versa, transforma-se na canção. E transformar-se, nesse caso, é tornar-se outro ser, outra coisa, outro objeto.

Nesse sentido, letra sozinha não é canção, assim como melodia e ritmo isolados também não o são. Canção é letra, melodia e ritmo enfeitiçados, transmutados um pelo outro, em perfeita articulação e encaixamento a fim de passar a mesma mensagem ao ouvinte.

A canção é um gênero composto por duas materialidades distintas, mas indissociáveis: a linguagem musical e a linguagem verbal.

Ao apreciar uma canção, não basta ler a letra; é fundamental que você a ouça. O mesmo deve ocorrer quando você analisa uma canção com o intuito de estudá-la, como neste Caderno. Para tanto, você pode digitar o título dela em um buscador na internet, que encontrará vários endereços nos quais ela estará disponível. Se tiver dificuldade, vá até o CEEJA e peça ajuda ao professor.



Estudando uma canção: Que história ela conta?

Leia a canção *Acorda, amor*, de Leonel Paiva e Julinho da Adelaide.

Acorda, amor

Acorda, amor
 Eu tive um pesadelo agora
 Sonhei que tinha gente lá fora
 Batendo no portão, que aflição
 Era a dura, numa muito escura viatura
 Minha nossa santa criatura
 Chame, chame, chame lá
 Chame, chame o ladrão, chame o ladrão

Acorda, amor
 Não é mais pesadelo nada
 Tem gente já no vão da escada
 Fazendo confusão, que aflição
 São os homens
 E eu aqui parado de pijama
 Eu não gosto de passar vexame
 Chame, chame, chame,
 Chame o ladrão, chame o ladrão

Leonel Paiva e Julinho da Adelaide

Se eu demorar uns meses convém,
 [às vezes, você sofrer
 Mas depois de um ano eu não vindo
 Ponha a roupa de domingo e pode
 [me esquecer

Acorda, amor
 Que o bicho é brabo e não sossega
 Se você corre o bicho pega
 Se fica não sei não
 Atenção
 Não demora
 Dia desses chega a sua hora
 Não discuta à toa, não reclame
 Clame, chame lá, clame, chame
 Chame o ladrão, chame o ladrão,
 [chame o ladrão
 (Não esqueça a escova, o sabonete e
 [o violão)

100% © by MAROLA EDIÇÕES MUSICAIS LTDA. Todos os direitos reservados.

Ao ler a letra, causou algum estranhamento a você o verso que diz “Chame o ladrão”, quando o personagem avisa a companheira que a casa está sendo invadida? Ele não deveria dizer *Chame a polícia*?

Pois é. Para começar, é preciso dizer que o verdadeiro compositor dessa canção é Chico Buarque de Holanda. Na década de 1970, em virtude da ditadura militar, muitos compositores tinham suas canções censuradas ou proibidas porque o governo da época considerava que elas contrariavam o regime. Chico Buarque – entre muitos – foi um desses compositores. Para tentar driblar a censura, ele criou o personagem Júlio Cesar Botelho de Oliveira, o Julinho da Adelaide, que compôs apenas três canções: *Acorda, amor*, *Jorge Maravilha* e

Milagre brasileiro, ou seja, sua produção foi mesmo pequena. Como dito no livro *Tantas palavras*, o personagem era

[...] mais falante que prolífico. [...]

WERNECK, Humberto. *Chico Buarque: tantas palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 85.

Chico Buarque criou tão bem o falso compositor que ele até tinha um meio-irmão chamado Leonel, parceiro dele nessa canção. A suposta identidade desse compositor foi esclarecida ao público no início de setembro de 1974, quando Chico fez um acordo com o escritor Mario Prata e com o jornalista Melchíades Cunha Jr., do jornal *Última Hora* (hoje extinto), e concedeu uma longa e hilariante entrevista à edição paulista, como se fosse Julinho da Adelaide. Nela, “contou” toda a história do falso compositor, falando de sua família, de suas criações musicais e da relação que tinha com cantores e outros compositores. Falou, até, da mais recente invenção de Julinho, na época, que era o *samba duplex*.

Duplex porque podia ganhar um novo sentido, se necessário fosse. “Formosa”, por exemplo, de Baden Powell e Vinícius de Moraes, poderia transformar-se em “China nacionalista” [...].

WERNECK, Humberto. *Chico Buarque: tantas palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 87.

Veja, ao lado, a imagem e a manchete da entrevista publicada no jornal. A fotografia que se pode ver seria de Adelaide, mãe de Julinho. Na verdade, trata-se da fotografia de uma mulher negra que o pai de Chico encontrou ao acaso em uma enciclopédia e ofereceu aos entrevistadores.



FICA A DICA!

Leia a entrevista concedida por Chico Buarque ao jornal *Última Hora*, edição paulista, em 1974, como se fosse Julinho da Adelaide. O endereço é: <http://www.chicobuarque.com.br/texto/mestre.asp?pg=entrevistas/entre_07_09_74.htm> (acesso em: 22 dez. 2014). Você vai gostar! É, de fato, muito divertida.





VOCÊ SABIA?

No exemplo de *samba duplex*, Chico Buarque refere-se à eventual possibilidade de mudar a interpretação do samba trocando o título dele, já que *formosa* tanto pode ser a **mulher formosa**, do samba de Baden e Vinicius, quanto a **Ilha de Formosa**, também conhecida como Taiwan, uma província da República Popular da China. Se quiser conhecer a canção, digite o título em um site de busca na internet, que você encontrará vários endereços nos quais ela está disponível. Caso não seja possível, vá até o CEEJA e solicite a ajuda de um professor.

Em 1975, o *Jornal do Brasil* publicou uma reportagem sobre a censura, desmoralizando a Polícia Federal da ditadura, e, nela, contava a verdade a respeito de Julinho da Adelaide.

Vinte e quatro anos depois, em 1998, Mario Prata escreveu a crônica *Julinho da Adelaide, 24 anos depois*. Se você quiser, pode acessá-la no site Chico Buarque no endereço a seguir: <<http://www.chicobuarque.com.br/sanatorio/julinho.htm>> (acesso em: 29 ago. 2014).

Como você pôde ver, um fato que desencadeia outro, que provoca outro, que desperta mais outro: uma questão de história. Mas, retomando a reflexão, agora que você já sabe quem era Julinho da Adelaide e qual o seu papel na história da canção *Acorda, amor*, é possível prosseguir com o estudo.

Começa a ficar mais claro a você por que o **eu lírico** da canção chamou o ladrão, e não a polícia?

Bom, esclarecendo um pouco mais: os termos “dura” e “os homens” costumavam referir-se, na época, à polícia militar, assim como “muito escura viatura” se referia aos veículos utilizados por ela, que eram pretos (os camburões, então chamados de *brucutus*).

Isso permite interpretar que se tratava da polícia invadindo a casa do eu lírico. Daí o pedido feito para chamar o ladrão. A crítica, nesse caso, era evidente: a polícia e o ladrão haviam trocado de lugar naquela histórica ocasião. A polícia, naquele momento, era a ladra das liberdades individuais, a caçadora dos direitos dos cidadãos, a censora da voz popular. E isso fica muito mais claro quando se lê e se ouve a 3ª estrofe da canção, em que há uma referência clara aos *desaparecimentos* políticos, comuns na época.



Eu lírico

Você já estudou que, em um conto, ou em qualquer outro texto narrativo, não é sempre o autor que fala, mas o narrador do texto. Da mesma forma, no poema, ou na letra de uma canção, aquele que pode ser identificado como o **eu** não é, necessariamente, o poeta, ou o autor da letra da canção. Um exemplo desse fato é quando na letra de uma canção composta por um homem quem fala é um eu feminino, ou seja, o eu lírico é feminino. O contrário também pode acontecer.

Uma história em que os sentidos não estão apenas na palavra

Quando a canção é **ouvida**, muitos desses sentidos ficam mais claros, ganham outra substância. Veja, a seguir, como isso acontece.

De modo geral, é possível dizer que a letra é uma grande ironia, e teria tom de brincadeira, um tanto jocosos, brincalhão, exatamente para disfarçar a crítica social que contém. Isso se consolida quando se ouve um samba alegre, leve, bem marcado e rápido, “puladinho”, mesmo, nas 1^a, 2^a e 4^a estrofes. O ritmo parece dar vida à situação de surpresa, espanto e desespero – e até um tom de brincadeira – presente na letra.

Na 3^a estrofe, ao contrário das demais, há uma melodia mais contínua, as sílabas se alongam mais no canto. Essa mudança articula-se perfeitamente à letra, que passa a tratar das consequências da situação narrada, que poderiam ser, por exemplo, a morte do personagem. A melodia consolida, então, o efeito de maior seriedade e tristeza com relação ao que a letra diz.

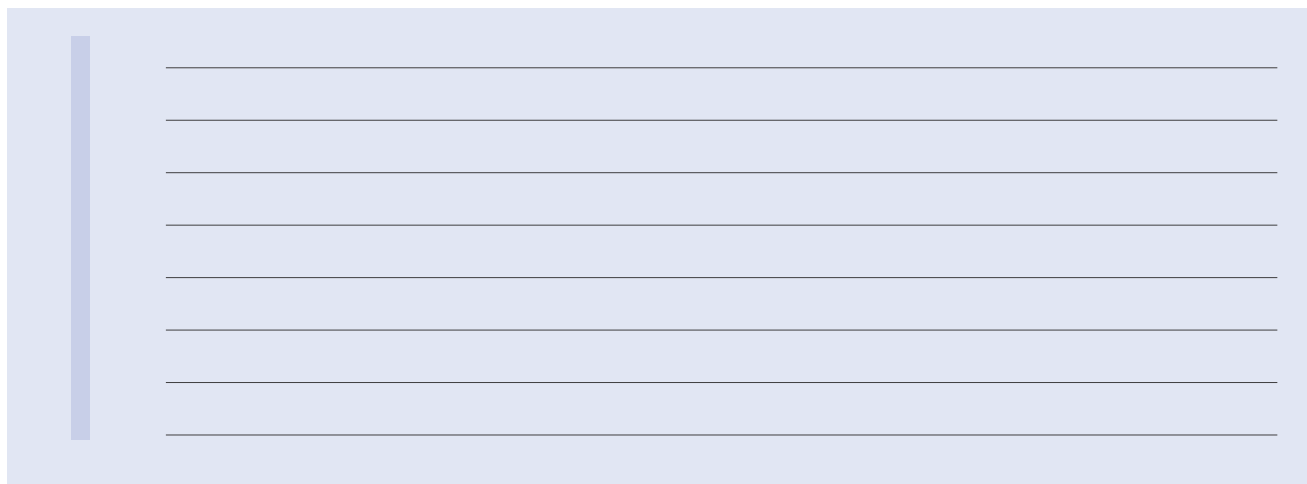
Os versos “Chame, chame, chame/Chame o ladrão, chame o ladrão”, quando são ouvidos na canção, permitem identificar um efeito que seria o correspondente ao desespero do eu lírico, gaguejando, sem saber muito o que fazer; esse efeito se intensifica quando ao “chame” é acrescentado “clame” (na 4^a estrofe) – tanto para dizer *grite por socorro* quanto para pedir que *fale sobre o que acontece nesse regime*.

Nesses mesmos versos, ao ser cantada a palavra “ladrão”, o som é mais agudo e parece imitar a sirene de uma viatura, quase como a querer reverter a realidade e pedir por uma polícia que exercesse sua função verdadeira, e não subvertida pela ditadura: uma polícia que protegesse a população, e não um regime que não a representasse.

Duas conclusões fundamentais sobre a natureza das canções

Essa canção, como muitas outras, conta uma história que não foi de um, mas de todo um povo em determinado momento da História.

A rápida análise feita da letra e da melodia mostra que, quando se retoma uma canção desse tipo, é possível reviver momentos tocantes, que mexem com sentimentos, e, dessa forma, mobilizar a carga emocional correspondente a eles. Isso porque tais canções registram e vivificam a história de ontem e de hoje.



Que tal foi começar o estudo de uma canção escutando-a? Você sentiu alguma diferença no modo como você percebeu a relação entre letra e melodia?

Você pode ter notado, já pela 1ª estrofe, que a letra e a melodia estão amalgamadas. Veja:

- A canção começa a ser cantada em uma única nota (o mesmo som), que se repete a cada sílaba, do 1º ao 4º verso. E é exatamente isso o que diz a letra no começo da estrofe: que a canção será cantada em uma nota só.
- O 5º e o 6º versos são cantados em uma nota diferente, mais aguda e alta (o som é diferente do que era repetido nos versos anteriores), logo após a letra dizer que outras notas seriam usadas.
- No 7º e no 8º versos, a canção volta à nota do início da canção (que é um pouco mais grave, mais baixa) mudando apenas na última sílaba do 8º verso (você). Estes versos articulam o que acontece na canção com a relação existente entre eu lírico e amada, poetizando essa relação; ou seja, dizendo que, assim como a melodia da canção é consequência da letra, ele é uma consequência da sua amada, ele existe por causa dela.

Essa relação continua nas demais estrofes. Na última, além de a letra relatar que ele voltou à mesma nota do início (enquanto a melodia faz o mesmo), há, mais uma vez, uma comparação explícita entre o procedimento adotado na canção e a relação entre eu lírico e amada: ele volta para a amada assim como a canção retoma a mesma nota. Ele acredita no amor monogâmico, assim como a canção; ainda que recorra a uma variedade de notas em uma das estrofes, sempre volta para a mesma, na qual se apoia.

Você percebeu esses aspectos? Se não, que tal escutar a canção novamente, antes de responder às questões a seguir?

1 Considerando a análise que foi feita dessa canção até o momento, e levando em conta letra e melodia por inteiro, responda: Que semelhança é apontada entre a canção e a relação que o eu lírico estabelece com a amada?

2 A partir do estudo que você fez das duas canções, que diferença consegue identificar entre a maneira como melodia e letra se articulam na canção *Acorda, amor* e como isso acontece em *Samba de uma nota só*? Explique sua resposta.

Finalizando

As canções *Acorda, amor* e *Samba de uma nota só* mostram duas maneiras diferentes de a letra articular-se com a melodia.

Na primeira canção, a articulação não foi simétrica nem explícita, ou seja, o texto não dizia letra por letra, palavra por palavra, o que estava acontecendo na melodia. Nessa canção, a melodia integrou o sentido, as emoções despertadas pelo texto e nele contidas. Em função dessas emoções, ora o ritmo foi modificado e a melodia se tornou mais lenta (como na 3ª estrofe, quando se fala da possibilidade de desaparecimento do eu lírico), ora recursos foram acrescentados para criar um efeito que confirmasse sentidos da letra (como a sirene incluída no começo e no final da canção, para confirmar que era a polícia mesmo invadindo a casa), ora palavras foram pensadas para criar um efeito de gaguejamento por causa do pânico do eu lírico (como nos últimos versos das 1ª, 2ª e 4ª estrofes).

Já na segunda canção, a articulação se deu de maneira perfeitamente simétrica, quer dizer, a letra da canção falava uma coisa que a melodia confirmava. Por exemplo, a letra dizia que o eu lírico ia cantar uma canção de uma nota só, e a melodia fazia isso mesmo; a letra dizia que outras notas poderiam entrar na canção, e isso acontecia mesmo na melodia; a letra dizia que a canção estava voltando para a nota antiga, e a melodia confirmava. Dito em outras palavras,

letra e melodia faziam exatamente a mesma coisa em vários trechos. Além disso, a letra estabelece uma relação entre essa canção e o relacionamento do eu lírico com sua amada.

Concluindo: a relação entre letra e melodia em cada uma das canções é bastante diferente. No caso de *Acorda, amor*, não importa se o autor teve a clara intenção de provocar todos os sentidos que foram produzidos por cada um dos modos de articular letra e melodia nas canções. O que importa é que essa articulação aconteceu da maneira como foi possível perceber, e que isso provocou efeitos de sentido que permitiram uma compreensão que não seria possível se a articulação fosse feita de outro modo. Quanto mais bem feita for essa articulação, quanto mais coesa for, maiores serão as possibilidades de tocar o ouvinte, de mexer com sua emoção.



Você conhece alguma canção na qual a articulação entre letra e melodia aconteça pelo mesmo procedimento utilizado em *Samba de uma nota só*, de Tom Jobim?

Escolha uma canção de que você goste muito e preste atenção no modo como letra e canção se articulam. Com qual dos processos se assemelha mais: com o da canção de Jobim ou com o da *Acorda, amor*?

HORA DA CHECAGEM

Compare suas respostas com as que forem apresentadas aqui, complementando-as, se for o caso, e identificando aspectos sobre as quais gostaria de conversar com o professor.

Atividade 1 - O sentido da canção amalgamado na música e na letra

1 Você poderia ter respondido que o eu lírico está comparando a variedade de notas da escala musical com a de mulheres que um homem pode namorar. A tese que defende é a de que não vale a pena utilizar-se de todas as notas da escala musical, ou seja, namorar várias mulheres, pois, no final, não resta nenhuma namorada. Quem quer todas acaba ficando sem nenhuma. Ele argumenta, então, que gosta só de uma nota – quer dizer, namorada –, que é pra quem sempre volta.

2 Você deveria ter focalizado o fato de que a articulação que acontece na canção *Acorda, amor* é diferente da que ocorre em *Samba de uma nota só*. Nesta última, a letra vai anunciando tudo o que é feito na melodia; ou seja, o ajuste é simétrico, perfeito. Na primeira canção, ao contrário, a articulação entre letra e melodia foi feita de modo a criar um clima para o conteúdo da canção, que era sério: denúncia, indignação e tristeza pela situação toda do País. O clima geral foi de ironia e sarcasmo, dado que a censura existia e poderia proibir o samba: se a ideia de leveza e diversão fosse trabalhada, a canção não seria proibida e poderia cumprir o seu papel.

As canções contam histórias. Mas elas também têm sua própria história, que começa no seu nascimento, na sua criação. Quando se pensa nisso, uma pergunta é recorrente: Quem nasce primeiro, a melodia ou a letra? Será que elas podem nascer juntas? Como acontece a criação desse tipo de obra?

É a esse assunto que você se dedicará neste tema.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

• Qual o gênero musical que você mais gosta de ouvir, ou seja, que tipo de música mais aprecia? Samba, chorinho, bossa nova, rock, sertanejo, forró, música clássica?

• Você conhece a história de alguma canção? Qual?

• Alguns poemas chegam a virar canção. Você conhece alguma canção que nasceu primeiro como poema?

Os diferentes modos de criação

Para começar, é possível dizer que o processo de criação não é idêntico para diferentes compositores. Trata-se de algo muito pessoal, individual e único. Uma canção pode ter sido criada por mais de um compositor. Algumas vezes, um faz a letra e outro, a melodia; outras, os dois escrevem tanto uma quanto a outra; em outros casos, a letra já existe como poema e um músico coloca a melodia; ou, então, a melodia já está pronta, e uma letra é escrita a partir dela.

O que é unânime nesse processo é que, qualquer que tenha sido o aspecto a nascer primeiro, a canção em si só floresce de fato, como foi dito no Tema 1, quando ambas,

letra e música, passam a coexistir, quando uma já está definitivamente ligada à outra, articulando-se de maneira intrínseca, ou seja, intimamente, inseparavelmente.

A canção analisada antes, *Acorda, amor*, foi composta por Chico Buarque de Holanda, que a elaborou completa, a letra e a melodia. Mas ele também teve vários parceiros, como Tom Jobim – que compôs *Samba de uma nota só* –, Edu Lobo, Vinicius de Moraes.

Um caso particular: o poema que se tornou canção

Vários são os exemplos que ilustram os diferentes modos de produção de uma canção.

Como primeiro exemplo, veja o poema *A rosa de Hiroxima*, de Vinicius de Moraes (1913-1980). Ele foi escrito em 1954, referindo-se ao bombardeamento de Hiroxima (no Japão, em 1945), mas só 19 anos depois, em 1973, foi musicado por Gerson Conrad, da banda Secos e Molhados – da qual o cantor Ney Matogrosso fazia parte –, compondo o repertório do primeiro disco deles.

A canção foi considerada, em 2009, uma das 100 maiores músicas brasileiras pela revista *Rolling Stone*, que é uma referência para assuntos relacionados a música (disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/37/noticia-4040>>; acesso em: 29 ago. 2014).

ATIVIDADE

1

Um poema, uma melodia, uma canção parida

Leia o poema enquanto escuta a canção *Rosa de Hiroxima*. Você pode ter acesso a ela no site de Ney Matogrosso (disponível em: <<http://www2.uol.com.br/neymatogrosso/videos/rosa.html>>; acesso em: 29 ago. 2014).

A rosa de Hiroxima

Vinicius de Moraes

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam

Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Conforme foi dito, o poema que deu origem à canção foi escrito como um protesto contra os bombardeios a Hiroxima e a Nagasaki, duas cidades japonesas, no final da 2ª Guerra Mundial. Os EUA, no dia 6 de agosto de 1945, temendo a resistência japonesa às forças aliadas, em uma demonstração de poderio econômico considerada por alguns completamente desnecessária, explodiu a bomba atômica Little Boy sobre a cidade de Hiroxima, destruindo-a completamente. Três dias depois, fez o mesmo com a bomba Fat Man em Nagasaki.

Nesse bombardeio, estima-se que 230 mil pessoas tenham sido atingidas: alguns atingidos faleceram instantaneamente, e outros, depois, em razão de queimaduras, radiação e ferimentos graves. A radioatividade acarretou para os sobreviventes queimaduras graves e o desenvolvimento de diversas enfermidades na população – como cegueira, surdez, câncer, esterilidade. A vegetação foi devastada e houve a ocorrência de chuvas ácidas, que contaminaram rios, lagos e plantações.

Hiroxima – hoje recuperada – ficou totalmente destruída na ocasião. As imagens da catástrofe circularam pelo mundo todo, fazendo Albert Einstein afirmar que tinha cometido o maior erro da sua vida ao assinar a carta ao presidente estadunidense Roosevelt recomendando que fossem construídas as bombas atômicas.

Tendo ouvido a canção, conhecido a sua letra e recuperado o contexto que determinou sua elaboração, você vai estudá-la. Considere, então, todas as informações oferecidas até o momento.



FICA A DICA!

Saiba mais sobre as consequências do bombardeio do Japão para o resultado da 2ª Guerra lendo a reportagem 1945: capitulação do Japão na Segunda Guerra Mundial, disponível em <<http://www.dw.de/1945-capitulacao-do-japao-na-segunda-guerra-mundial/a-619977>> (acesso em: 29 ago. 2014).

1 O poema que se transformou na canção *Rosa de Hiroxima* foi elaborado como uma forma de manifestação a respeito da tragédia provocada pelo bombardeio atômico na 2ª Guerra Mundial. Nesse sentido, a que se refere o título da canção? Explique sua resposta.

2 Considerando seu conteúdo, a canção *Rosa de Hiroxima* pode ser dividida em duas partes. Identifique-as, apontando a que versos correspondem, de que falam e qual parece ser a intenção de cada uma dessas partes. Para tanto, preencha o quadro a seguir.

Canção <i>Rosa de Hiroxima</i> Vinicius de Moraes e Gerson Conrad		
Parte	Assunto	Finalidade/intenções
1 (do verso 1 ao verso _____)		
2 (do verso _____ ao verso 18)		

3 Na primeira parte do poema, o verbo *pensar* está conjugado no modo imperativo. O emprego desse recurso provoca um efeito no leitor. Assinale a alternativa que você considerar coerente com as intenções da canção.

a) Esse recurso enfatiza a necessidade de o leitor realizar uma reflexão a respeito de cada um dos efeitos da bomba nas pessoas.

b) Não faz diferença para a interpretação das intenções da canção considerar o modo em que o verbo foi empregado.

Explique sua resposta: _____

4 De acordo com o *Dicionário Houaiss*, *cálido* pode significar:

cálido

1. [...] que tem calor; quente
2. Derivação: sentido figurado.
que irradia calor, entusiasmo, ardor; ardente, feroso

Dicionário Eletrônico Houaiss 3.0 em CD-ROM Nova Ortografia.

Qual desses sentidos você considera que é o mais adequado para interpretar os versos “Pensem nas feridas/Como rosas *cálidas*”? Explique sua resposta.



Metáfora

A **metáfora** é um recurso empregado cotidianamente, sem muita reflexão, de tanto que faz parte do modo de pensar das pessoas. Por exemplo, quando se diz *Nossa! Agora que caiu a ficha!*, não significa, de fato, que alguma ficha tenha caído em algum lugar; e sim que, finalmente, alguma coisa foi compreendida pela pessoa.

Na realidade, essa expressão vem da época em que os telefones públicos disponíveis nas ruas da cidade, chamados *orelhões*, funcionavam com fichas que eram compradas e inseridas no receptáculo do aparelho. Cada ficha correspondia a alguns minutos de uma ligação e demorava um pouco para cair dentro do telefone, de modo que começasse a valer. Fazia até um barulhinho quando isso acontecia.

É por isso que as pessoas que nasceram mais recentemente perderam a origem da expressão, mas a utilizam porque compreendem seu sentido ao analisar o uso que pessoas mais velhas fazem dela.

Quando um garoto, ao convidar uma garota para sair, diz: *Gata, que tal uma balada hoje?*, ele não está pensando que a menina é uma gata de verdade, certo? Mas a elogia porque a considera bonita, feminina, charmosa como uma gata. Age do mesmo modo quem diz: *Mas ele é um crânio, por isso passou em primeiro lugar!*.

Esse é um procedimento metafórico – isso é utilizar uma metáfora.

Veja o que aconteceu. No primeiro caso, houve a comparação entre a *demora da pessoa para compreender* e a *demora da ficha do telefone para cair*; no segundo caso, entre *garota* e *gata*; e no terceiro, entre *garoto inteligente* e *crânio*.

Na elaboração da frase, as expressões foram substituídas: *agora que eu compreendi* foi trocada por *agora que caiu a ficha*; *menina*, por *gata*; *garoto inteligente*, por *crânio*.

Agora, analise as seguintes expressões: *Ele salta como um canguru*; *Ela é venenosa como uma serpente*; *Ele é forte como um touro!* O que se pode observar de diferente entre esse procedimento de comparação e o anterior?

Se você disse que, no primeiro caso, a comparação está subentendida e, no segundo, está explicitada, acertou!

No primeiro caso, um termo ou expressão é simplesmente trocado por outro. Veja: *Agora caiu a ficha!*; e não *Ele demorou, mas agora compreendeu o que dissemos!*.

No segundo, não: a comparação está escrita com todas as letras: *salta como um canguru*; *venenosa como uma serpente*; *forte como um touro*.

É possível dizer, então, que há dois tipos de procedimento metafórico: aquele que se realiza por meio de uma **comparação metafórica**, e aquele que acontece propriamente como **metáfora**.

Sintetizando

Na **comparação metafórica**, um elemento é comparado com outro por meio de um conectivo: *como*, *tal como*, *assim como*, *igual que*, *que nem*, *feito*, entre outros. Por exemplo: *O céu hoje está escuro como breu.* (elemento A: *céu*; qualidade comum: *escuro*; conectivo: *como*; elemento B: *breu*).

Quando se trata de **metáfora**, a qualidade comum dos elementos comparados e o conectivo não são apresentados na frase. A relação de semelhança é elaborada pelo leitor. Na frase, acontece a substituição da qualidade do elemento que está sendo comentado pelo nome de outro elemento que tenha a mesma característica. Por exemplo: *O céu hoje está um breu.* (elemento A: *céu*; elemento B: *breu*), e não *O céu hoje está escuro como um breu.*

O céu hoje está **escuro como um breu.** → comparação

O céu hoje está **um breu.** → substituição

Todos sabem que o céu não é breu. Mas, mesmo sem estar explícito na frase, o céu está sendo comparado com o breu por estar muito escuro.

No cotidiano, são utilizadas muitas expressões metafóricas:

- Se isso não se resolver até amanhã, vou **rodar a baiana!**
- Não acredito que ele não veio! Nunca ia imaginar que ele iria **roer a corda!**
- E começou a conversar **pisando em ovos...**

Há, ainda, outras expressões comuns como *cheque-borracha*, *voto-camarão*, *sorriso amarelo*, *ter minhocas na cabeça*, *borboletas no estômago*, *morto de vergonha*, *azul de raiva*, *roxo de ciúme*, que também são metafóricas, assim como a utilização de alguns verbos, como *Ela se levantou e me fuzilou com o olhar*.

ATIVIDADE 2 Usos da metáfora

É uma característica comum de poemas a utilização de metáforas. A *Rosa de Hiroxima* não é uma exceção. Por exemplo, para referir-se à bomba, uma das metáforas utilizadas é “a rosa hereditária”. Agora enumere possíveis sentidos para as metáforas indicadas nos versos da segunda parte do poema.

1 “A rosa hereditária”:

2 “A rosa radioativa/Estúpida e inválida”:

3 “A antirrosa atômica/Sem cor sem perfume/Sem rosa sem nada”:



A canção no poema, o poema na canção

Até o momento, foram analisados, basicamente, a letra da canção e o poema original. Neste momento, você voltará sua atenção para a melodia e a relação que esta estabelece com o poema. Para tanto, ouça novamente a canção *Rosa de Hiroxima*.

O primeiro aspecto a considerar é o tom melancólico geral da melodia, que se repete quase monocordicamente, ou seja, sem muita variação. Isso parece coerente com a intenção de olhar de modo reflexivo para uma tragédia como o ataque a Hiroxima, enxergando a gravidade das consequências que ele teve para a humanidade. Um tom que quase parece dizer: *olhe o que aconteceu; olhe o que provocou; nós fizemos isso conosco*.

O segundo aspecto a levar em conta é o fato de a melodia agrupar os versos de dois em dois, deixando no final do segundo verso um intervalo que, no caso, é ocupado com o prolongamento da última sílaba. Cantando, é como se os versos ficassem assim: “Pensem nas crianças/mudas telepáticaaaaaaaaas/Pensem nas meninas/cegas inexataaaaaaaaas”. Esse intervalo entre um par de versos e outro – que também poderia ser preenchido com silêncio – é fundamental na melodia, pois cria um efeito de que a canção está dando espaço para o ouvinte recriar na sua mente a imagem sugerida pelo texto, reforçando a ideia de que, quando o texto diz “pensem”, está querendo dizer *vejam, vejam* a imagem do que aconteceu para tomar consciência da crueldade e do horror provocado.

Melodia e letra perfeitamente coerentes: é isso que parece ter indicado também o sucesso da canção em relação ao público e à crítica.

O estudo da canção: mais alguns detalhes

Para terminar o estudo do poema que virou canção, é importante, ainda, ressaltar que na segunda parte do poema acontece um fenômeno muito interessante. Observe:

Mas oh não se esqueçam
Da **rosa** da **rosa**
Da **rosa** de Hiroxima
A **rosa** hereditária
A **rosa** radioativa

Estúpida e inválida
A **rosa** com cirrose
A **antirrosa** atômica
Sem cor sem perfume
Sem **rosa** sem nada.

Por um lado, é possível verificar a repetição da palavra *rosa*, que só não aparece em três dos versos dessa parte. Por outro lado, pode-se constatar a repetição do som da letra R (como é pronunciada em *rosa*), só não constando dos mesmos três versos. Esses recursos utilizados no poema sugerem que o leitor atenda à solicitação do eu lírico, presente no verso “mas oh não se esqueçam”: parece que a repetição da palavra “*rosa*” vai colaborar para que a recomendação seja cumprida. E, também, a repetição do fonema /R/ cria um efeito de aspereza, de *coisa engasgada na garganta*, o que é coerente com a concepção do poema a respeito da bomba, que é o tópico comentado nessa parte.

A repetição de fonemas idênticos ou semelhantes em um texto – como a que ocorre na segunda parte da canção *Rosa de Hiroxima* – é um recurso muito utilizado tanto em poemas como em texto escritos em prosa, embora seja mais comum nos primeiros. Trata-se de um recurso que provoca o efeito de reforçar algum sentido, de revelar alguma intenção subjacente ao texto. No caso do poema lido, a repetição foi de um fonema correspondente a uma consoante – o R –, mas isso também acontece com fonemas vocálicos.

Esse recurso é chamado de **aliteração**.

ATIVIDADE 3 As aliterações e os efeitos de sentido

Leia a letra da canção *Chuva, suor e cerveja*, de Caetano Veloso (1942-), que faz parte do álbum *Caetano... muitos carnavais...* Ouça também a canção, encontrando-a em um endereço da internet onde esteja disponível.

Chuva, suor e cerveja

Caetano Veloso

Não se perca de mim
 Não se esqueça de mim
 Não desapareça
 Que a chuva tá caindo
 E quando a chuva começa
 Eu acabo de perder a cabeça

Não saia do meu lado
 Segura o meu pierrot molhado
 E vamos embolar ladeira abaixo

Acho que a chuva ajuda a gente a se ver
 Venha, veja, deixa, beija,
 Seja o que Deus quiser

Não se perca de mim
 Não se esqueça de mim
 Não desapareça
 Que a chuva tá caindo
 E quando a chuva começa
 Eu acabo de perder a cabeça

Não saia do meu lado
 Segura o meu pierrot molhado
 E vamos embolar ladeira abaixo
 Acho que a chuva ajuda a gente a se ver
 Venha, veja, deixa, beija,
 Seja o que Deus quiser

A gente se embala
 Se embola, se embola
 Só para na porta da igreja
 A gente se olha
 Se beija, se molha,
 De chuva, suor e cerveja.

© UNS Produções Artísticas. Administrado por Warner/Chappell

Se você reparou, a letra da canção tem vários versos em que a aliteração acontece. Repita várias vezes o 20º e os 23º e 24º versos e analise o que ocorre neles, identificando quais sons se repetem e que efeitos esse recurso provoca nos sentidos do texto.



Quem canta seus males espanta. Você já deve ter ouvido esse ditado popular, não é mesmo? As canções, além de nos emocionar, divertir, acalmar, relaxar, animar, também podem ter conotação política, de reivindicação ou de denúncia. Procure refletir a respeito e lembrar-se de músicas que, na sua opinião, tiveram essa intenção.

HORA DA CHECAGEM

As atividades propostas neste tema foram, sem dúvida, um pouco mais complexa do que a do anterior. Deve ter lhe dado mais trabalho, certo? Então, retome suas respostas e as confira com cuidado e atenção.

Atividade 1 - Um poema, uma melodia, uma canção parida

1 Sua resposta deve ter sido: refere-se à bomba atômica que, aos olhos do eu lírico do poema, parece assumir a forma de uma rosa, em especial quando se considera as imagens veiculadas da explosão. Mas essa escolha do poeta por nomear a bomba de **rosa** pode ter várias interpretações, todas elas autorizadas pelo texto. Em que mais você pensou? Converse com seu professor, caso deseje.

2 O quadro poderia ter sido preenchido da seguinte maneira:

Canção <i>Rosa de Hiroxima</i> Vinicius de Moraes e Gerson Conrad		
Parte	Assunto	Finalidade/intenções
1 (do verso 1 ao verso 8)	Trecho em que o assunto são os efeitos da bomba nos habitantes de Hiroxima.	Provocar uma reflexão sobre os diferentes efeitos da explosão da bomba sobre os moradores de Hiroxima.
2 (do verso 9 ao verso 18)	Trecho em que o assunto é a própria bomba.	Chamar a atenção para a bomba em si, como se para forçar o ouvinte/leitor a relacionar os efeitos com a causa, uma causa produzida pelo homem, o mesmo que foi mortalmente ferido por ela.

3 Alternativa correta: **a**. O modo verbal imperativo **convoca** o leitor a realizar a reflexão e o poema sugere uma urgência, quer dizer, uma necessidade premente. Caso o modo verbal fosse outro, esse efeito não seria produzido, provocando no leitor a impressão de que a reflexão seria facultativa, opcional.

4 Esperava-se uma resposta que correspondesse ao primeiro sentido apresentado, já que os japoneses sofreram muitas queimaduras por causa das elevadíssimas temperaturas a que foram submetidos durante a explosão.

Atividade 2 - Usos da metáfora

1 “A rosa hereditária”: referência ao fato de que a radiação da bomba atômica pode provocar comprometimentos genéticos que serão transmitidos de geração para geração.

2 “A rosa radioativa/Estúpida e inválida”: há uma reiteração do caráter radioativo da bomba, quer dizer, um reforço dessa ideia; além disso, há a caracterização do gesto dos EUA como desnecessário, avisando que esse recurso bélico não precisaria ter sido usado, pois o país teria outros meios de ganhar a guerra. Além disso, o armamento poderia ser considerado inválido, dado o horror a que foi submetida a população de civis de Hiroxima, e não de soldados, incluindo-se crianças, idosos, mulheres.

3 “A antirrosa atômica/Sem cor sem perfume/Sem rosa sem nada”: a rosa, na verdade, seria uma antirrosa, ou seja, nada que tivesse a função de presentear, de receber, de enviar carinho ao semelhante. Ao contrário, seria uma mensageira de desgraças: a rosa não teria perfume, nem cor, e, mesmo por isso, não seria rosa.

Atividade 3 - As aliterações e os efeitos de sentido

Esperava-se que fosse identificado no 20º verso a repetição dos fonemas /ch/, /j/ e /g/ nas palavras “chuva”, “ajuda” e “gente”, remetendo ao chiado da chuva. De maneira semelhante, a repetição do fonema /b/ nas palavras “embala” e “embola” – articulada à melodia e ao ritmo da canção – remete à *embolada* humana típica do carnaval baiano.

As canções que você enumerou no início desta Unidade, assim como as que foram estudadas até o momento, certamente não falam sobre o mesmo tema. Além disso, podem ser de diferentes gêneros musicais, como samba, sertanejo, rap, funk, hip hop, bossa nova, forró, chorinho, maxixe, baião, valsa, por exemplo. Podem ser canções eruditas, folclóricas, populares. Além disso, podem contar uma história, ou não; ter uma coreografia associada à letra, ou não. Podem, também, ter sido gravadas, ou não; fazer parte do repertório de um grupo, de uma dupla, de um cantor ou de uma cantora. As possibilidades são muitas.

Neste momento, você estudará um aspecto fundamental da canção: de que modo elas conversam entre si e com outros textos e melodias, sejam estes textos poemas ou não.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Quais os compositores brasileiros que você mais aprecia?

- Muitas canções falam de outras canções, estabelecendo uma conversa com elas. Você conhece algum caso como esse? Qual?



Uma canção dentro da canção, dentro da canção

As canções, conforme foi dito, podem conversar umas com as outras. Essa conversa tem muitos modos de acontecer: às vezes, respondem a provocações de canções compostas antes; em alguns casos, usam versos de outras, dialogando com as ideias que apresentam. Há também situações em que parte da melodia de uma canção é incluída em outra, mesmo sem a letra. Certamente, os efeitos dessa estratégia são muito interessantes, pois ampliam – e muito – as possibilidades de interpretação do ouvinte.

É esse recurso – o diálogo entre diferentes canções – que você estudará agora.

ATIVIDADE 1 Uma música, muitas músicas

Agora, leia a letra da canção *Bala perdida*, de Gabriel o Pensador (1974-), gravada no álbum *Quebra-cabeça*, de 1998. Procure ouvi-la pela internet.

Bala perdida

Gabriel o Pensador

Bom dia, mulher
Me beija, me abraça, me passa o café
E me deseja “Boa sorte”
Que seja o que Deus quiser
Porque eu tô indo pro trabalho com medo da morte
Nessas horas eu queria ter um carro-forte
Pra poder sair de casa de cabeça erguida
E não ser encontrado por uma bala perdida
Querida, eu sei que você me ama
Mas agora não reclama, eu tenho que ir
Não se esqueça de botar as crianças debaixo da cama na hora de dormir
Fica longe da janela e não abre essa porta, não importa o motivo
Por favor, meu amor, eu não quero encontrar você morta se eu voltar pra casa vivo
Mas se eu não voltar não precisa chorar
Porque levar uma bala perdida hoje em dia é normal
Bem mais comum do que morte natural
Nem dá mais capa de jornal
Tchau! Se eu demorar, não precisa me esperar pra jantar
E pode começar a rezar
Pra variar estamos em guerra
Pra variar...
Quem tá na chuva é pra se molhar
Quem brinca com fogo pode se queimar
Mas eu num quero ser mais um nas estatísticas
Num quero que meu corpo vire atração turística
Ensanguentado, vítima de um crime sem culpado, encaminhado prum
[exame de balística
Todo dia morrem dois ou três
Eu só quero saber quando vai ser a minha vez
Onde será?
No circo, na praia, no supermercado, na mesa do bar?
Ou na fila do banco?
No trem da central?

No ponto de ônibus?
Parado no sinal?
Ou assistindo TV, na segurança do lar?
Onde será que uma bala perdida vai me achar?
Se eu pudesse escolher eu morreria dormindo sem sentir muita dor
Eu sei que eu ainda sou muito novo pra morrer mas outro dia esse desejo
[quase se realizou:
Uma bala de fuzil se perdeu num tiroteio e veio parar no meio do meu
[travesseiro
Só não me acertou em cheio porque eu tava com prisão de ventre,
[no banheiro
Atualmente eu já me deito esperando o pior
E pra facilitar eu já durmo de paletó
Meu caixão também tá pronto atrás da porta, enrolado com a bandeira
[do Brasil
E quando eu sonho com o futuro eu acordo inseguro
Escutando mais um tiro de fuzil
Pra variar estamos em guerra
Pra variar...
Eu sou uma bala perdida, uma bala desgraçada
Inofensiva, feito uma criança abandonada
Eu estou sendo injustiçada
Não sou culpada
Se eu tô aqui é porque eu fui disparada
Eu não queria entrar na arma mas o dedo foi mais forte
O dedo me pôs na arma, puxou o gatilho, então por que que eu sou
[responsabilizada pela morte?
Eu gostaria de ser uma bala de mel
Feita com amor, embrulhada num papel
Mas vocês me fizeram pra acabar com a vida
Desde que eu nasci eu sou uma bala perdida
Eu sempre fui perdida, por natureza
Até num suicídio ou em legítima defesa
A maioria ainda nem percebeu:
Vocês tão muito mais perdidos do que eu.
Pra variar estamos em guerra.
Pra variar...

1 De que fala essa canção? Explique sua resposta.

2 Gabriel o Pensador, autor da música, mora no Rio de Janeiro. Que relação você vê entre o tema da canção e esse fato?

3 Excetuando-se o refrão, composto pelos versos “Pra variar, estamos em guerra”, a canção foi organizada em três partes. A primeira delas parece a fala de um pai de família, saindo para o trabalho e conversando com sua esposa. Isso muda na segunda e na terceira parte. O que acontece? Explique sua resposta, exemplificando-a com trechos da letra da canção.

4 Há um trecho de outra música incluído nessa canção *Bala perdida*. Trata-se do refrão “Pra variar estamos em guerra”, que pertence a *Alô, alô, marciano*, composta por Rita Lee (1947-) e Roberto de Carvalho (1952-), e também gravada por Elis Regina.

Leia a letra da canção, apresentada a seguir, e ouça pela internet a música cantada por Elis Regina ou por Rita Lee.

Alô, alô, marciano

Rita Lee e Roberto de Carvalho

Alô, alô, marciano
Aqui quem fala é da Terra
Pra variar estamos em guerra
Você não imagina a loucura
O ser humano tá na maior fissura porque
Tá cada vez mais down no high society!

Alô, alô, marciano
A crise tá virando zona
Cada um por si, todo mundo na lona
E lá se foi a mordomia
Tem muito rei aí pedindo **alforria** porque
Tá cada vez mais down no high society!

Alô, alô, marciano
A coisa tá ficando ruça
Muita patrulha, muita bagunça
O muro começou a pichar
Tem sempre um **aiatolá** pra atolá, **Alah!**
Tá cada vez mais down no high society!

© Warner/Chappell Edições Musicais



Glossário

A coisa tá ficando ruça

Expressão que significa que se enfrenta uma situação difícil, adversa.

Aiatolá

Título atribuído, no Irã, a especialistas responsáveis pela interpretação da lei islâmica; cargo de hierarquia superior.

Alforria

Libertação do domínio de outro. No caso da canção, um rei pedindo alforria mostra o nível de problemas da Terra.



Glossário

Alah

Modo como os muçulmanos denominam Deus. No caso da canção, a expressão “tem sempre um aiatolá pra atolá, Alah” é um trocadilho para brincar com a ideia de que até Alah está sendo enganado pelos próprios aiatolás.

Tá cada vez mais down no high society

Expressão que significa que a alta sociedade está cada vez mais decaída. Um trocadilho empregado na letra.

Agora pense no tema de *Bala perdida* e de *Alô, alô, marciano* e responda: De que maneira as duas canções se articulam?



De que falam e com quem conversam as canções, afinal?

Uma canção fala de muitas coisas. Uma canção fala de diferentes modos.

Uma canção fala de amor – como *Samba de uma nota só*; chama à reflexão sobre problemas mundiais – como *Rosa de Hiroxima* e *Alô, alô, marciano*; fala de situações difíceis de comunidades específicas – como *Bala perdida*; faz denúncia sobre problemas nacionais – como *Acorda, amor*.

Além disso, as canções também contam histórias de personagens – como *Marvin*, de Nando Reis; *Eduardo e Mônica*, do Renato Russo; *O menino da porteira*, de Teddy Vieira e Luizinho, gravada por Sérgio Reis; como *Romaria*, de Renato Teixeira. Falam de coisas do cotidiano das pessoas – como *Luar do sertão*, de Catulo da Paixão Cearense.

As canções contam – e cantam – o povo em toda a sua complexidade. Mas não contam da mesma maneira. Cantam em diferentes gêneros e ritmos, em diferentes estilos.

E as canções conversam umas com as outras, com os poemas, com outros textos – literários ou não –, com outras melodias, citando-os, trazendo-os para dentro de si, imitando-os.

As canções, portanto, são tecidas de múltiplas vozes, disfarçadas de muitos modos, ritmos e palavras. São vozes com as quais se convive cotidianamente e que – quer representem os indivíduos ou não – constituem o ser humano, porque ensinam.

O que é importante é exatamente saber disso, pois, conhecendo essa materialidade, esse jeito de ser das canções, é possível se colocar em um lugar muito mais privilegiado para compreendê-las, para apreciá-las, e até – por que não? – para elaborá-las.



ASSISTA!

Língua Portuguesa – Volume 2

Canções de Noel Rosa

Você já ouviu falar de Noel Rosa? Trata-se de um grande compositor brasileiro, criado no bairro carioca de Vila Isabel. Nesse vídeo, você terá a oportunidade de conhecer a vida desse músico, suas inúmeras canções e o reconhecimento de toda sua genialidade, não apenas por outros compositores e músicos, mas por várias gerações de brasileiros.

Observe os temas das canções e o registro coloquial da linguagem delas; seu humor, sempre afiadíssimo; sua crítica sagaz aos costumes da época em que viveu e à realidade do homem brasileiro comum – que continuam tão atuais; além da delicadeza e da poesia impressas em muitas de suas criações.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Uma música, muitas músicas


- 1** Você deve ter respondido que a canção faz uma denúncia das condições de violência a que estão submetidas as pessoas.
- 2** Sua resposta precisaria fazer menção ao fato de que o autor expressa, nessa canção, a violência vivenciada cotidianamente em grandes centros urbanos do país – em especial no Rio de Janeiro, onde ele mora – por conta do combate entre força policial e traficantes.
- 3** A resposta compreenderia uma análise do seguinte: na segunda parte, a interlocução, a conversa estabelecida pelo eu lírico, não é mais com sua companheira, mas com o ouvinte, em geral. Nesse sentido, ele está fazendo uma reflexão mais generalizada e com maior distanciamento. Na terceira parte, o eu lírico é que muda, passando a ser a bala, e essa interlocução provoca uma reflexão; se a situação está dessa maneira, é porque as pessoas estão orquestrando, estão permitindo

TEMAS

1. O que é, para que e como resumir um texto?
2. A elaboração independente de um resumo acadêmico

Introdução

Nesta Unidade, você estudará como elaborar um bom resumo acadêmico. Cada uma das atividades tratará de aspectos importantes a serem considerados nessa tarefa, apontando os procedimentos que você precisa adotar para selecionar as informações mais relevantes, alguns critérios para reduzi-las, assim como recursos necessários para articular as informações que restaram do processo de sumarização, quer dizer, do processo de redução do texto.

TEMA 1 O que é, para que e como resumir um texto?

O que significa resumir um texto? Sumarizar informações faz parte do cotidiano das pessoas? Em que situações de comunicação? Sintetizar informações é uma atividade importante na vida acadêmico-escolar? Para quê? De que modo deve-se organizar o resumo de um texto? Como proceder para que o resumo fique bem elaborado, respeitando as ideias contidas no texto?

Neste tema você se dedicará a responder a questões como essas.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

- Alguma vez você já leu um resumo? Em que ocasião?

- Você já elaborou o resumo de um texto? Em que situação?

- Se você já elaborou algum resumo, explique: O que considerou mais fácil nesse processo? Por quê?

- O que você achou mais difícil? Por quê?



Língua Portuguesa – Volume 2

Poder de síntese

Antes de você avançar no estudo desse tema, veja o vídeo. Nele, vai encontrar informações sobre as situações sociais nas quais a atividade de resumir está presente. Você vai ver quais as finalidades da redução de informações em cada uma dessas situações, desde a elaboração de uma súmula esportiva; passando pelas resenhas de produtos culturais como espetáculos de dança e teatrais, filmes, livros; até chegar ao resumo acadêmico, aquele solicitado aos estudantes na vida escolar.

O vídeo mostra, ainda, a página que hoje alguns jornais já incorporaram ao projeto editorial: a que resume as principais notícias do dia.

Além disso, você ouvirá de diferentes entrevistados a relação que mantém com o resumo. Um exemplo: Será que os leitores, no momento de comprar um livro, utilizam as informações da *orelha* ou da quarta capa para decidir se compram ou não a obra?

Você também verá um jornalista em plena atividade de resumir uma notícia, e poderá acompanhar os procedimentos que ele utiliza para realizar sua tarefa.

Para finalizar, você assistirá a uma especialista falar sobre os resumos acadêmicos, aqueles que serão estudados nesta Unidade. Uma das afirmações que ela faz – e que é fundamental para os estudos das atividades que serão realizadas a seguir – é que resumir não é recortar e colar, mas um exercício de compreensão profunda do texto.

Resumir: O que significa?

Resumir um texto significa sintetizar seu conteúdo ao essencial, tomando como referência tanto a necessidade do leitor quanto a finalidade do texto, os pontos de vista ali expressos, as linhas de raciocínio utilizadas para abordar o assunto.

Isso quer dizer o seguinte: ler o texto, compreendê-lo e selecionar as informações fundamentais para compreender o assunto tratado, na perspectiva do texto. Essa seleção deve corresponder às necessidades do leitor para o qual o resumo é destinado. Por exemplo, se for escrito um resumo para um leitor que precisa ser informado sobre o que é justiça social, deve-se selecionar do texto lido as informações estritamente relacionadas a isso. Outros assuntos que o texto abordar precisam ser deixados de lado.

Além disso, o resumo deve ser escrito de modo que o leitor consiga ter uma visão clara daquilo que o texto contém, mesmo que não leia esse texto. Uma situação muito comum na vida escolar é a pesquisa a respeito de assuntos que fazem parte do currículo das diferentes disciplinas. Quando é feita a pesquisa, seja em uma biblioteca eletrônica ou física, encontram-se resumos dos textos e livros de seu acervo, para que o interessado possa selecionar material útil ao trabalho. Esses resumos devem oferecer ao leitor uma visão clara a respeito do que o material (livro, revista, artigo, monografia, tese, reportagem, vídeo etc.) contém e da perspectiva adotada para abordá-lo.

Em qualquer situação de produção de um resumo, inclusive em contexto escolar, é fundamental compreender o texto. Essa compreensão requer estudo cuidadoso do conteúdo para que não sejam cometidos equívocos ao selecionar as informações mais importantes, pois são elas que informarão o leitor sobre o material que foi fonte do resumo.

É por isso que resumir é tão importante, em especial na vida acadêmico-escolar: esse processo requer compreensão, entendimento, estudo aprofundado de um texto. Portanto, é um exercício fundamental na vida acadêmica, em qualquer disciplina.

Agora, o que é preciso para que um resumo seja bem feito? O que ele deve conter para ser de boa qualidade? A seguir você se dedicará à resposta a essas questões.

O que você faz para resumir um texto?

Essa é uma ótima pergunta, não é?

Para respondê-la, você vai elaborar um resumo seguindo passos. O primeiro deles é conhecer bem o texto a ser resumido.

ATIVIDADE

1

Antecipando possíveis conteúdos do texto

Quando você tem a tarefa de ler um texto, o primeiro passo deve ser analisar o título e a fonte (autor e onde foi publicado), para ver se consegue antecipar o conteúdo, possíveis posições que serão assumidas na abordagem daquele assunto.

Você lerá, então, o artigo *O povo brasileiro*, publicado no *Almanaque pedagógico afro-brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar*.

Considerando essas duas informações – título e fonte –, de que você acha que tratará esse artigo? Justifique sua resposta.



Analizando as fontes e deduzindo o conteúdo do texto

Ao conhecer o título do artigo, *O povo brasileiro*, é possível pensar que se trata de algum assunto relacionado aos brasileiros como, por exemplo, sua formação. Se esse título for articulado à sua fonte, *Almanaque pedagógico afro-brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar*, há como inferir que a intenção é falar da formação do povo brasileiro, focalizando, provavelmente, a chegada dos povos africanos ao Brasil e a miscigenação, isto é, o processo de mestiçagem decorrente dessa migração.

Quando se articula essa ideia à de *superação do racismo no cotidiano escolar*, uma hipótese a se levantar é a de que, ao abordar a constituição do povo brasileiro pelos africanos, pretende-se tratar do racismo contra os negros, e não contra outros povos da nossa origem histórica.

Para fazer essas inferências todas, certamente o leitor utiliza o seu repertório a respeito da história do Brasil, do que é racismo, de que racismo pode existir com relação a diferentes etnias. Antecipar o conteúdo do texto a partir das relações que podem ser estabelecidas entre todas essas informações ativa o repertório do leitor sobre o assunto, deixando-o mais acessível. Assim, a leitura torna-se mais fluente.

ATIVIDADE

2

Hora de ler e reler o texto para começar a compreendê-lo melhor

Leia a seguir o texto inteiro para confirmar ou não as antecipações sobre o assunto. A finalidade é tentar compreender de que assunto, de fato, ele trata. Com base nas antecipações feitas, é possível orientar a leitura por questões como:

- O texto abordará a formação do povo brasileiro como um todo ou apenas se referirá à chegada dos povos africanos ao Brasil?
- Será que a obra vai abordar apenas o racismo contra os negros?

- Se o texto está em uma obra que tem como finalidade superar o racismo na escola, que espécie de argumento utilizará para convencer o leitor?
- Por que falar da colonização do Brasil para abordar o racismo? Será que o texto vai defender a ideia de que se trata de uma questão histórica, com origem nesse processo?

No decorrer da leitura, vão-se buscando as respostas. Quando alguma é encontrada, você pode grifá-la a lápis ou destacá-la com marcador de texto.

O povo brasileiro

Rosa Margarida de Carvalho Rocha

Antes da chegada de Cabral, já existiam nesta terra aproximadamente seis milhões de habitantes, de diferentes povos indígenas. Cada povo tinha seus costumes, sua língua, suas crenças, seu modo de vida.

Os portugueses colonizadores tinham como objetivo explorar as riquezas do Brasil.

Chegaram aqui, portanto, pensando em ganhar dinheiro e prestígio social.

Com esse propósito, iniciaram, em 1502, a exploração do pau-brasil. Embora esta extração tivesse começado dois anos após o descobrimento, a fixação dos portugueses na Colônia só ocorreu, de fato, com o cultivo da cana-de-açúcar.

No século XVI, negros africanos foram trazidos à força para trabalhar nas lavouras como escravos. Desembarcaram no Brasil negros de diferentes nações africanas. Traziam conhecimentos agrícolas de como trabalhar o bronze, o cobre, o ouro e a madeira. Havia também, entre eles, muitos tecelões, ferreiros e artesãos.

Financiados pelos governos provinciais e imperial, imigrantes de variadas nacionalidades aqui estiveram. Italianos, espanhóis, russos, ucranianos, turcos, sírios, japoneses e chineses vieram trabalhar no Brasil, fugindo das guerras ou para conseguir vida melhor do que na sua terra.

Formou-se, então, no Brasil, uma grande mistura racial. O Brasil se tornou um país mestiço.

Mas existem pessoas que não aceitam isso. Se você é uma delas, basta investigar os seus antepassados: de onde você veio? E seu avô? E sua avó? E seus bisavós?

Nas veias da maioria dos brasileiros corre sangue índio, negro e branco.

Muitas pessoas ainda acreditam que, no Brasil, as relações raciais são totalmente harmônicas, isto é, vivemos em uma verdadeira “democracia racial”. A história não é bem assim, não!

No início da colonização, a elite brasileira considerava índios e negros como seres inferiores, enaltecia apenas a sua própria cultura e desqualificava os valores culturais desses dois povos.

Houve, sim, miscigenação entre brancos, negros e índios, mas isto não impediu que se formasse, no Brasil, uma sociedade racista.

Carregamos, dentro de nós, a herança de todas as culturas e sabemos, hoje, pelas mais modernas experiências feitas no campo da biologia e da genética, que as várias características externas do ser humano, como a cor da pele, o formato do nariz, os pelos são apenas formas de adaptação ao ambiente. A estrutura genética é idêntica nos vários grupos humanos. Fica a indagação: se, geneticamente, não há como definir raça, por que existir racismo, então?

ROCHA, Rosa Margarida de C. *Almanaque pedagógico afro-brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo cotidiano escolar*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

Agora é o momento de reler o texto para aprofundar a compreensão que você teve dele na primeira vez: a hora é de ter paciência, ler e reler as partes procurando identificar o conteúdo de cada um dos trechos e parágrafos.

Por fim, responda: o texto que você acabou de ler pode ser dividido em duas partes fundamentais que se articulam. Quais seriam elas? Identifique-as, dizendo a que parágrafos correspondem, e explique o que diz cada parte.



Analizando a organização interna do texto para aprofundar a compreensão

Todo texto tem uma organização interna própria: divide-se em parágrafos, às vezes com subtítulos, itens, ilustrações, quadros com explicações, entre outros recursos. O texto deste Caderno, por exemplo, contém quadros com dicas, explicações, sugestões para o leitor. O texto que você acabou de ler, *O povo brasileiro*, não é diferente.

Quando ele é lido, percebe-se que foi organizado em duas partes: a primeira vai do 1º ao 6º parágrafo (exatamente metade do texto); a segunda vai do 7º ao 12º parágrafo. A primeira parte fala da constituição da população brasileira, mas, ao contrário do

que se supõe, não trata apenas da chegada dos povos africanos ao País. Ela aborda a chegada dos portugueses, dos negros e também de outros povos europeus e asiáticos. A **segunda** parte trata de afirmar que o Brasil é preconceituoso, apesar de ser um país mestiço, de ter sido constituído sob a influência das culturas de todos os povos que aqui chegaram. Alega, ainda, que muita gente não aceita essa ideia.

Uma possível antecipação realizada pode ter sido confirmada: o texto, de fato, assume a posição de combate ao racismo. E, em resposta a uma das perguntas, pode-se dizer que os argumentos que o texto apresenta para tanto são, basicamente, dois: o de que os brasileiros são todos frutos da mistura dos povos que os colonizaram e o de que não é possível definir raça geneticamente.

Essa é a ideia geral do texto. Agora, é preciso aprofundá-la. Para tanto, serão levantadas novas questões que vão orientá-lo na realização da Atividade 3.

Parte	Assunto geral	Perguntas para aprofundar a compreensão
1	Apresentar dados históricos a respeito da colonização do Brasil por diversos povos, por que e quando vieram.	Quais povos são citados? Como a vinda deles para o Brasil é justificada? Que diferença podem fazer os motivos pelos quais esses povos vieram quando se pensa na tese do texto, que é combater o racismo? De que maneira essas informações são utilizadas para a defesa do posicionamento do texto? Pensando na finalidade do texto – combater o racismo –, de que modo essa parte se relaciona com a segunda?
2	Apresentar a posição do texto a respeito do racismo, utilizando as informações da parte 1 como argumento e incluindo um novo argumento relacionado à pesquisa da biologia e genética.	De que modo esta parte se articula com a primeira? Para que servem as informações apresentadas na primeira parte? Elas são retomadas nesta parte? Que novas informações são apresentadas nesta parte? Que uso é feito dessas informações?

ATIVIDADE

3

O que diz cada parte do texto?

Orientando-se pelas questões levantadas, releia o texto, parte a parte, parágrafo por parágrafo, e vá procurando as respostas. Você pode, por exemplo, grifá-las a lápis, ressaltá-las com marcador de texto, escrever do lado de cada parágrafo. O importante é registrá-las para não perdê-las de vista.

Se quiser, registre-as em seu caderno.



Como planejar a textualização do resumo?

Este é o momento em que você organizará tudo o que já sabe sobre o texto para tomar como referência ao redigir o resumo.

Sendo assim, a pergunta é: O que você sabe sobre o texto?

Você já sabe que:

- sua finalidade é convencer o leitor de que o racismo não se justifica;
- os argumentos que apresenta para isso são, fundamentalmente, dois: os brasileiros são todos frutos da mistura dos povos que os constituíram; a ideia de raça nem sequer encontra sustentação biológica e genética;
- o texto se organiza em duas partes fundamentais: a primeira apresenta dados históricos sobre a formação da população brasileira – por povos indígenas, africanos, europeus e asiáticos –, enfatizando que a miscigenação, a mistura de todos eles, constituíram o povo brasileiro; a segunda, além de retomar essa ideia, acrescenta a informação das pesquisas científicas.

Essas são, portanto, as informações que devem constar do resumo. Agora é necessário planejar o texto. Antes, porém, é preciso fazer duas observações.

1ª observação

Um resumo acadêmico-escolar é um texto sobre outro texto. A referência a esse material e ao autor, quando se elabora um resumo, é fundamental. Leia o exemplo a seguir, prestando atenção nas palavras marcadas: os elementos ressaltados em laranja são aqueles que fazem referência ao autor e ao texto. Os que foram marcados de azul indicam o que o autor – ou o texto – fazem ao tratar do assunto.

Resumo

Anna Rachel Machado

Leonardo Boff inicia o artigo “A cultura da paz” apontando o fato de que vivemos em uma cultura que se caracteriza fundamentalmente pela violência. Diante disso, o autor levanta a questão da possibilidade de essa violência poder ser superada ou não. Inicialmente, ele apresenta argumentos que sustentam a tese de que seria impossível, pois as próprias características psicológicas humanas e um conjunto de forças naturais e sociais reforçariam essa cultura da violência, tornando difícil sua superação. Mas, mesmo reconhecendo o poder dessas forças, Boff considera que, nesse momento, é indispensável estabelecermos uma cultura da paz contra a da violência, pois esta

estaria nos levando à extinção da vida humana no planeta. **Segundo o autor**, seria possível construir essa cultura, pelo fato de que os seres humanos são providos de componentes genéticos que nos permitem sermos sociais, cooperativos, criadores e dotados de recursos para limitar a violência e de que a essência do ser humano seria o cuidado, **definido pelo autor** como sendo uma relação amorosa com a realidade, que poderia levar à superação da violência. A partir dessas constatações, **o teólogo conclui**, incitando-nos a despertar as potencialidades humanas para a paz, construindo a cultura da paz a partir de nós mesmos, tomando a paz como projeto pessoal e coletivo.

MACHADO, Anna Rachel et al. *Resumo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Esse resumo também poderia começar assim: *O artigo de Leonardo Boff...* e, na continuidade do texto, utilizar expressões como *o texto continua...*, *o texto afirma que...*, e assim por diante.

O resumo que você vai elaborar, portanto, precisa considerar a necessidade de utilizar esse recurso.

2ª observação

Para resumir um texto, você pode utilizar as seguintes **estratégias**:

- Excluir conteúdos que são facilmente deduzíveis, quer dizer, que você acredita que seu leitor vai compreender porque faz parte do conhecimento de mundo dele.
- Suprimir explicações de afirmações apresentadas no texto.
- Eliminar exemplos.
- Omitir argumentos contra a posição defendida no texto.
- Utilizar termos mais genéricos como **crianças**, para *meninos* e *meninas*; **animais** ou **mamíferos**, para *gato*, *cachorro* e *ovelha*.

Veja os exemplos a seguir e pense: Que estratégia foi utilizada em cada um?

Trecho 1

No resumo de um conto podem-se suprimir as descrições de lugar, de tempo, de pessoas ou de objetos, se elas não forem condições necessárias para realização da ação. Por exemplo, se descrever um homem como ciumento for relevante para compreender a história na qual ele será o assassino que matará a esposa, então não se pode suprimir essa informação; mas, se não for importante, pode. Da mesma forma, informar que ele é baixo e gordo.

RESUMO

No resumo de um conto podem-se suprimir as descrições de lugar, de tempo, de pessoas ou de objetos, se elas não forem condições necessárias para realização da ação.

Trecho 2

De manhã, lavou a louça, varreu a casa, tirou o pó e passou a roupa. À tarde, foi ao banco pagar contas, retirar talão de cheques e extrato e, à noite, estudou para a prova do dia seguinte.

Adaptado de MACHADO, Anna Rachel et al. *Resumo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 26.

RESUMO

De manhã, fez trabalhos de casa; à tarde, foi ao banco; e à noite, estudou.

Você deve ter percebido que, no trecho 1, a estratégia utilizada foi a de suprimir o exemplo e, no trecho 2, foi substituir informações por outras mais gerais, que englobassem um conjunto delas.

ATIVIDADE**4****Resumir as informações do artigo lido**

Retome o artigo lido na Atividade 2, *O povo brasileiro*, e marque o que pode ser excluído dele, considerando as estratégias apresentadas na 2ª observação.

Para começar, volte ao texto. Pegue lápis, caneta ou marcador de textos e sinalize todas as informações que você achar que podem ser **excluídas**. Lembre-se de que em um resumo é possível eliminar:

- informações que você acha que não precisam ser escritas, porque o leitor vai poder deduzi-las;
- explicações de afirmações apresentadas no texto;
- exemplos;
- argumentos contra a posição defendida no texto.

Marque com outra cor (ou utilizando dois traços para grifar, se preferir) os aspectos que acredita que podem ser cortados, mas que devem ser considerados

no resumo, mesmo que não vá escrevê-los explicitamente. Se preferir, registre em seu caderno os trechos a serem excluídos.



Planejamento do resumo

Uma vez tendo previsto quais informações podem ser excluídas e quais precisam ser consideradas no resumo, ainda que não sejam apresentadas explicitamente, comece a planejar o seu resumo.

Quando se fala em planejar o resumo, não se trata de indicar as informações que ele conterà, pois isso já foi definido nas Atividades 3 e 4, inclusive considerando quais dados podem ser excluídos. Esse planejamento se refere à previsão de como o texto será organizado – e não às informações que conterà; relaciona-se ao modo como serão organizadas essas informações na etapa da escrita. É o momento em que se tomam decisões sobre: Como começar o texto? Em que ordem serão apresentadas as informações selecionadas? Na escrita haverá referência ao texto ou ao autor (*o artigo lido afirma que...* ou *o autor afirma...*)? De que modo o resumo será terminado? Será indicado para o leitor que o artigo foi organizado em duas partes? Isso ajudaria o leitor a compreender o texto mais facilmente?

A seguir será apresentada uma possibilidade de organização do resumo. Qualquer que seja a proposta, é fundamental saber que o planejamento não é “camisa de força” para o seu texto, podendo ser modificado durante a escrita do resumo.

ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Planejamento do resumo

- Dizer de que trata o artigo lido, reportando-se ao texto pelo título.
- Organizar o resumo referindo-se ao texto, e não ao autor.
- Informar qual posição o texto defende a respeito do assunto.
- Explicitar ao leitor o modo de organização do texto, mencionando quais informações estão contidas em cada parte.
- Terminar com as duas perguntas básicas do texto, uma implícita e outra explícita.

ATIVIDADE 5 A escrita do resumo

Escreva em seu caderno o resumo do artigo lido, considerando as orientações oferecidas a seguir.

Retome as informações anotadas na Atividade 2 e o planejamento do resumo feito na Atividade 4. De posse dos dois registros, é só pensar em escrever o resumo, cuidando muito bem da articulação das ideias para garantir que seu texto fique claro ao leitor, seja ele seu professor (que vai analisar se você compreendeu o texto), seja você mesmo (que vai retomar esse resumo depois, para aprofundar estudos no tema, articulando as posições de vários outros artigos).

É importante compreender que, quando alguém escreve, toma decisões sobre que palavras usar, onde pontuar, quando organizar um parágrafo, por exemplo. Cada uma dessas decisões inclui muitas possibilidades, que não serão erradas ou inadequadas, mas refletirão o estilo de quem está escrevendo.

Por exemplo, para atender ao primeiro tópico do planejamento, existem várias possibilidades de redação:

- O artigo *O povo brasileiro defende a ideia de que o racismo é um comportamento insustentável no Brasil*.
- *Discutir a ideia de que o racismo é inaceitável, especialmente no Brasil, é o objetivo do artigo O povo brasileiro*.
- *A ideia de que o racismo é inaceitável no Brasil é a essência do artigo O povo brasileiro*.

A escolha por uma dessas formas de redação – ou a elaboração de outra possibilidade diferente – é de quem estiver produzindo o resumo, é uma questão de estilo pessoal.

O importante é que, nesse processo, você contemple as informações essenciais do artigo (indicadas nas Atividades 3 e 4), que a redação facilite a compreensão do leitor e que a escrita seja correta gramaticalmente.

HORA DA CHECAGEM

Confira, agora, as respostas dadas a cada uma das atividades.

Atividade 1 - Antecipando possíveis conteúdos do texto

Você deve ter respondido que o título remetia a algum assunto relacionado ao povo brasileiro como um todo, por exemplo, à sua formação, ao seu modo de pensar, às suas características. Quando

se descobre qual é a fonte, primeiro vê-se que a intenção é o combate ao racismo. Como se sabe que isso pode ter a ver com os diferentes povos que formaram a nação brasileira, deduz-se que o assunto talvez seja falar dessa formação para chegar ao problema do preconceito racial. Outra informação relacionada ao título – a de que se trata de um almanaque que discutiria questões afro-brasileiras – leva a imaginar que o preconceito que será abordado é o contra os negros, e não contra outros povos, como os indígenas, por exemplo.

Atividade 2 - Hora de ler e reler o texto para começar a compreendê-lo melhor

Parte	Assunto geral
1 (do 1º ao 6º parágrafo)	Apresentar dados históricos a respeito da colonização do Brasil por diversos povos, por que e quando vieram.
2 (do 7º ao 12º parágrafo)	Apresentar a posição do texto a respeito do racismo, utilizando as informações da parte 1 como argumento e incluindo um novo argumento relacionado à pesquisa da biologia e da genética.

Atividade 3 - O que diz cada parte do texto?

Requer uma resposta como a que consta do quadro a seguir.

Parte	Perguntas para aprofundar a compreensão	Respostas encontradas
1	<p>Quais povos são citados?</p> <p>Como a vinda deles para o Brasil é justificada?</p> <p>Que diferença podem fazer os motivos pelos quais esses povos vieram quando se pensa na tese do texto, que é combater o racismo?</p> <p>De que maneira essas informações são utilizadas para a defesa do posicionamento do texto?</p> <p>Pensando na finalidade do texto – combater o racismo –, de que modo essa parte se relaciona com a segunda?</p>	<p>São citados povos indígenas (habitantes naturais do Brasil), europeus, africanos, asiáticos.</p> <p>Portugueses vieram para explorar o Brasil com a intenção de enriquecer e conseguir maior prestígio social.</p> <p>Africanos foram trazidos para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar. Vieram com muitos outros conhecimentos além da prática agrícola: de tecelões, ferreiros, artesãos.</p> <p>Europeus e asiáticos vieram para fugir das guerras ou conseguir uma vida melhor do que no país deles.</p> <p>Saber desses motivos esclarece que o povo que veio para cá com a intenção explícita de explorar o Brasil foi o português. Os africanos vieram escravizados, para trabalhar na terra, e trouxeram outros saberes. Os demais migraram, para construir algo neste país, que elegeram como sua nova pátria. Quando se lê o texto, parece que a intenção é enaltecer os povos – menos o português –, em especial os africanos.</p> <p>A mistura entre todos esses povos é utilizada para afirmar que o brasileiro é fruto da miscigenação, o que também é tomado como argumento contra o preconceito racial: todos os brasileiros possuem, na sua origem, esses povos; se é assim, como podem ter preconceito?</p>

Parte	Perguntas para aprofundar a compreensão	Respostas encontradas
2	<p>De que modo esta parte se articula com a primeira?</p> <p>Para que servem as informações apresentadas na primeira parte? Elas são retomadas nesta parte?</p> <p>Que novas informações são apresentadas nesta parte?</p> <p>Que uso é feito dessas informações?</p>	<p>Essa parte se articula com a primeira com a retomada da ideia de miscigenação. Ela remete o leitor às suas próprias origens, de modo enfático, solicitando que examine sua ascendência.</p> <p>Afirma-se que as pessoas ainda acham que as relações raciais no Brasil são harmônicas.</p> <p>O texto retoma a História para informar que, no início da colonização, os europeus desqualificaram os povos indígenas e africanos, considerando-os inferiores.</p> <p>Para finalizar, o texto resgata pesquisas científicas, dizendo que elas provaram que, do ponto de vista genético, nada há que sustente a definição de raça, pois características externas do homem, como cor da pele, formato do nariz, pelos são atribuídas à capacidade de adaptação ao ambiente.</p> <p>O texto se coloca contra o racismo apresentando duas razões básicas: a) todos os brasileiros são resultados da mistura; então, como ser preconceituosos contra si mesmos? b) as características anteriormente atribuídas às diferentes raças mostraram-se não genéticas, o que não sustenta sequer o conceito de raça.</p>

Atividade 4 - Resumir as informações do artigo lido

A resposta pode ser como a que consta no quadro a seguir. O que foi ressaltado de laranja são os trechos passíveis de serem excluídos. O que foi salientado de azul são as ideias que precisam ser consideradas, embora não seja necessário explicitá-las.

O povo brasileiro

Rosa Margarida de Carvalho Rocha

Antes da chegada de Cabral, já existiam nesta terra aproximadamente seis milhões de habitantes, de diferentes povos indígenas. Cada povo tinha seus costumes, sua língua, suas crenças, seu modo de vida.

Os portugueses colonizadores tinham como objetivo explorar as riquezas do Brasil.

Chegaram aqui, portanto, pensando em ganhar dinheiro e prestígio social.

Com esse propósito, iniciaram, em 1502, a exploração do pau-brasil. Embora esta extração tivesse começado dois anos após o descobrimento, a fixação dos portugueses na Colônia só ocorreu, de fato, com o cultivo da cana-de-açúcar.

No século XVI, negros africanos foram trazidos à força para trabalhar nas lavouras como escravos. Desembarcaram no Brasil negros de diferentes nações africanas. Traziam conhecimentos agrícolas de como trabalhar o bronze, o cobre, o ouro e a madeira. Havia também, entre eles, muitos tecelões, ferreiros e artesãos.

Financiados pelos governos provinciais e imperial, imigrantes de variadas nacionalidades aqui estiveram. Italianos, espanhóis, russos, ucranianos, turcos, sírios, japoneses e chineses vieram trabalhar no Brasil, fugindo das guerras ou para conseguir vida melhor do que na sua terra.

Formou-se, então, no Brasil, uma grande mistura racial. O Brasil se tornou um país mestiço.

Mas existem pessoas que não aceitam isso. Se você é uma delas, basta investigar os seus antepassados: de onde você veio? E seu avô? E sua avó? E seus bisavós?

Nas veias da maioria dos brasileiros corre sangue índio, negro e branco.

Muitas pessoas ainda acreditam que, no Brasil, as relações raciais são totalmente harmônicas, isto é, vivemos em uma verdadeira “democracia racial”. A história não é bem assim, não!

No início da colonização, a elite brasileira considerava índios e negros como seres inferiores, enaltecia apenas a sua própria cultura e desqualificava os valores culturais desses dois povos.

Houve, sim, miscigenação entre brancos, negros e índios, mas isto não impediu que se formasse, no Brasil, uma sociedade racista.

Carregamos, dentro de nós, a herança de todas as culturas e sabemos, hoje, pelas mais modernas experiências feitas no campo da biologia e da genética, que as várias características externas do ser humano como a cor da pele, o formato do nariz, os pelos são apenas formas de adaptação do ser humano ao ambiente. A estrutura genética é idêntica nos vários grupos humanos. Fica a indagação: se, geneticamente, não há como definir raça, por que existir racismo, então?

ROCHA, Rosa Margarida de C. *Almanaque pedagógico afro-brasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo cotidiano escolar*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

Atividade 5 - A escrita do resumo

Quando alguém escreve, toma decisões sobre que palavras usar, onde pontuar, quando organizar um parágrafo, por exemplo. Cada uma dessas decisões inclui muitas possibilidades, que não serão erradas ou inadequadas, mas refletirão o estilo de quem está escrevendo. Por isso, você deve compreender que a sugestão que será apresentada a seguir é apenas uma possibilidade de escrita para o resumo planejado.

Resumo do artigo *O povo brasileiro*

O artigo *O povo brasileiro* defende a ideia de que o racismo no Brasil é um comportamento insustentável.

Para embasar essa posição, afirma que o brasileiro tem na sua origem a mistura de todos os povos que, historicamente, constituíram este País. Informa que o preconceito contra os povos indígenas e africanos começou na colonização, quando a elite brasileira depreciava a cultura deles e os considerava inferiores.

Neste tema, você vai elaborar um resumo acadêmico de um artigo que lhe será apresentado, considerando todos os procedimentos estudados nos diferentes momentos do Tema 1.

A intenção do trabalho é, portanto, possibilitar o exercício dos procedimentos e das estratégias necessários à elaboração do resumo acadêmico de um texto lido.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

No tema anterior, você estudou os diferentes procedimentos e estratégias que precisam ser utilizados na elaboração de um resumo que informe adequadamente o leitor sobre o assunto do texto. Considerando esse estudo, responda:

- O que você considerou mais difícil nesse processo? Por quê?

- O que você considerou mais fácil? Por quê?



Orientações iniciais para a elaboração do resumo

O estudo inicial foi feito no primeiro tema. Já é possível ter uma ideia mais clara de tudo o que está envolvido na elaboração do resumo acadêmico de um texto.

Agora, a proposta é que você elabore seu resumo de maneira independente, considerando tudo o que foi estudado até o momento.

Comece pela leitura do texto.

O artigo que você vai ler intitula-se *Justiça social – justiça ecológica*, e foi elaborado por Leonardo Boff.

ATIVIDADE

1

Elaboração independente de resumo

Para dar início ao trabalho, siga as orientações seguintes, retomando o que foi estudado no Tema 1 desta Unidade:

- Analise o título, articule-o às informações sobre o autor e levante hipóteses sobre o assunto do texto, de posições que serão apresentadas a respeito, por exemplo. (Para tanto, consulte a Atividade 1 do Tema 1.)
- Leia o texto por inteiro, orientando-se pelas antecipações que realizou. Registre as primeiras impressões e as informações iniciais que pode obter. Elabore novas perguntas a partir das anotações. Preste atenção não apenas no conteúdo do texto, mas também na maneira como foi organizado, e inclua esse aspecto nas questões. Elas devem orientar sua segunda leitura. (Para mais esclarecimentos, retome a Atividade 2 do Tema 1.)

Lembre-se: caso encontre palavras cujo sentido desconheça e não consiga deduzi-lo durante a leitura, você pode consultar o dicionário (ou perguntar para alguém).

- Releia o texto procurando responder às novas questões que apresentou. Registre as respostas, focalizando, também, a organização do texto. (Tal como você fez na Atividade 2 do Tema 1.)
- Organize o planejamento do seu texto considerando as informações obtidas nos dois primeiros itens destas orientações. Depois, volte ao artigo e grife o que pode ser suprimido e resalte com marcador de texto o que deve ser incluído, embora precise ser reformulado. (Se necessário, retome a Atividade 4 do Tema 1.)
- Redija seu resumo de acordo com o planejamento e a seleção de informações que você fez. Articule as ideias do texto, de modo que fique claro para o leitor. Lembre-se: como se trata de um resumo, seu texto deve, necessariamente, ficar bem menor que o texto-fonte. (Se precisar, consulte a Atividade 5 do Tema 1.)

O artigo a ser lido é o que segue.

Justiça social – justiça ecológica

Leonardo Boff

Entre os muitos problemas que assolam a humanidade, dois são de especial gravidade: a injustiça social e a injustiça ecológica. Ambos devem ser enfrentados conjuntamente se quisermos pôr em rota segura a humanidade e o planeta Terra.

A injustiça social é coisa antiga, derivada do modelo econômico que, além de depredar a natureza, gera mais pobreza que pode **gerenciar** e superar. Ele implica

grande acúmulo de bens e serviços de um lado à custa de clamorosa pobreza e miséria de outro. Os dados falam por si: há um bilhão de pessoas que vive no limite da sobrevivência com apenas um dólar ao dia. E há 2,6 bilhões (40% da humanidade) que vivem com menos de dois dólares diários. As consequências são perversas. Basta citar um fato: contam-se entre 350-500 milhões de casos de malária com um milhão de vítimas anuais, evitáveis.

Essa antirrealidade foi por muito tempo mantida invisível para ocultar o fracasso do modelo econômico capitalista feito para criar riqueza para poucos, e não bem-estar para a humanidade.

A segunda injustiça, a ecológica, está ligada à primeira. A devastação da natureza e o atual aquecimento global afetam todos os países, não respeitando os limites nacionais nem os níveis de riqueza ou de pobreza. Logicamente, os ricos têm mais condições de adaptar-se e **mitigar** os efeitos danosos das mudanças climáticas. Face aos eventos extremos, possuem refrigeradores ou aquecedores e podem criar defesas contra inundações que assolam regiões inteiras. Mas os pobres não têm como se defender. Sofrem os danos de um problema que não criaram. [...]

Essa injustiça ecológica dificilmente pode ser tornada invisível como a outra, porque os sinais estão em todas as partes, nem pode ser resolvida só pelos ricos, pois ela é global e atinge também a eles. A solução deve nascer da colaboração de todos, de forma diferenciada: os ricos, por serem mais responsáveis no passado e no presente, devem contribuir muito mais com investimentos e com a transferência de tecnologias, e os pobres têm o direito a um **desenvolvimento ecologicamente sustentável**, que os tire da miséria.

Seguramente, não podemos negligenciar soluções técnicas. Mas sozinhas são insuficientes, pois a solução global remete a uma questão prévia: ao **paradigma** de sociedade que se reflete na dificuldade de mudar estilos de vida e hábitos de consumo. Precisamos da solidariedade universal, da responsabilidade coletiva e do cuidado por tudo o que vive e existe (não somos os únicos a viver neste planeta nem a usar a biosfera). É fundamental a consciência da interdependência entre todos e da unidade Terra e humanidade. Pode-se pedir às gerações atuais que se **rejam** por tais valores se nunca antes foram vividos globalmente? Como operar essa mudança que deve ser urgente e rápida?

Talvez somente após uma grande catástrofe que afligiria milhões e milhões de pessoas poder-se-ia contar com essa radical mudança, até por instinto de sobrevivência. A metáfora que me ocorre é esta: nosso país é invadido e ameaçado de destruição por

alguma força externa. Diante dessa **iminência**, todos se uniriam, para além das diferenças. Como numa economia de guerra, todos se mostrariam cooperativos e solidários, aceitariam renúncias e sacrifícios a fim de salvar a pátria e a vida. Hoje a pátria é a vida e a Terra ameaçadas. Temos que fazer tudo para salvá-las.

[...]

leonardoboff.com. 12 mar. 2010. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/2010/mar12.htm>> Acesso em: 29 ago. 2014.



Glossário

Desenvolvimento ecologicamente sustentável

Desenvolvimento com a produção e a preservação de toda forma de existência que não comprometa a qualidade de vida das gerações futuras e a sua capacidade de satisfazer as suas próprias necessidades. Quando se fala em desenvolvimento nessa perspectiva, aborda-se o desenvolvimento econômico e social, assim como a realização humana e cultural.

Gerenciar

Administrar, gerir, dirigir.

Iminência

Algo que vai acontecer muito em breve, em um tempo extremamente curto.

Mitigar

Diminuir, suavizar, abrandar, atenuar.

Paradigma

Modelos de compreensão do mundo elaborados pela cultura.

Reger

Guiar, orientar, dirigir.

A revisão do resumo

Antes de finalizar seu resumo, releia-o e veja se encontra algum aspecto que precisa ser refeito. Consulte o quadro a seguir e analise seu trabalho, anotando elementos que pedem reformulação. Depois, reescreva o texto, corrigindo-o, complementando-o, alterando trechos, caso seja necessário. Cuide da correção gramatical e ortográfica.

Orientações para revisão de resumo acadêmico-escolar			
Aspectos a ser considerados	Sim	Não	O que preciso fazer
Você apresentou o artigo lido, indicando título e autoria?			
Você indicou o assunto de que trata o texto?			
Você apresentou a posição que o autor assume no texto a respeito do assunto?			
Você explicitou os argumentos utilizados para a defesa da posição apresentada no texto?			

Orientações para revisão de resumo acadêmico-escolar			
Aspectos a ser considerados	Sim	Não	O que preciso fazer
Há referências ao modo como o texto lido foi organizado internamente?			
Você cuidou para que as relações entre as ideias do artigo lido estivessem corretamente apresentadas no resumo?			
Ficou claro no resumo que as ideias sintetizadas não são suas, mas do texto, do autor?			
Ao ler o resumo, o leitor consegue recuperar com facilidade as ideias do texto-base?			
O texto utiliza uma linguagem que os leitores podem entender?			
Ao reler seu texto, teve dificuldade para compreender algum trecho? (Se teve, anote qual trecho foi para revisá-lo com mais cuidado.)			
Considera que pontuou o texto procurando garantir que o leitor compreenda o que você quis dizer? (Se percebeu trechos que precisam de ajustes, marque-os para corrigi-los em seguida.)			
E quanto à paragrafação? Há outros parágrafos que poderiam ser marcados? (Se houver, anote o trecho e corrija depois.)			
O texto foi escrito fazendo referência ao texto, ao autor, com elementos como “O artigo lido” ou “O autor do texto”?			
As palavras foram escritas com ortografia correta (incluindo-se a acentuação e a translineação)?			
Observações para a revisão			

Você estranhou a palavra *translineação*? Não se preocupe, não! Translineação nada mais é que a separação adequada das palavras ao final da linha, nos casos em que não cabem por inteiro na linha em que foram começadas.



Elaborar um resumo é uma prática comum nos ambientes escolares. Ao ler para estudar, dentro ou fora da escola, é importante utilizar diferentes procedimentos de estudo e de apoio à leitura, como resumos, fichamentos, resenhas, anotações, esquemas, entre outros. Reflita sobre quais são os procedimentos que você já costuma utilizar quando está estudando e quais ainda não conhece e converse sobre isso com o professor do CEEJA. Se desejar, assista também ao vídeo de orientação de estudo *Estudar também se aprende* que acompanha o material.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Elaboração independente de resumo

Você deveria ter seguido passo a passo todas as orientações oferecidas no Tema 1 da Unidade. Para auxiliá-lo na análise do seu artigo, considere as orientações apresentadas a seguir.

Ideias fundamentais do texto:

- O texto trata de dois tipos de injustiça atuais: a social e a ecológica, que estão inter-relacionadas.
- Injustiça social: decorre do modelo econômico fracassado que prevê acúmulo de bens e serviços de um lado, e, de outro, pobreza e miséria; que, em razão do acúmulo de bens, depreda a natureza e proporciona mais pobreza do que pode gerenciar e superar.
- Injustiça ecológica: é consequência da anterior. É injustiça porque ricos podem reagir a ela, mas pobres, não. Por outro lado, não pode ser resolvida só por ricos. É preciso esforço comum, mas por meio de uma colaboração justa, que preveja a ação de cada um de acordo com suas possibilidades e que proporcione ao pobre uma vida ecologicamente sustentável que o tire da miséria.
- A solução das duas injustiças se relaciona, pois depende da revisão do paradigma de sociedade que define o modo de vida e os hábitos de consumo das pessoas.
- Necessidade para a solução: consciência da interdependência entre todos e entre a Terra e a humanidade; solidariedade universal; responsabilidade coletiva; cuidado por toda forma de vida existente.

Possibilidade de organização interna do resumo

- Apresentar a discussão fundamental do texto, falando das duas injustiças identificadas e de como o texto considera que devam ser enfrentadas.

- Definir injustiça social, de acordo com o texto lido.
- Definir injustiça ecológica, de acordo com o texto lido.
- Apresentar a solução para ambas, de acordo com o texto lido, especificando as condições colocadas nele para que isso seja possível.
- Referir-se às ideias como sendo do texto – por exemplo: “O texto afirma que...”, “O artigo considera que...”; ou ao autor, como: “O autor afirma que...”, “Boff considera que...”, “O escritor defende a ideia de que...”.

Informações que podem ser excluídas (ressaltadas em laranja) e outras que precisam estar contidas no resumo, embora não seja necessário explicitá-las (ressaltadas em azul):

Justiça social – justiça ecológica

Leonardo Boff

Entre os muitos problemas que assolam a humanidade, dois são de especial gravidade: a injustiça social e a injustiça ecológica. Ambos devem ser enfrentados conjuntamente se quisermos pôr em rota segura a humanidade e o planeta Terra.

A injustiça social é coisa antiga, derivada do modelo econômico que, além de depredar a natureza, gera mais pobreza que pode gerenciar e superar. Ele implica grande acúmulo de bens e serviços de um lado, à custa de clamorosa pobreza e miséria de outro. **Os dados falam por si: há um bilhão de pessoas que vive no limite da sobrevivência com apenas um dólar ao dia. E há 2,6 bilhões (40% da humanidade) que vivem com menos de dois dólares diários. As consequências são perversas. Basta citar um fato: contam-se entre 350 e 500 milhões de casos de malária com um milhão de vítimas anuais, evitáveis.**

Essa antirrealidade foi por muito tempo mantida invisível para ocultar o fracasso do modelo econômico capitalista feito para criar riqueza para poucos, e não bem-estar para a humanidade.

A segunda injustiça, a ecológica, está ligada à primeira. A devastação da natureza e o atual aquecimento global afetam todos os países, não respeitando os limites nacionais nem os níveis de riqueza ou de pobreza. Logicamente, os ricos têm mais condições de adaptar-se e mitigar os efeitos danosos das mudanças climáticas. **Face aos eventos extremos, possuem refrigeradores ou aquecedores e podem criar defesas contra inundações que assolam regiões inteiras.** Mas os pobres não têm como se defender. **Sofrem os danos de um problema que não criaram. [...]**

Essa injustiça ecológica **difícilmente pode ser tornada invisível como a outra, porque os sinais estão em todas as partes, nem pode ser resolvida só pelos ricos, pois ela é global e atinge também a eles.** A solução deve nascer da colaboração de todos, de forma diferenciada: os ricos, **por serem mais responsáveis no passado e no presente,** devem contribuir muito mais com investimentos e com a transferência de tecnologias, e os pobres têm o direito a um desenvolvimento ecologicamente sustentável, que os tire da miséria.

Seguramente, não podemos negligenciar soluções técnicas. Mas sozinhas são insuficientes, pois a solução global remete a uma questão prévia: ao paradigma de sociedade que se reflete na dificuldade de mudar estilos de vida e hábitos de consumo. Precisamos da solidariedade universal, da responsabilidade coletiva e do cuidado por tudo o que vive e existe (não somos os únicos a viver neste planeta nem a usar a biosfera). É fundamental a consciência da interdependência entre todos e da unidade Terra e humanidade. **Pode-se pedir às gerações atuais que se rejam por tais valores se nunca antes foram vividos globalmente? Como operar essa mudança que deve ser urgente e rápida?**

Talvez somente após uma grande catástrofe que afligiria milhões e milhões de pessoas poder-se-ia contar com essa radical mudança, até por instinto de sobrevivência. A metáfora que me ocorre é esta: nosso país é invadido e ameaçado de destruição por alguma força externa. Diante dessa iminência, todos se uniriam, para além das diferenças. Como numa economia de guerra, todos se mostrariam cooperativos e solidários, aceitariam renúncias e sacrifícios a fim de salvar a pátria e a vida. Hoje a pátria é a vida e a Terra ameaçadas. Temos que fazer tudo para salvá-las.

[...]

leonardoboff.com. 12 mar. 2010. Disponível em: <<http://leonardoboff.com/site/vista/2010/mar12.htm>> Acesso em: 29 ago. 2014.

Possibilidade de textualização (escrita) do resumo:

Resumo do artigo *Justiça social – justiça ecológica*, de Leonardo Boff

Leonardo Boff, no artigo *Justiça social – justiça ecológica*, discute a existência de dois tipos de injustiça que penalizam a humanidade hoje: a social e a ecológica.

O autor define a **primeira**, a injustiça social, como sendo decorrente do modelo econômico vigente que, por estar baseado no acúmulo de bens e serviços, depreda a natureza, gerando pobreza e miséria.

A **segunda**, a injustiça ecológica, é caracterizada pelo autor como aquela que está relacionada estreitamente à primeira, sendo consequência dela. Por esse motivo, não pode ser solucionada apenas pelos ricos, de modo isolado, sendo necessária a colaboração coletiva. Boff faz questão de afirmar que essa colaboração deve ser justa, igualitária, cada um participando de acordo com suas possibilidades. Sugere que os ricos contribuam, com investimentos e transferência de recursos e tecnologia, de tal maneira que os pobres possam viver de modo ecologicamente sustentável, superando a miséria.

O autor também salienta que as soluções técnicas, sozinhas, não podem resolver o problema, pois a raiz dessa injustiça está no modelo econômico que determina o modo de vida das pessoas, com hábitos de consumo prejudiciais ao planeta.

Leonardo Boff afirma, ainda, que a solução das duas injustiças depende dos seguintes fatores: consciência da interdependência entre todos e entre a Terra e a humanidade; solidariedade universal; responsabilidade coletiva; cuidado por toda forma de vida existente.

